

O pai tá OFF: os impactos da contemporaneidade sobre o sujeito

Renata Wirthmann
(Organizadora)


Letras do Cerrado
EDITORA UNIVERSITÁRIA

Renata Wirthmann
(Organizadora)

O pai tá OFF: os impactos da contemporaneidade sobre o sujeito



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO

Reitora

Roselma Lucchese

Vice-Reitor

Cláudio Lopes Maia

Coordenador da Editora

José Luís Solazzi

Editoração

Leonardo Ferreira Prado

Conselho Editorial

Antônio Fernandes Júnior

André Carlos Silva

André Vasconcelos da Silva

Alexandre de Assis Bueno

Domingos Lopes da Silva Júnior

Estevane de Paula Pontes Mendes

Helder Nagai Consolaro

José Luís Solazzi

Copyright © 2024LETRASDOCERRADO

A imagem da capa foi utilizada da obra "Asylum" teve seu direito de uso autorizado pela autora Patrícia Ferreira.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Elaborada pelo bibliotecário-documentalista
Marcio Luiz Fernandes Barbosa (CRB 1/3161)

O pai da OFF: [livro eletrônico] os impactos da contemporaneidade sobre o sujeito. / organizado por Renata Wirthmann. – Catalão (GO) : Ed. Letras do Cerrado, 2024.
110 p. : il.

Bibliografia

Modo de Acesso: WWW

Publicação digital (e-book) no formato PDF.

ISBN: 978-85-93870-55-2

1. Psicanálise. 2. Corpo. 3. Sujeito - contemporaneidade. I. Wirthmann, Renata (Org.). II. Título.

CDU: 159.964.2"654"

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO: O SUJEITO NA COTEMPORANEIDADE - Renata Wirthmann	2
1. O PAI TÁ OFF: O REAL NO SÉCULO XXI, A INTERNET E OS SEUS EFEITOS NA VIDA DO SUJEITO - 2. Marcelo Junior de Souza Honório e Renata Wirthmann	8
2. ANÁLISE DO MITO DE ADÃO E EVA E OS IMPACTOS NA CONTEMPORANEIDADE - Luami Venâncio e Renata Wirthmann	23
3. O CORPO EM TRANSBORDAMENTO E O EXCESSO DE GOZO NA CONTEMPORANEIDADE - Maria Eduarda Leão e Renata Wirthmann	41
4. O SUJEITO CONTEMPORÂNEO: ADOLESCÊNCIA E VIOLÊNCIA EM ESCOLAS NO PÓS-PANDEMIA DA COVID-19 Carmem Lúcia Costa e Renata Wirthmann	60
5. “O TEMPO É IRREALIZÁVEL”: ENVELHECER NA CONTEMPORANEIDADE - Nadilah Bueno e Renata Wirthmann	82
Apresentação dos autores	107

APRESENTAÇÃO: O SUJEITO NA COTEMPORANEIDADE

Renata Wirthmann

O termo psicanálise foi criado por Freud em 1896 e estava diretamente relacionado ao desenvolvimento de um novo tipo de tratamento pela fala que visava, a partir de uma relação transferencial entre analisando e analista, a investigação do inconsciente. Entretanto, nessa mesma época, assistimos à psicanálise se fundar não só como um novo método de tratamento, mas, também, como uma nova forma de pensamento, que surgiu da cultura e que iria, a partir daquele momento, passar a influenciar essa mesma cultura. E hoje, no século XXI, cerca de 120 anos após a invenção da psicanálise, quais os efeitos dos impasses da cultura sobre o sujeito nos tempos atuais ou, ainda, quais os impactos da contemporaneidade sobre o sujeito?

Para a psicanálise lacaniana o sujeito é efeito de linguagem, não nasce ou se desenvolve. O sujeito é atemporal, aos moldes do inconsciente freudiano, e se constitui a partir do campo da linguagem. Podemos afirmar, portanto, que não existe sujeito inato ou biológico. O corpo biológico, suas sinapses nervosas e seu funcionamento fisiológico são a base orgânica sobre a qual o sujeito poderá se articular a partir da linguagem que o constituiu.

Se a psicanálise considera o sujeito a partir desta perspectiva, temos que apontar para a raiz histórica, geográfica, econômica e social da linguagem e, conseqüentemente, para o impacto sobre o sujeito que advém desta. Como sabemos, o mundo está em constante e acelerada modificação. Tais modificações impactam na linguagem, na cultura, na sociedade e, por conseguinte, no sujeito.

Lacan propôs o termo *Outro*, com O maiúsculo, como categoria que permite articular o lugar onde a linguagem já está mesmo antes de nascermos. O *Outro* designa, desde o primeiro adulto que cuidará do bebê ao nascer (*Outro* materno), passando por seus substitutos como o Pai, Professores, até o amplo cenário do mundo sócio-histórico-social onde estamos inseridos.

Um excelente modo de compreender o sujeito lacaniano é percebê-lo como um ato de resposta ou uma resposta dada em ato como resultado do encontro com o *Outro*. Essa resposta implica que o *Outro* convoque ou provoque o sujeito a advir. De onde viria essa primeira manifestação do *Outro* sobre o sujeito que virá-à-ser?

Essa relação entre pergunta e resposta, Outro e Sujeito, nos dá notícias de que já havia um discurso, um desejo e uma demanda sendo articulados antes de cada um de nós nascermos. O mundo já estava estruturado e ordenado à espera, e na expectativa, de um sujeito se constituir. Temos uma pré-história como sujeito que começou, portanto, antes mesmo de sermos feto ou recém-nascidos, mas que só conheceremos a posteriori, retroativamente, quando, já munidos de linguagem, formos apresentados à esta pré-história de nós mesmos.

Definido o sujeito, vamos definir a contemporaneidade. Podemos constatar, sem grandes dificuldades, que o século XXI é marcado pela busca desenfreada de satisfação imediata e pela modificação radical da relação do sujeito com o tempo. O tempo, na atualidade, se tornou sinônimo de urgência e velocidade. O imediatismo se impõe como uma das marcas da cultura contemporânea e pode ser observado nos nossos consumos, na nossa relação com nosso corpo, com as pessoas e com o trabalho.

Podemos verificar tal imposição de intensidade e velocidade da contemporaneidade na nossa vida cotidiana, por exemplo, na alimentação – com os fast-foods e os serviços de entrega em tempo recorde; no mercado de trabalho com a virtualização das empresas para serem acessadas pelo trabalhador 24h/dia e de qualquer lugar; na educação com progressiva redução da carga horária exigidas nos cursos de graduação; nas relações sociais e amorosas com a plataformização das formas de conhecer, conversar e se relacionar com as pessoas; no modo de consumir e comprar com dezenas de apps de lojas na tela do celular; nas formas de lazer com incontáveis streaming e lançamentos diários de séries para maratonar.

De um modo menos evidente, porém extremamente nocivo, percebemos que essas características da contemporaneidade já imprimem suas marcas, também, sobre a saúde mental. O sujeito na contemporaneidade tem buscado, cada vez mais, aplacar seu sofrimento psíquico, através de apps de IA que prometem te escutar a qualquer hora do dia ou da noite. O sujeito parece supor que tais desabafos catárticos, e sem elaboração, seriam capazes de restaurar suas condições emocionais ou aplacar seu sofrimento psíquico. Entretanto, desde a fundação da psicanálise com Freud, já sabemos que os efeitos da catarse são apenas rasos e provisórios, não resultando em modificações profundas ou duradouras e, conseqüentemente, levando ao agravamento do sofrimento que seguirá sendo negligenciado diante de um falso e ilusório tratamento.

Outra preocupante marca da contemporaneidade sobre a saúde mental é o aumento de diagnósticos e consequentemente medicalização do sofrimento para todas as idades. Cada queixa tem encontrado, rapidamente, encaixe em algum ou muitos diagnósticos e, consequentemente, prescrições medicamentosas. Essa equação, marcada por queixa-diagnóstico-prescrição, tem sido, frequentemente, repetida sem rigor, elaboração ou crítica. Temos assistidos um assustador aumento de diagnósticos, da medicalização e do surgimento de práticas que prometem uma solução mágica e momentânea para cada mal-estar. Estamos avançando, cada vez mais, para uma indústria farmacêutica voltada, fundamentalmente, para sanar o mal-estar da existência humana. As farmacêuticas e, consequentemente, os médicos munidos de seus bloquinhos de receitas e suas canetas rápidas ou de suas plataformas de prescrição eletrônicas que prescrevem, de modo ainda mais fácil e rápido, com um click, têm oferecido medicações para todas as funções do eu: remédio para dormir e para acordar, para comer e parar de comer, para transar, estudar, lembrar, sorrir, acalmar, esperar... Na contemporaneidade parece haver um mercado disposto a vender a promessa de uma existência sem sofrimento, com uma medicação específica para cada mal-estar da condição humana e da existência.

Essa importante marca da atualidade, o consumo, tanto de produtos quanto de conteúdos, esse devorar de coisas e ideias, tem exercido um papel drástico sobre o sujeito. Para conseguir consumir mais, sem privar-se de nada, o tempo, o corpo e as condições financeiras se tornar ainda mais insuficientes. A vida está cada vez mais cara, mas a renda não tem aumentado na mesma proporção, pelo contrário. O tempo, por sua vez, segue sendo o mesmo e o dia continua, apenas, com 24 horas. Nosso corpo, segue tendo a mesma estrutura física e necessidade de alimentação de descanso. Diante de um tempo, um corpo e condição financeira sempre insuficientes, cobramos, de cada um de nós, a ampliação e a sobreposição de estímulos. Aumenta-se a exigência do consumo de coisas e ideias e, por conseguinte, torna-se necessário o uso de um tipo atenção que maximize nosso desempenho. A chamada técnica da multitarefa passa a ser um dos meios do sujeito dividir a sua atenção, na tentativa de abarcar todos os estímulos que deseja alcançar, sem aceitar abrir mão de nada.

Essa explosão de estímulos ininterruptos, proporcionados, sobretudo pelas nossas telas individuais de celular, do bebê ao idoso em que cada um tem sua própria tela e pode nela imergir ininterruptamente, tem levado, por outro lado à uma

intolerância ao descanso, ao silêncio, ao vazio, resultando num rápido estado de tédio, mesmo em crianças muito pequenas.

O resultado, entretanto, parece ser o oposto do que se vende. Vende-se saúde, encontra-se adoecimento. Vende-se satisfação, encontra-se insanidade. Vende-se interação social, encontra-se solidão. Nunca tivemos tantas formas de nos contactar uns com os outros, mas nunca estivemos tão incapazes de nos comunicar.

Percebemos que cada sujeito vem se tornando, assim, uma pequena ilha, dentro do seu quarto, dentro da sua tela, dentro das suas ideias enrijecidas, pronto para compartilhar uma informação sem avaliar sua veracidade; a emitir opinião sem dominar minimamente o assunto e a esbravejar a cada discordância. Qual parece ser o resultado de todo esse circuito? Temos assistido o adoecimento, cada vez mais precoce, do sujeito. Diante de uma contemporaneidade marcada pelo precário e pelo efêmero, com o predomínio do imediato e sem tempo para elaboração, encontramos um sujeito cada vez mais adoecido, agressivo, paranóico, impulsivo, disruptivo e conflitivo.

Importante ressaltar ainda o quanto a pandemia parece ter acentuado e acelerado as modificações que temos assistido. A pandemia se mostrou devastadora em todo mundo. Do ponto de vista psicanalítico, podemos considerar a pandemia como o atravessamento do Real. O Real lacaniano é sem lei e, portanto, imprevisível, não simbolizável e não organizado cronologicamente. A pandemia, como Real que atravessa o sujeito, passou a determinar e imprimir sua marca sobre o tempo, as rotinas, obrigações e desejos do sujeito. Tudo ficou em suspenso devido ao atravessamento da pandemia: nossos calendários acadêmicos, retorno das atividades econômicas, orçamento público, planejamentos de viagens etc. O resultado dessa suspensão, que aconteceu a despeito da vontade do sujeito, ofereceu, durante o percurso da pandemia, uma difícil dimensão desconhecida e incalculável com importantes impactos para o sujeito e para a cultura.

Diante do conceito psicanalítico de sujeito e das considerações acerca da contemporaneidade, convidamos a aprofundar, detalhadamente sobre este importante enlace entre sujeito e contemporaneidade a partir da psicanálise de Freud e Lacan, nos capítulos que se seguem. Para isso organizamos cinco capítulos.

O primeiro capítulo, que inspirou o título do livro, foi nomeado como "O PAI TÁ OFF: O REAL NO SÉCULO XXI, A INTERNET E OS SEUS EFEITOS NA VIDA DO SUJEITO". Este primeiro capítulo tem por objetivo discutir sobre os impactos do real

no século XXI na vida dos sujeitos, sobre como a internet, umas das principais ferramentas tecnológicas da contemporaneidade, vem nos atravessando na atualidade. Para um melhor entendimento falaremos sequencialmente sobre o conceito de real para a psicanálise lacaniana, sobre o que vem a ser na contemporaneidade dado o declínio da metáfora Nome-do-Pai, sobre a internet enquanto parte de uma nova metáfora e a experiência que se tem em sua ausência e em sua presença.

O segundo capítulo do livro "Análise do Mito de Adão e Eva e os impactos na contemporaneidade" pretende debater sobre a questão do feminino na contemporaneidade a partir da hipótese de que a Bíblia não descreveu o homem e a mulher a partir da experiência, mas que a Bíblia os inventou, simbolicamente. Diante da potência e calcificação desta invenção bíblica acerca, sobretudo, do feminino, como podemos pensar a questão da feminilidade na contemporaneidade. Quais os impactos, ainda hoje, desta milenar invenção sobre o sujeito e seu sofrimento na contemporaneidade?

Após o percurso acerca do feminino, se torna imprescindível abordar sobre a questão do corpo. Esse esforço será feito no terceiro capítulo? "O CORPO EM TRANSBORDAMENTO E O EXCESSO DE GOZO NA CONTEMPORANEIDADE". Neste capítulo buscaremos abordar o sujeito acerca do corpo em transbordamento e do excesso de gozo na contemporaneidade marcada por excessos que podem ser constatados, por exemplo, na sociedade brasileira, pela sua colocação privilegiada no ranking mundial de cirurgias plásticas estéticas, no consumo de dermocosméticos e anabolizantes.

O quarto capítulo buscou privilegiar algo imprescindível, o atravessamento da pandemia. Intitulado "O SUJEITO CONTEMPORÂNEO: ADOLESCÊNCIA E VIOLÊNCIA EM ESCOLAS NO PÓS-PANDEMIA DA COVID-19", este capítulo buscou ressaltar de que modo as transformações culturais decorrentes do período da pandemia da Covid-19 impactaram sobre o sujeito na adolescência sobretudo ressaltando o expressivo aumento de casos de violência em escolas envolvendo adolescentes.

Finalmente, no quinto e último capítulo do presente livro vamos abordar sobre a difícil e quase proibitiva tarefa do sujeito de envelhecer na contemporaneidade. "O TEMPO É IRREALIZÁVEL": ENVELHECER NA CONTEMPORANEIDADE" busca analisar a subjetivação singular do processo de envelhecimento a partir da entrevista

de seis participantes de um Grupo de Idosos com questões acerca dos significados da velhice, a sua relação com o corpo, com a cultura e com o autorrelato.

Todos os capítulos foram construídos simultaneamente no projeto de pesquisa realizado na Universidade Federal de Catalão (UFCAT), coordenado pela profa. Dra. Renata Wirthmann e como trabalhos de Conclusão de Curso de graduação em Psicologia da UFCAT do ano de 2022. Todos os capítulos foram norteados teoricamente pelas obras psicanalíticas de Freud e Lacan.

REFERÊNCIAS

BRISSET, Fernanda Otoni. A subversão da barbárie possível. maio 1, 2019. Link: <http://www.lacan21.com/sitio/2019/05/01/a-subversao-da-barbarie-possivel/?lang=pt-br>

FREUD, Sigmund (1930). O mal-estar na civilização. Companhia das letras: São Paulo, 2010.

FREUD, Sigmund (1933). Por que a guerra? (Carta a Einstein). Companhia das letras: São Paulo, 2010.

MACHADO, Ondina Maria Rodrigues. A clínica do sintoma e o sujeito contemporâneo (tese de doutorado). Rio de Janeiro: UFRJ/ PPGTP, 2005.

SANTANA, Vera Lúcia Veiga. Por que a psicanálise, hoje? *Opção Lacaniana online*. ano 2, n. 6, p. 1-11, 2011. Disponível em: http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_6/por_que_a_psicanalise_hoje.pdf . Acesso em 2 mar. 2023.

WIRTHMANN, Renata. *Psicanálise e Cultura*. Catalão: Ufg-cac. 2009

O PAI TÁ OFF: O REAL NO SÉCULO XXI, A INTERNET E OS SEUS EFEITOS NA VIDA DO SUJEITO

Marcelo Junior de Souza Honório e Renata Wirthmann

Uma das principais tecnologias do século XXI, a internet modificou de forma significativa a maneira de experienciarmos o mundo. Genevieve Bell, pesquisadora sênior da Intel e diretora do Instituto de Autonomia, Agência e Garantia da Universidade Nacional da Austrália (2019), acredita que essa ferramenta mudou consideravelmente a noção que temos sobre tempo, espaço e distância. Por meio desse avanço tecnológico, ambientes virtuais foram criados para o armazenamento e compartilhamento de dados, pessoas de todo o planeta puderam se conectar e o acesso à informação passou a ocorrer de modo instantâneo. Construímos a fantasia de que conseguimos ir para qualquer lugar do mundo em pouquíssimos segundos, sem sair de casa, enquanto, na verdade, não nos movemos de nós mesmos, como no título do livro de Hilda Hilst, de 1980, *Tu Não te Moves de Ti*. Durante a pandemia referente à Covid-19, devido ao distanciamento social como medida de segurança, isso pôde ser melhor evidenciado. As redes sociais implicaram em uma sensação de aproximação das pessoas.

Essa nova experiência que temos com o mundo, a ser discutida sob o olhar da psicanálise lacaniana, parece levar a uma reinvenção da cultura. A internet e outras tecnologias certamente impactaram no real lacaniano e no que se entende por sujeito na contemporaneidade. Esse real que nos atravessa e que, no enlace entre imaginário e simbólico, nos constrói como sujeitos, está cada vez mais desassociado à natureza, deslocando-se aos discursos da ciência e do capitalismo. Discursos esses que nos trouxeram um novo olhar para a realidade que vivemos, uma nova maneira de interpretar o mundo, uma nova linguagem. O jornalista e escritor britânico James Bridle, nas primeiras páginas do livro *A nova idade das trevas* (2019), compreende que as mudanças tecnológicas experienciadas por nós possibilitaram o surgimento de novas metáforas. Para o escritor, entre todas as metáforas, a nuvem parece ser a metáfora central da internet: um potente e enérgico sistema global que ainda retém a aura do numenal e do numinoso, algo quase impossível de entender. Em outras palavras, a nossa existência tem sido, por meio dessa nova metáfora, enxergada em

números e, ao mesmo tempo, nos sentimos profundamente conectados com algo que aparenta ser maior do que nós mesmos.

Nós nos conectamos à nuvem; trabalhamos na nuvem; guardamos coisas na nuvem e recuperamos coisas dela; pensamos pela nuvem. Pagamos pela nuvem, e só a notamos quando ela não funciona. É algo que vivenciamos o tempo todo sem entender de fato o que é e como funciona. Como aponta o escritor James Bridle: "Estamos nos treinando para depender da nuvem apenas a partir de uma noção nebulosa do que se confia a ela e o que se confia que ela vai fazer" (BRIDLE, 2019, pp. 11-12).

Ivan Satuf, doutor em Ciências da Comunicação (2016), compreende que essa metáfora constrói uma rede semântica diferente do que foi associado ao ciberespaço. Para o pesquisador, a nuvem "não se apresenta como barreira nem interface através da qual o usuário é transportado de um lugar para outro. Ela 'paira' permanentemente sobre os inúmeros pontos errantes interconectados e 'respinga' informação no fluxo da vida ordinária" (Satuf, 2016, p.9). Para um melhor entendimento, ressaltamos também que esse potente e enérgico sistema global nomeado como nuvem não é imponderável e tampouco invisível; trata-se de uma infraestrutura física que consiste em linhas telefônicas, fibra óptica, satélite etc., sendo um novo tipo de indústria, algo voraz. Muito do concreto foi absorvido a ela e levado para o mundo digital, "[...] os lugares onde compramos, fazemos transações bancárias, socializamos, fazemos empréstimos de livros e votamos" (Bridle, 2019, p. 12).

Essa nova forma de interpretar e vivenciar o mundo tem impactado a vida das pessoas, seja pela sua presença com o uso da internet ou mesmo pela ausência, visto que nem todos ainda estão imersos a essa forma de linguagem. Pela presença, podemos citar como exemplo o excesso de informação provocando ansiedade e depressão, o surgimento de fake news e a constância de nossos dados sendo utilizados e manipulados por meio de corporações como Google e Meta. Pela falta, em decorrência das desigualdades sociais existentes, muitos ficam sem acesso, aquém da informação, das possibilidades que o mundo digital oferece.

Diante da velocidade do atravessamento da internet no mundo, e, consequentemente, diante do efeito de real – de imponderável e imprevisível – da internet sobre o sujeito, justificamos tal pesquisa. Discutir sobre como somos atravessados pela tecnologia, em específico a internet, nos possibilita repensar o seu uso, a maneira em que nos posicionamos sobre ele. Estamos cada vez mais

imbricados a essa tecnologia, cada vez mais vulneráveis às relações de poder construídas na internet, aos algoritmos que matematicamente moldam o nosso desejo.

A hipótese que se constrói com esse artigo, por conseguinte, é a de que o gozo que se tem com o uso indiscriminado da internet abrange limites além dos colocados pela metáfora paterna, acelerando o que a psicanálise tem nomeado como declínio do Nome-do-Pai na contemporaneidade. De que modo a escassez ou até a ausência de interdição, ao considerar a nuvem como uma nova metáfora, incide sobre a queda do nome do pai?

Finalmente, objetivamos com essa pesquisa compreender sobre como, um dos principais avanços tecnológicos presentes no século XXI, a internet, incide sobre o Real, atravessando o sujeito. Para tal fim temos, como objetivos específicos, investigar como ocorre o declínio do Nome-do-Pai e os seus efeitos a partir dos referenciais teóricos de Jacques-Alain Miller (2012), Brenda Rodrigues da Costa Neves (2018), Érik Porge (2006), Sigmund Freud (1930), para os conceitos psicanalíticos e, para falarmos sobre a Internet, Bridle (2019), Sérgio Marinho de Carvalho (2011); sobre o conceito de algoritmo: Thomas H. Cormen (2012), David Sumpter (2019).

O que é real?

O termo real foi apresentado por Jacques Lacan como substantivo, pela primeira vez, em 1953, para designar aquilo que é irrepresentável e impensável, pois escapa a imagem e a linguagem. A pesquisadora Brenda Rodrigues da Costa Neves (2018) acrescenta, para a definição de Real, como sendo um registro intrínseco e indissociável aos outros dois registros: Imaginário e Simbólico. O enlace desses três registros (RSI), por efeito, nos permite saber sobre o funcionamento do sujeito lacaniano.

Na busca de algo que poderia exemplificar esse enlaçamento, Lacan, no decorrer dos anos, mais precisamente em 1972, visualiza essa estrutura sendo representada por meio de um nó borromeano. Neves (2018) discorre que o nó borromeano, utilizado por Lacan em seu ensino, se caracteriza pelas consistências entre cada registro, o furo e a ex-sistência as quais irão fazer uma escritura que suporte o real. Essas características são de suma importância para entendermos como o registro do Real se estrutura com os demais e vice-versa.

Em síntese, o autor e psicanalista Érik Porge (2006, *apud* Neves, 2018, p.131), contribui para o texto afirmando que o Real está para aquilo que “concerne ao ponto de encontro falhado com a realidade, ao que não funciona, ao que se cruza e retorna ao mesmo lugar”. Sendo, portanto, algo que se encontra vinculado à repetição da busca do objeto perdido, algo que nos atravessa incessantemente perturbando as relações entre o dentro e o fora.

O real, então, não se trata daquilo que nomeamos, daquilo que sabemos, mas, sim, daquilo que denuncia no sujeito uma falta, a existência de um objeto perdido. Se trata do que o simbólico expulsa, do que a linguagem rejeita. É, utilizando de uma licença poética, o encontro de Ivan, o terrível, com a morte de seu filho. E essa angústia, esse imprevisível, esse encontro com a morte, vai se repetindo e se ressignificando conforme a cultura, a lei, o Outro; conforme as construções sociais vão preenchendo esses vazios, esses furos deixados no Simbólico.

E é por tal modo de ser que devemos olhar para o real considerando não só o sujeito, mas também o externo do qual se insere, o Outro. As modificações do mundo experienciadas com o passar do tempo vão possibilitando novos encontros com esse real que nos atravessa e marca. O mal-estar, efeito das nossas angústias, efeito do real que vivemos na contemporaneidade se renova.

O Real no século XXI

Jacques-Alain Miller (2012), em conferência na capital Buenos Aires, afirma que há uma grande desordem no real no século XXI, que os discursos da ciência e do capitalismo, contrapondo a natureza, renovaram a nossa prática no mundo, a nossa experiência. Os avanços tecnológicos possibilitados pela ciência, imbricados a um sistema econômico e social que visa uma lógica de consumo desenfreado e uma busca constante por novos produtos, tal como pontua Sérgio Marinho de Carvalho (2011) em sua tese, modificaram a maneira em que nos comunicamos, em que nos relacionamos com o Outro. Esdras Moreira (2018), para o site *Transformação Digital*, acredita que a chamada era da informação, momento ao qual vivemos, trouxe para as nossas relações uma comunicação cada vez mais contextualizada e fragmentada, tudo se tornou mais rápido, mais dinâmico. E com isso estamos perdendo a capacidade criativa, nos tornando uma engrenagem de máquina, sendo manipulados pelo deslumbramento de todo o arsenal tecnológico disposto.

Estes discursos dominantes da modernidade começaram, desde seu aparecimento, a destruir a estrutura tradicional da experiência humana. O domínio combinado desses dois discursos, cada um se apoiando no outro, tomou tal amplitude que conseguiu destruir, e talvez estraçalhar, os fundamentos mais profundos da tradição (MILLER, 2012, s/p.).

A Modernidade – período da História no qual migramos de uma sociedade estamental para uma sociedade de classes – marca o surgimento desses discursos, a quebra de uma tradição. Naves & Bernardes (2014) compreendem que, antes disso, as relações do ser humano com a natureza foram estabelecidas, dada a dependência que o primeiro tinha sobre as condições naturais. Éramos intrinsecamente ligados à natureza. Com a impossibilidade de dominar o meio, nossos antepassados, nômades, opostos à razão da ciência, à lógica formal do conhecimento, adoravam e veneravam a natureza. Como observam João Gabriel Naves e Maria Beatriz Bernardes, “naquele período histórico, os processos subjetivos de ordem simbólica se misturavam à objetividade cognitiva biológica sugerindo ao homem primevo construir uma imagem sagrada da natureza” (Naves & Bernardes, 2014, p. 12).

A natureza era, de forma plena, onde o real se endereçava, se disfarçava. Enquanto o real se disfarçava de natureza, para Miller (2012, s/p.) “parecia ser a manifestação mais evidente e mais elevada do conceito de ordem”. O ser humano era concebido como “ser no mundo” e, de tal modo, para esses autores (Naves & Bernardes, 2014), fazia parte dos processos ambientais, mesmo que com o tempo, num período em que as tribos já haviam se consolidado, tenha buscado mitos para afirmar seu lugar no cosmo, uma identidade.

A ordem, da qual Miller (2012) afirma sobre o real na natureza, diz respeito aos processos naturais, a uma experiência em que o ser humano não domina, não controla. O psicanalista menciona o retorno anual das estações do ano, o espetáculo do céu e dos astros como exemplos da previsibilidade do real enquanto natureza. O real para Miller (2012) se caracterizava por não surpreender, enquanto natureza tinha a função de Outro do Outro, era a própria garantia da ordem simbólica.

O atravessamento dos discursos da ciência e do capital, introduzidos na Modernidade, prossegue Miller (2012), provocou um transtorno na ordem, no simbólico, visto que a natureza foi se afastando de nós, foi desaparecendo. Aquilo que estava ordenado, longe do domínio humano, foi rompido. O retorno anual das estações do ano, o espetáculo do céu e dos astros, na contemporaneidade, têm sido

cada vez mais afetados, controlados, influenciados, pela ciência, pelos avanços tecnológicos que a mesma possibilitou. Muito do campo do impossível tornou-se parte do possível.

O que restou desse desaparecimento da natureza é, agora, o que chamamos de real, um resto, e, de tal forma, desordenado, desestruturado. “Toca-se o real por todos os lados, segundo os avanços do binário capitalismo-ciência, de maneira desordenada, ao acaso, sem que se possa recuperar a menor ideia de harmonia” (Miller, 2012, s/p.). Esse real revestido de ciência e capitalismo tem provocado uma fissura na ordem simbólica, no significante que representa a lei, a interdição, o Nome-do-Pai. No seminário sobre as formações do inconsciente, Lacan (1957-1958/1999) chamou de Nome-do-pai “a inscrição da lei do pai que circunscreve a falta e possibilita ao sujeito desejar (...) é o pai simbólico, é uma metáfora, um significante que substitui outro significante” (SILVA & ALTOÉ, 2018, s/p.).

Em *Totem e Tabu* (2016), Freud nos mostra a figura do pai tirânico da ordem primitiva, destacando que um dia houve ao menos um sujeito não castrado, um em que a função fálica não incidiu, um sujeito não interdito pelo que Lacan nomeia em sua teoria como metáfora paterna. Essa interdição, provocada pela metáfora paterna, faz com que o sujeito seja barrado em exceder ao gozo, não alcançando um ideal de plenitude. Para Lacan, a metáfora paterna diz respeito ao modo como a função paterna interdita o sujeito sendo significante da Lei. No *Seminário V: As transformações do inconsciente* (1957-1958), o psicanalista compreende que:

A metáfora é uma função absolutamente genérica. Eu diria até que é pela possibilidade de substituição que se concebe o engendramento, por assim dizer, do mundo do sentido. Temos de apreender toda a história da língua, isto é, das mudanças de função graças às quais uma língua se constitui, aí, e não em outro lugar” (LACAN, 1957-1958, p. 35).

Jean-Pierre Lebrun (2004, *apud* Silva & Altoé, 2018) acredita que as consequências da ciência no campo social foram as responsáveis pela não funcionalidade do pai enquanto operador para o sujeito na constituição de uma resposta à castração. Compreende, também, que nós passamos de um mundo limitado para outro mundo, uma experiência com o Outro que se apresenta sem limites. Transitamos “de um mundo orientado pela referência ao Pai, a um grande Outro que tinha o encargo de lembrar o limite, migramos para um mundo em que é a inexistência de um Outro que é a regra” (Lebrun, 2004, p. 161). Miller (2012)

compreende essa modificação como sendo uma fissura no Nome-do-Pai: "[...] com o transtorno advindo na ordem simbólica, cuja pedra angular o Nome-do-Pai está fissurada (...) desvalorizado, pela combinação dos dois discursos, o da ciência e o do capitalismo" (MILLER, 2012, s/p.).

Com essa desvalorização, com essa fissura no Nome-do-Pai provocada pelo surgimento desses dois discursos, o Pai, principal significante da Lei, da castração, está cada vez mais *offline* nesse universo tecnológico, está em queda. Em função a isso outras metáforas surgem em uma tentativa de ocupar esse espaço antes preenchido pelo Nome-do-Pai. Bridle (2020), ao falar de tecnologia, compreende que não se trata apenas de criar e usar ferramentas, mais do que isso, cria-se metáforas. "Ao criar uma ferramenta, instanciamos uma certa compreensão do mundo que, assim reificado, é capaz de alcançar certos efeitos no próprio mundo" (Bridle, 2020, p. 17). As novas tecnologias são novas metáforas para a compreensão do lugar em que nos posicionamos.

Bridle (2020) enxerga a tecnologia como outro componente mobilizável de nosso entendimento do mundo, mesmo que costume ficar inconsciente. Para ele se trata de uma metáfora oculta. "[...] alcança-se uma espécie de transferência, mas ao mesmo tempo uma espécie de dissociação, ao atribuir um pensamento ou um modo de pensar a uma ferramenta que não precisa mais do pensamento para se ativar" (Bridle, 2020, p. 17).

A nuvem, para Bridle (2020), é uma dessas tecnologias que tentam assumir o Nome-do-Pai, nos dando a sensação de não estarmos interditados pela Lei, pelo Pai. Com essa metáfora acreditamos ser capazes de tudo, nosso gozo se excede à Lei. Para o jornalista, a maior qualidade significante da rede é a ausência de uma intenção única e sólida. A internet, como podemos ver no próximo tópico, evidencia essa queda do Nome-do-Pai.

A internet e os seus efeitos no sujeito

Bridle (2019), em acordo, compreende que, na atualidade, estamos totalmente emaranhados em sistemas tecnológicos e isso, por efeito, tem moldado a maneira como agimos e pensamos. Os sistemas computacionais – conjuntos de dispositivos eletrônicos (hardwares) capazes de processar informações por meio de programas (softwares) –, como pontua o jornalista, fazem parte, atualmente, de grande parte da nossa infraestrutura social, intelectual e afetiva. Muitos de nós

dependemos e recorremos ao GPS quando queremos encontrar um lugar específico; às redes sociais ou aplicativos de relacionamento, quando queremos nos informar, encontrar ou conhecer alguém; aos aplicativos de *streaming*, para assistir algum filme ou série em destaque; a um aplicativo bancário, para fazer o pagamento de uma fatura em atraso.

Sigmund Freud, em *O Mal-estar na civilização* (1930), situava os avanços tecnológicos de seu tempo, em sua maioria, como grandes “prazeres baratos”. Toda satisfação prazerosa que se tinha deles consistia em “[...] pôr fora da coberta uma perna despida, numa noite fria de inverno, e em seguida guardá-la novamente” (Freud, 1930, p. 31). Embora o avião, o trem, o telefone e diversas outras tecnologias de seu tempo tivessem sido grandes realizações humanas, elas não elevaram o grau de satisfação prazerosa que temos sobre a nossa existência, não trouxeram uma plena felicidade em torno de nossas vidas. Atualmente, ao contrário disso, afirma Bridle (2019):

Nossas tecnologias são cúmplices nos maiores desafios atuais: um sistema econômico descontrolado que precariza milhões de pessoas e continua a ampliar o abismo entre ricos e pobres; o colapso do consenso político e social em todo o globo, que resulta na ascensão de nacionalismos, divisões sociais, conflitos étnicos e guerras nas sombras; e um clima em aquecimento, uma ameaça existencial a todos nós" (BRIDLE, 2019, p. 7).

A internet, parte do interesse dessa pesquisa, é um grande sistema tecnológico, uma tecnologia de mídia que possibilita a existência e/ou o funcionamento de outros desses sistemas, tais como os que foram exemplificados anteriormente. Não sendo, também, uma garantia de felicidade plena, ela nos atravessa e possibilita a amplitude dos desafios atuais elencados por Bridle. Ela nos insere, com a sua linguagem, a um outro olhar sobre nós mesmos e o mundo.

A experiência da internet pela falta

De acordo com a pesquisa TIC Domicílios 2020, realizada anualmente pelo Cetic.br [Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação] (2021), no ano de 2020, 83% dos lares brasileiros possuíam acesso à internet. E dentre esse percentual havia uma forte desigualdade conforme os níveis socioeconômicos. A pesquisa informa que 32% das famílias com renda mensal de até um salário mínimo, por exemplo, não contemplavam esse privilégio. Vale destacar, também, que muitas dessas famílias, embora estejam conectadas à rede,

não possuem acesso à uma internet de qualidade, sendo somente 56% que conseguem se conectar via cabo ou fibra óptica.

Toda essa desigualdade, por sua vez, corrobora para a exclusão digital da população mais carente. Diogo Calasans Melo Andrade, Leticia Feliciano dos Santos Cruz e Fagner Farias Rodrigues (2020) acrescentam que essas pessoas acabam sendo afastadas da possibilidade de construir novas interações sociais. Isso ocorre porque, não só a internet, como a tecnologia digital, de modo geral, tornou-se uma importante ferramenta para a construção de relações sociais. Relações que, a partir do espaço digital, também puderam existir fora.

Essa exclusão digital, além de reduzir o acesso às ferramentas de lazer, direito garantido pelo artigo 6º da atual Constituição Federal e cercear a probabilidade de novas interações sociais, também gera uma restrição ao acesso à informações diversas, já que os principais meios de comunicação atuais ocorrem por meio do ciberespaço (ANDRADE, CRUZ & RODRIGUES, 2020, p.75).

Durante a pandemia da Covid-19, momento no qual nos foi exigido o distanciamento social, como forma de prevenção à doença, foi possível perceber, de modo transparente, os efeitos dessas desigualdades. As escolas, o comércio e diversos outros espaços tiveram que se adaptar e/ou se limitar ao mundo digital. Nessa transição, muitas pessoas tiveram dificuldades em se adequar por possuírem recursos tecnológicos limitados. Outras, em situação mais vulnerável, sequer tiveram o acesso.

O Painel TIC COVID-19 (2020) trata-se de um relatório de uma pesquisa sobre o uso da Internet no Brasil durante a pandemia do novo coronavírus. E de acordo com ele 82% dos usuários de internet com 16 anos ou mais que frequentam escola ou universidade acompanharam aulas ou atividades remotas. E desse percentual 36% tiveram dificuldades para acompanhar as aulas por falta ou baixa qualidade da conexão à internet. A falta e/ou limitação desses recursos revela uma demanda de universalização da internet, políticas públicas responsáveis por democratizar o uso. Rosane Leal da Silva e Gislaine Ferreira Oliveira (2014) nos apontam que o reconhecimento dessas desigualdades é essencial para planejar a universalização do acesso à internet. Gestores precisam mapear as principais carências de cada região do Brasil “para que o governo possa direcionar políticas públicas e investimentos capazes de ampliar o acesso e incentivar novas formas de utilização dessa TIC” (SILVA & OLIVEIRA, 2014, p.14).

Há, portanto, uma pluralidade de motivos que colocam em dificuldade a universalização de uma TIC. Universalizar e democratizar o uso não se limita apenas em fornecer equipamentos necessários para o acesso, mas, também, possibilitar as oportunidades produzidas no universo tecnológico e disponibilizá-las para a melhora local de vida dos sujeitos. Trata-se de algo que Evandro Prestes Guerreiro, no livro *Cidade Digital: Infoinclusão social e tecnologia em rede* (2019), compreende como “infoinclusão social”.

Para o autor, a infoinclusão social é “responsável pela difusão da cultura digital e o direcionamento das novas tecnologias de informações e comunicações, aplicadas para o desenvolvimento humano e as novas demandas de cidadania no ciberespaço da cidade digital” (2019, p.17). Em outras palavras, compreende-se que o modo em que nos inserimos à uma TIC, o modo em que nos posicionamos, também constrói nossos valores, também se trata de um ato político. Mais do que o acesso às tecnologias de informação e comunicação, precisamos apreendê-las para não sermos apreendidos.

A experiência da internet pela presença

Frances Haugen, ex-funcionária do *Facebook* (2019-2021), especialista em gerenciamento algorítmico de produtos, recentemente expôs, ao *The Wall Street Journal*, uma série de dados e informações ocultadas pela empresa. Fatos que reafirmam a necessidade em nos conscientizarmos sobre o uso que fazemos da internet.

De acordo com o jornalista Iker Seisdedos, publicado no jornal *El País* (2021), a denúncia de Haugen afirma que o *Facebook* trabalha com algoritmos que incentivam uma discórdia entre os usuários; que suas ferramentas são projetadas, propositalmente, para criar dependência e aumentar o consumo; que pouco fazem para controlar o crime organizado e que é falso o tratamento igualitário entre seus mais de 3 bilhões de usuários. Freud (1930) ressalta que as relações interpessoais eram uma das piores formas de sofrimento, que a própria civilização é fonte de sofrimento.

[...] boa parte da culpa por nossa miséria vem do que é chamado de nossa civilização; seríamos bem mais felizes se a abandonássemos e retrocedêssemos a condições primitivas. A asserção me parece espantosa porque é fato estabelecido — como quer que se defina o conceito de civilização — que tudo aquilo com que nos protegemos

da ameaça das fontes do sofrer é parte da civilização (FREUD, 1930, p. 30).

Para o pesquisador André Lemos (2019), o contexto atual em que vivemos, o da cibercultura, pode ser compreendido pela sigla PDPA (plataformização, dataficação e performatividade algorítmica) um conjunto de ações que colocam em xeque o pressuposto caráter emancipatório e libertador da cultura digital. A sociedade é hoje, para Lemos (2019, s/p.) “refém de plataformas digitais, da lógica da dataficação (como uma modulação da vida pessoal por dados) e da ação opaca e silenciosa dos algoritmos. A PDPA é regida pelos Big Five – Google, Amazon, Facebook, Apple e Microsoft (GAFAM)”, empresas que dominam grande parte da internet a partir de modelos de negócio baseado em uma gigantesca coleta e extração de dados.

Sobre a denúncia de Hugen, Seisdedos (2021), destaca que o que causou mais revolta nos Estados Unidos foi o fato de que os gestores do *Facebook* sabiam que “aquilo que oferecem leva uma parcela nada desprezível das adolescentes (13%) ao abismo dos pensamentos suicidas e da anorexia. Tudo isso, segundo Haugen, só por dinheiro”.

Um algoritmo, conceitua Thomas H. Cormen *et al* (2012, p.17), é “[...] qualquer procedimento computacional bem definido que toma algum valor ou conjunto de valores como entrada e produz algum valor ou conjunto de valores como saída”. Sendo, então, uma programação feita para obter uma resposta, um conjunto de valores que se espera a ser respondido. Os algoritmos funcionam como filtros selecionando e direcionando àquilo que foi programado para ocorrer. O pesquisador David Sumpter (2019) nos traz à luz alguns exemplos de como os algoritmos funcionam, como operam:

Interagimos com algoritmos desde o instante em que abrimos nosso computador ou ligamos nosso telefone. O Google está usando as escolhas de outras pessoas e o número de links entre as páginas para decidir quais resultados de busca nos mostrar. O Facebook usa as recomendações de nossos amigos para decidir as notícias que vemos. [...] LinkedIn nos sugere pessoas que devemos conhecer no mundo profissional. Netflix e Spotify escrutinam nossas preferências cinematográficas e musicais para nos fazer sugestões. (SUMPTER, 2019, p.99).

Roger Silverstone (2002, p. 20), professor e especialista em mídias, entende que a internet, – sendo mais específico com a sua afirmação: a mídia, da qual a mesma faz parte “[...] filtra e molda realidades cotidianas, por meio de suas

representações singulares e múltiplas, fornecendo critérios, referências para a condução da vida diária, para a produção e a manutenção do senso comum”. Com isso, infinitas possibilidades de estar em contato com o Outro são construídas pela internet. A internet, antes de uma narrativa a ser lida pelas telas, trata-se de uma experiência.

O modo com que cada sujeito experiencia a vida é, para Silverstone (2002), o resultado de uma construção, uma formação, que se modifica a cada época. O que emerge diante disso é a necessidade em entendermos como funciona, como as tecnologias de mídia desempenham um papel em nossas vidas; como os sistemas tecnológicos se interconectam, como interagem uns com os outros. Se não entendermos como tudo isso se engendra, pontua Bridle (2019, p. 7),

ficamos impotentes dentro desses sistemas, e o potencial que eles têm é aprisionado de maneira ainda mais fácil pelas elites egoístas e por corporações desumanas”. Ademais: "Exatamente pelo fato de que as tecnologias interagem entre si de modos inesperados, em geral estranhos, e já que estamos completamente emaranhados nelas, esse entendimento não pode ser limitado aos aspectos práticos de como as coisas vieram a ser, e como elas continuam a funcionar no mundo de formas que costumam ser invisíveis e entrelaçadas. O que é necessário não é compreensão, mas alfabetização (BRIDLE, 2019, pp. 7-8).

Essa alfabetização, no entanto, não consiste apenas em entender esses sistemas, mas sim em podermos, também, praticá-los e nos apropriarmos do seu poder de uso. Trata-se de algo que abrange o contexto e as suas consequências. “O alfabetizado é fluente não só no idioma de um sistema, mas em sua metalinguagem — a linguagem que ele usa para falar de si e para interagir com outros sistemas —, e é sensível às limitações e aos usos e abusos potenciais da metalinguagem” (Bridle, 2019, p. 8).

Priscila Gonsales (2021) destaca que, de acordo com o levantamento divulgado no relatório Internet Health, para 55% dos brasileiros a internet é o *Facebook*. Essa percepção também foi registrada na Nigéria, na Indonésia e na Índia, respectivamente, 65%, 63% e 58%. Nos EUA, no entanto, o índice foi de apenas 5%. Isso nos diz respeito a quem a informação está sendo melhor direcionada, a quem apreende uma TIC.

E no que diz respeito à linguagem, Silverstone (2002) pondera que nenhuma análise de mídia pode ignorar o inconsciente e tampouco as teorias que o abordam. A experiência humana não se limita à performance corporal e nem ao que ocorre no

senso comum. Logo, nos alfabetizar à Internet, à uma tecnologia de mídia, também diz respeito à psicanálise. Para a psicanálise a mídia “[...] nos força a encarar [...] problemas do cotidiano, que tantos são representados ou reprimidos em textos midiáticos de um tipo ou de outro e esgarçam o delicado tecido do que normalmente se considera racional e normal na sociedade [...]” (Silverstone, 2002, p. 29).

Portanto, como pudemos perceber, diversos são os impactos causados na vida dos sujeitos com o surgimento da internet, com o surgimento dessa nova metáfora chamada por Bridle (2020) de nuvem. A tecnologia, em específico a internet, nos trouxe um novo olhar para o mundo, nunca estivemos tão distantes da natureza como agora, na contemporaneidade. A vulnerabilidade em que essa ferramenta nos coloca, nos tornando cada vez mais dependentes, nos mobiliza a repensar o seu uso, a repensar o modo em que nos relacionamos com o Outro. Miller (2012), ao sugerir que há uma fissura na ordem simbólica, no Nome-do-Pai, desloca o sujeito para a posição de um efeito, *sinthoma*. Nos tornamos consequências dessa engrenagem que opera atualmente o mundo, efeitos do que a ciência e o capitalismo têm cada vez mais distanciado com os seus avanços. Não por acaso as ferramentas tecnológicas estão se tornando mais autônomas, no decorrer de seus avanços, sem depender da presença humana. Seguindo uma lógica computacional, estamos nos reduzindo a números, a metáfora nuvem, com seus algoritmos calculando e controlando o gozo, tem ameaçado a existência de um sujeito tal como a psicanálise entende.

REFERÊNCIAS

A INFORMANTE que levou o Facebook à sua pior crise existencial. El País, Washington, ano 2021, 10 out. 2021. Tecnologia, Disponível em: <https://brasil.elpais.com/tecnologia/2021-10-10/a-informante-que-levou-o-facebook-a-sua-pior-crise-existencial.html>. Acesso em: 11 nov. 2021.

ANDRADE, D; CRUZ, F; RODRIGUES, F. **Cidades digitais e sociedade em rede: Intersecções e desafios de uma construção sociotécnica.** *Educação*, v. 10, n. 2, p. 66–79, 2020. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/8712>. Acesso em: 10 dez. 2021.

BRIDLE, J. **A nova idade das trevas: A tecnologia e o fim do futuro.** Tradução: Érico Assi. 1 ed. São Paulo: Todavia, 2019. 320 p. Título original: *New Dark Age: Technology and the End of the Future*.

CARVALHO, S. **A psicanálise e o discurso da ciência**. Orientador: Nelson da Silva Junior. 2011. 183 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós Graduação em Psicologia, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em < https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-20072011-154352/publico/carvalho_do.pdf> Acesso em: 18 fev. 2022.

CETIC – CENTRO REGIONAL DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO. Painel TIC COVID-19: Pesquisa sobre o uso da Internet no Brasil durante a pandemia do novo coronavírus – 3ª edição, ensino remoto e teletrabalho. Disponível: < <https://cetic.br/es/publicacao/painel-tic-covid-19-pesquisa-sobre-o-uso-da-internet-no-brasil-durante-a-pandemia-do-novo-coronavirus-3-edicao/>> Acesso em: 21 dez. 2021.

_____. **TIC Domicílios 2020: A4** – Domicílios com acesso à internet. CETIC, 2021. Disponível em: < <https://www.cetic.br/pt/tics/domicilios/2020/domicilios/A4/>> Acesso em: 21 dez. 2021.

_____. **TIC Domicílios 2020: A5** – Domicílios com acesso à internet por tipo de conexão. CETIC, 2021. Disponível em: <<https://www.cetic.br/pt/tics/domicilios/2020/domicilios/A5/>> Acesso em: 21 dez. 2021.

CORMEN, T; et al. **Algoritmos: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

GENEVIEVE, B. **50 anos de internet: uma breve retrospectiva do que mudou....: ...E o que podemos esperar para o futuro**. Especialistas debatem as principais disrupções e o que deve vir por aí com o 5G. It fórum: 30 out 2019. Entrevista concedida a Sharon Gaudin. Disponível em: <<https://itforum.com.br/noticias/50-anos-de-internet-uma-breve-retrospectiva-do-que-mudou/>> Acesso em 20 fev. 2022.

HILST, Hilda. **Tu não te moves de ti**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2004.

FACEBOOK admite em documentos internos que o Instagram é tóxico para muitas adolescentes: Relatórios inéditos obtidos pelo 'The Wall Street Journal' mostram que a rede social oferece informação ao público sabendo ser falsa. El País, Washington, ano 2021, 15 set. 2021. Tecnologia, Disponível em: <https://brasil.elpais.com/tecnologia/2021-10-10/a-informante-que-levou-o-facebook-a-sua-pior-crise-existencial.html>. Acesso em: 11 nov. 2021.

FREUD, S. **Obras completas volume 18: O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)**. Tradução: Paulo César Lima de Souza. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. **Totem e tabu, contribuição a história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

GONSALES, P. **Letramentos digitais e inclusão digital no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Universidade de Campinas; Bristol: University of Bristol, 2021. Disponível em <<https://www2.iel.unicamp.br/researcherlinks/>> Acesso em 20 dez. 2021.

GUERREIRO, E. **Infoinclusão social e tecnologia em rede**. São Paulo: Editora Senac, 2019.

LACAN, J. **O Seminário, livro 05: as formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. Seminário dos anos 1957-1958.

_____. **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1979.

LE MOS, A. **Os Desafios Atuais da Ciber cultura**. Lab404, 2019. Disponível em: <<http://www.lab404.ufba.br/os-desafios-atuais-da-cibercultura/>> Acesso em: 28 nov. 2021.

MILLER, J. **O real no século XXI**. EBPSP. 27 abr. 2012. Disponível em <<https://ebpsp.wordpress.com/%e2%96%aa-real-no-seculo-xxi%e2%96%aa/>> Acesso em: 16 jan. 2022.

MOREIRA, E. **Novas tecnologias de comunicação e o futuro das nossas relações**. Transformação digital, 2018. Disponível em: <<https://transformacaodigital.com/tecnologia/novas-tecnologias-de-comunicacao-e-o-futuro-das-nossas-relacoes/>> Acesso em 22 fev. 2022.

NAVES, J; BERNARDES, M. **A relação histórica Homem/Natureza e sua importância para construção de ambientes saudáveis**. Geosul, Florianópolis, 2014, v. 29, n. 57, p. 216, jan. /jul. 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.5007/2177-5230.2014v29n57p7>>. Acesso em 15 fev. 2022.

NEVES, B. **Os autismos na clínica nodal**. Orientador: Ângela Maria Resende Vorcaro. 2018. 198 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós Graduação em Psicologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

ROUDINESCO, E; PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SILVA, M; ALTOÉ, S. **O pai: uma questão sempre atual para a psicanálise**. Âgora: Estudos em Teoria Psicanalítica. Rio de Janeiro, 2018, v. 21, n. 3, pp. 333-342. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1516-14982018003005>>. Acesso em: 20 fev. 2022.

SILVA, R; OLIVEIRA, G. **A universalização do acesso à internet como novo direito fundamental: das políticas de inclusão à educação digital**. In: XXIII CONGRESSO NACIONAL DO CONPEDI, nº 1, 2014, João Pessoa. Direitos fundamentais e democracia I. Florianópolis: CONPEDI, 2014. páginas inicial-final do trabalho. Disponível em: <<http://publicadireito.com.br/artigos/?cod=2b31595206d7115e>> Acesso em 02 jan. 2022.

SILVERSTONE, R. **Por que estudar a mídia?**. Tradução: Milton Camargo Mota. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

SUMPTER, D. **Dominados pelos números: do facebook e google às fake news, os algoritmos que controlam nossa vida**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

Análise do Mito de Adão e Eva e os impactos na contemporaneidade

Luami Venâncio e Renata Wirthmann

A psicanálise, invenção freudiana do início do século XX, surge como um produto da cultura ocidental europeia e, simultaneamente, torna-se uma importante ferramenta para estudar e analisar a cultura. Dentre as principais contribuições freudianas está a descoberta do inconsciente. Um outro revolucionário produto da cultura que antecede a invenção da psicanálise é a literatura com obras que, ao ficcionalizar a sociedade, nos permite percebê-la. A escrita literária tem a potência de construir a vida cotidiana e transformar tal texto em tradição, compondo e, até, definindo o funcionamento da sociedade.

Percebemos que a cultura constrói ferramentas para conhecer e, simultaneamente, construir e modificar a própria cultura. A psicanálise e a literatura são exemplos disso. Em consonância com tal constatação, o antropólogo Roy Wagner (2010, p.75) salienta que "estudamos a cultura por meio da cultura, de modo que quaisquer operações que caracterizem nossa investigação também devem ser propriedades gerais da cultura". De acordo com Wagner, "se a invenção é mesmo o aspecto mais crucial de nosso entendimento de outras culturas, isso deve ter uma importância central no modo como todas as culturas operam".

Portanto, considerar a cultura como uma invenção humana nos leva ao intento de perceber que a vida tem uma estrutura de ficção e, desse modo, aberta à possibilidade de criações. Isso só é possível por estarmos alienados na linguagem, ou ainda, a partir da compreensão de que o inconsciente é estruturado como linguagem. No entanto, como aponta o psicanalista Jacques Lacan (2007, p. 129), "isso não está reservado às frases em que a língua se cria. Criamos uma língua na medida em que a todo instante damos um sentido, uma mãozinha, sem isso a língua não seria viva. Ela é viva porque a criamos a cada instante".

A língua é viva assim como a cultura é viva. Embora, como nos expõe Lacan, somos capazes de criar novos sentidos a todo instante, do mesmo modo que nos damos conta de que alguns sentidos se mantêm fixados na cultura por muito tempo, até mesmo por séculos. Certamente não são imutáveis, mas os percebemos bastante resistentes e duradouros. O encontro entre esses sentidos fixos e os novos sentidos

da cultura pode ser notado nos conflitos e mal-estares vivenciados da vida cotidiana de cada um de nós. Eis um modo de ler e interpretar experiências de cada sujeito: que sua vida é baseada em uma invenção cultural, que antecede sua existência e, simultaneamente, o leva a construir novos sentidos que, também, participarão da cultura.

Podemos pensar, dessa maneira, a diferenciação sexual como parte da invenção humana uma vez que, mesmo a anatomia pode ser tomada como uma das invenções da cultura e sofre, portanto, os impactos de cada época. Evocando, para o centro da discussão, o filósofo Paul B. Preciado (2022, p.52-53),

poderíamos então dizer que o regime da diferença sexual é uma epistemologia histórica, um paradigma cultural e científico-técnico, que nunca existiu e que está sujeito, como toda epistemologia, a críticas e mudanças (...) Antes do século XIX, a 'mulher' não existia nem anatômica nem politicamente como uma subjetividade soberana. (...) O corpo feminino não era reconhecido como entidade anatômica, como sujeito político, tendo existência ontológica, autônoma e plena. Antes do século XVIII, a vagina era um pênis invertido, o clitóris e as trompas de Falópio não existiam e os ovários eram testículos interiorizados. A Ginecologia era apenas obstetrícia. Não havia mulheres. Havia mães em potencial.

A diferenciação sexual, ou seja, o que seria definido como ser um homem ou ser uma mulher são sentidos inscritos na cultura e percebemos que, ainda hoje, na contemporaneidade, parece haver a proposta de uma posição hierárquica (patriarcal) do masculino sobre o feminino nestas inscrições, mesmo diante dos avanços do movimento feminista nas últimas décadas.

Sendo assim, guiado pelo propósito de compreender um dos sentidos fixados na cultura ocidental acerca do que seria uma mulher, o estudo em questão tomará como objeto de análise uma das primeiras inscrições sobre o feminino na cultura ocidental, através da personagem feminina mais antiga da Bíblia: Eva. Trata-se da primeira mulher, cujo nome se traduz como: “mãe de todos os viventes” (Torá 2001, p. 9, v. 20). Desde a inscrição de Eva na cultura, as mulheres de todos os séculos subsequentes parecem carregar traços da inscrição: “isso é culpa de Eva que comeu a maçã”, referindo-se aos sofrimentos e mal-estares advindos da condição de ser fêmea (sangrar, parir, amamentar) e de ser mulher (subjugada, subserviente, serva, do lar, recatada, santa, puta, imaculada, violentada, e, tantos outros significantes que cabem na palavra "mulher"). Afinal, as figuras do feminino dão conta de dizer sobre o que é uma mulher?

Esse signo de mulher foi criado há dois mil anos, pela primeira vez, encarnado na figura mítica de Eva. Esta personagem é a protagonista do mito de *Adão e Eva*, que pertence ao livro de Gênesis, da Bíblia Sagrada.

No mito é narrado a Gênese, os princípios da criação do mundo e dos humanos. Estes, são divididos entre dois gêneros: homem (Adão) e mulher (Eva), que correspondem, respectivamente, à masculino e feminino. O primeiro sexo a ser criado por Deus, o masculino, foi destinado para nomear os outros animais habitantes da terra, e o segundo sexo, o feminino, feito a partir da costela de Adão com uma função estabelecida: ser "companheira" do homem. Decorre disto, a criação de uma tradição, a Bíblia Sagrada, livro mais vendido do mundo, inventou estes dois signos culturais do que corresponde ser um homem e ser uma mulher.

Portanto, a hipótese aqui aferida é que a Bíblia não descreveu o homem e a mulher a partir da experiência; ela os inventou, simbolicamente - na via oposta ao funcionamento da psicanálise "que não prescreve a sociedade, mas a descreve", como observa o psicanalista Bruce Fink (Fink, 2018). A teoria psicanalítica, a partir dos estudos dos efeitos da linguagem sobre o sujeito, pode buscar elementos para identificar de que modo essa invenção bíblica da mulher-Eva impacta hoje a cultura, sobretudo qual o impacto para as mulheres na contemporaneidade. Perceberemos, ainda, que é possível encontrar a influência do mito bíblico de Adão e Eva na construção teórica de Freud e de Lacan sobre o conceito de feminilidade.

Essa influência se justifica pela constatação de que um signo se torna fixo como resultado de uma série de associações construídas ao longo da história humana, em contextos relacionais a partir de significados convencionais, coletivos e pertencentes a determinada cultura. Uma boa demonstração disso encontramos na palavra "mulher" associada, por exemplo, à palavra "mãe", ao ato de "cuidar" ou, até à ideia de posse. Deste modo, de acordo com Wagner, "uma palavra ou qualquer outro elemento simbólico adquire suas associações convencionais do papel que desempenha na articulação dos contextos em que ocorre e da importância e significância relativa desses contextos." (Wagner, 2011, p. 79).

Faz-se assim a base desse percurso, um levantamento bibliográfico do itinerário teórico de Sigmund Freud acerca da teoria da sexualidade feminina, de modo a entender o desenvolvimento psicosssexual e as consequências da diferença anatômica entre os sexos - mais especificamente, no sujeito feminino - e a teoria da feminilidade. Recorreu-se ainda às contribuições de Jacques-Alain Miller para pensar

o lugar que o feminino toma na partilha sexual articulado ao percurso da personagem Eva.

Num segundo momento, o foco da discussão será o fenômeno clínico da devastação citado nas obras de Jacques Lacan e Jacques-Alain Miller. Tal termo se refere a um sofrimento específico do feminino que remete ao irrepresentável do corpo, e das relações amorosas diante da impossibilidade da transmissão dos semblantes de feminilidade. Neste momento da pesquisa, discutiremos sobre a manutenção e a transposição do mito na contemporaneidade.

Por fim, para leitura e análise do mito de "Adão e Eva", será utilizado a TORÁ, livro sagrado do judaísmo. Conhecido como *Pentateuco*, este se refere aos primeiros cinco livros da Bíblia Hebraica, sendo Gênesis o primeiro livro, em que é narrada a história da criação do mundo e da humanidade. Os Judeus acreditam que a Torá foi revelada a Moisés no monte Sinai e entregue à nação de Israel para guardar as Leis de Deus. Há registros de manuscritos da TORÁ datados no séc. XII, portanto a escolha da Torá, se justifica pela originalidade do texto, uma vez que o cristianismo deriva do Judaísmo.

A Invenção da Mulher-Eva

A história da criação está escrita no primeiro livro do Pentateuco, Gênesis, que significa 'origem', em hebraico *Bereshit*“ no princípio”. Trata-se da criação do mundo, das origens do gênero humano e da história do povo hebreu (TORÁ, 2001). O livro de Gênesis é dividido em três partes, das quais iremos analisar somente a primeira (Capítulo 1-12), que se trata do princípio do mundo e da humanidade, no qual é narrado a história de Adão e Eva, respectivamente, o primeiro homem e, a primeira mulher, segundo a Torá, a serem criados por Deus.

Em hebraico *Elohim* (Deus) tem a forma plural, indicando que essa figura, que é masculina, compreende todas as formas de ser. Podemos localizar que a figura de Deus, nessa narrativa, pertence ao lado masculino da tábua da sexuação, representante do universal.

A Torá deixa em evidência que o Universo é uma expressão da vontade divina. O trabalho da criação durou sete dias, Deus, o criador, além de criar os céus e a terra, que era vã e vazia, no capítulo I, fez surgir a luz e a escuridão, sendo este o primeiro dia da criação. Portanto, disse Deus: “Haja expansão no meio das águas e que separe

entre águas e águas”. (TORÁ, 2001, v.6, p.1). Essa expansão foi chamada de céus, concluindo o segundo dia. No terceiro dia, Deus criou o elemento seco, terra. No quarto dia “ os grandes luzeiros: o luzeiro maior para governar o dia, e o luzeiro menor para governar a noite, e (fez também) as estrelas” (TORÁ, 2001, v. 16, p.2). Criou, no quinto dia, os animais marítimos e as aves do céu. No penúltimo dia, Deus fez o animal da terra, o quadrúpede e o réptil segundo sua espécie. “E viu Deus que era bom”, (TORÁ, 2001, v. 25, p. 3), a narrativa, a todo momento mostra a satisfação de Deus em criar. No versículo vinte seis do capítulo um de Gênesis, Deus cria o homem, à sua imagem e semelhança, macho e fêmea os criou, finalizando a sua obra.

No capítulo dois, a narrativa parte para a segunda parte, em que conta - em detalhes - a criação do homem: Deus formou o “homem [Adão], pó da terra, e soprou em suas narinas o alento da vida; e foi o homem alma viva.” (TORÁ, 2001, v. 7, p. 5). Em seguida, é criado o jardim no Éden, e Deus colocou Adão para habitar nele, para cultivá-lo e guardá-lo. Adão foi proibido de comer o fruto da árvore da vida, advertido que, no dia em que o comesse, iria morrer. Portanto, disse o “Eterno Deus: Não é bom que o homem esteja só; Far-lhe-ei uma companheira frente a ele.” (TORÁ, 2001, v. 18, p. 6). Eis a motivação que leva Deus a criar a mulher: fazer companhia ao homem. Após perceber que todos os animais tinham seu par (macho e fêmea), o criador, não encontrou um par para Adão. Deste modo, a invenção da mulher no mito ocorre num plano secundário, sua existência decorre da necessidade de Deus em fazer um par para o homem. Ou seja, a mulher nasce sob um ideal de completude:

E fez o Eterno Deus cair um sono pesado sobre o homem e (este) adormeceu; tomou uma das suas costelas e fechou (com) carne o seu lugar. E fez, o Eterno Deus (da) costela que tinha tomado do homem, uma mulher, e a trouxe ao homem. E disse o homem: Esta vez é osso dos meus ossos e carne da minha carne; a esta será chamada mulher, porque do homem foi tomada esta. Portanto deixará o homem a seu pai e sua mãe, e unir-se-á à mulher, e serão uma (só) carne. E estavam ambos nus, o homem e sua mulher, e não se envergonhavam”. (TORÁ, 2001, v. 21 -25, p. 6 -7)

No capítulo três, é narrada a queda de Eva. Ela cede ao seu desejo de experimentar o fruto da árvore proibida, aquela que daria conhecimento sobre o bem e o mal, enquanto Adão foi convencido por ela a comer, de modo que ambos transgrediram a lei de Deus. Com isso, foram retirados do paraíso, a iniciar por reconhecerem que estavam nus, “foram abertos os olhos” (TORÁ, 2001, v. 7, p.7). Ao serem indagados por Deus, Adão coloca a culpa em Eva, dizendo: “A mulher que

deste comigo (para mim), ela deu-me da árvore e comi” (TORÁ, 2001, v. 12, p. 8). Então, Deus interroga Eva o motivo, ela diz ter sido enganada pela serpente. Devido à transgressão de terem comido do fruto proibido, Eva sofrerá punições: terá filhos com dores, e seu desejo pertence ao seu marido, sendo ele o seu dominador. Para Adão, seu erro foi escutar a voz da mulher que o levou a transgredir, atribuindo a ele o trabalho de arar a terra com suor e dificuldades. O mito propõe, portanto, uma divisão sexual do trabalho, a mulher resta a procriação e a submissão. Ao homem, a delegação de nomear, de criar, de produzir, de plantar.

Portanto, divisão entre os sexos, que se revela desde a criação, é acentuada após a transgressão, e os papéis sociais são repartido entre eles: “E chamou o homem o nome de sua mulher, Eva [Chavá], porque ela era a mãe de todo vivente” (TORÁ, 2001, v.20, p.9,). À mulher é atribuída a maternidade, pois logo em seguida, no capítulo quatro, Eva dá à luz a Caim, dizendo: Adquiri um homem com o (auxílio do) Eterno. A partir deste momento da narrativa, Eva não é mais mencionada. Depois de cumprir o seu papel de ser ajudante de Adão e mãe dos seus filhos, a personagem não é mais narrada no mito. Eva desaparece. Tornar-se mãe encerra a importância de Eva no mito e marca a saída de Eva do texto.

A sexualidade feminina em Freud

A questão da feminilidade sempre foi um enigma para Freud. Intrigado, ele chegou a admitir à sua amiga Marie Bonaparte que jamais fora capaz de responder à grande questão: “O que quer uma mulher?” (Jones, 1955, p. 468). O estatuto de enigma da feminilidade levou Freud a evitar, por muito tempo, debruçar-se sobre a sexualidade feminina, por considerar a vida sexual das mulheres “mergulhada em impenetrável obscuridade” (Freud, 1901-1905, p.143). Diante disso, é possível notar que Freud pouco se dedicou no início de sua obra, sobre a especificidade da sexualidade feminina, teorizando somente sobre o desenvolvimento psicosssexual do menino e, consequentemente, sobre a sexualidade masculina.

Foi com um caso clínico, em *Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina* (1920), que Freud se ateu às particularidades da sexualidade feminina, percebendo que a menina, ao longo do seu desenvolvimento psicosssexual, tinha mais conflitos com a mãe do que o menino, devido a alternâncias entre o objeto de amor e identificação, que só acontecem com a menina.

No texto *Algumas consequências psíquicas das distinções anatômicas entre os sexos* de 1925, Freud localiza tal distinção como fundamental para diferenciar o complexo de Édipo, visto que “nas meninas, o complexo de Édipo levanta um problema a mais que nos meninos” (Freud, 1925, p. 280). O psiquiatra aborda o desenvolvimento psicossexual feminino, a partir da ligação original da menina com a mãe. Inicialmente, o desenvolvimento acontece da mesma forma em ambos os sexos: a mãe é o objeto original de amor, e o pai um rival incômodo, ambos desempenham uma masturbação fálica (pênis e clitóris). A diferença ocorre quando percebem as diferenciações anatômicas entre os sexos, caracterizado pela constatação que o menino tem e a menina não tem o pênis. As meninas, ao notarem a ausência do órgão masculino, logo desejam tê-lo, pois não há, nesse momento da infância, um reconhecimento da vagina como órgão sexual e a ausência do pênis é tomado como uma desvantagem, como uma perda. A perda para a criança é algo muito doloroso pois esta é marcada por um tipo de amor possessivo que exige a posse exclusiva de menos que tudo. É importante ressaltar que o que está em jogo aqui não é o pênis mas o ter ou não ter. Manter ou perder.

Freud (1923/1925) descreve algumas consequências da "inveja do pênis". A primeira é o sentimento de inferioridade devido a ferida narcísica. A segunda, é a inveja do pênis apresentada como um ciúme dos meninos. A terceira, o abandono do objeto primordial, a mãe, como uma forma de ressentimento por esta não ter lhe dado o órgão masculino. Por fim, a menina abandona a masturbação clitoriana, por ser uma atividade masculina, afastando-se consequentemente da masculinidade e se conduzindo à feminilidade.

Como resultado dessas consequências advindas da constatação da falta, a menina terá o Complexo de castração como o processo primário que marca o início da fase fálica e que a levará, rapidamente, ao Complexo de Édipo. O menino, devido à marca do ter diante do não ter da menina, passa a tentar garantir-se como possuidor do pênis, protelando a castração e passando, primeiramente, pelo Complexo de Édipo. A castração pode ser protelada mas não será impedida, logo esta vai demarcar a saída do Édipo para o menino.

Após pouco mais de uma década de estudos sobre a diferença do desenvolvimento psicossexual de meninos e meninas, Freud, finalmente, publica dois textos consolidando uma teoria psicanalítica em relação a sexualidade feminina: *Sobre a sexualidade feminina* (1931) e *Feminilidade* (1933). Na fase pré-edipiana,

não há o reconhecimento da diferença anatômica entre os sexos e as descobertas de satisfação, pelas zonas erógenas, ocorrem de formas similares. Em ambos os sexos a masturbação se origina nos primeiros cuidados higiênicos com o bebê, nas carícias. O ato da masturbação é uma atividade fálica, predominantemente masculina, na qual a menina elege o clitóris como o órgão de sua primeira atividade sexual.

Retomando a ideia do feminino como construção, percebemos que essa descoberta freudiana sobre a sexualidade feminina, como um vir a ser após uma primeira fase predominantemente masculina, nos permite pensar sobre a construção do signo mulher na cultura e as consequências emocionais disso para as mulheres. Essas semelhanças entre meninos e meninas na fase pré-edipiana do desenvolvimento, que levou Freud a afirmar que a “menininha é um homenzinho” (Freud, 1933, p.118), nos remete à formulação de Simone de Beauvoir, “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam o feminino” (BEAUVOIR, 1949, p. 11), isso pretende dizer que, psiquicamente, tornar-se mulher é um processo que não é natural, tampouco, inato.

Nem a feminilidade ou sexualidade feminina é exclusiva da mulher e nem a masculinidade ou sexualidade masculina é exclusiva do homem, essas características estão presentes tanto no homem como na mulher. Há, entretanto, uma predominância da feminilidade e uma parcela de masculinidade nas mulheres e uma predominância da masculinidade e uma parcela de feminilidade nos homens. De modo geral, Freud (1933/1996) considera que aquilo que “constitui a masculinidade ou a feminilidade é uma característica desconhecida que foge do alcance da anatomia” (p. 115).

A comparação entre os corpos leva Freud a elaborar o complexo da castração e seus desdobramentos em cada sexo ao descobrir que a mãe é castrada. Como atenta o psicanalista Jacques-Alain Miller, “para o menino, a inquietude da ameaça que o faz fantasiar sobre o que ele possui de real quanto a seu pênis, a ausência que ele observa nesse lugar no corpo do outro, no corpo do ser feminino.” (MILLER, 2016, p. 5). Essa fantasia infantil coloca o homem, o macho, pensado como completo, enquanto a mulher parece marcada por uma irremediável incompletude. Vale ressaltar que, a marca da castração é a da falta. Ambos os sexos perdem, porém, no campo da fantasia, é como se houvesse uma hierarquia diante desta perda que

considera a mulher em desvantagem e o homem, mesmo castrado e faltoso em vantagem, ao menos diante da mulher.

Surge, daí, o princípio de “degradação do ser feminino e o princípio da ameaça que esse ser feminino está suscetível de encarnar para aquele que é o proprietário do órgão que funda sua unidade e sua totalidade.” (MILLER, 2016, p. 6). Nesse sentido, o mito testemunha a fantasia infantil de completude masculina e incompletude feminina, marcada na posse do corpo, entre ter e não ter o pênis.

Percebemos isso ao comparar a criação de cada sexo. O homem foi o primeiro humano a ser criado, o único e original. Deus, o formou do “pó da terra, e soprou em suas narinas o alento da vida; e foi o homem alma viva” (TORÁ, 2001, v.7, p. 5), colocado no jardim do Éden para ‘cultivar’ e ‘guardar’, ou seja, lhe foi atribuída responsabilidades de posse sobre a terra. O criador, vendo que não tinha um par para Adão, o fez cair em um sono profundo e “fez o Eterno Deus (da) costela que tinha tomado do homem uma mulher, e a trouxe ao homem”. Adão é criado como Um, literalmente, como se formasse um todo, e Eva, repartida do todo, tirada de sua costela, torna-se não-toda. Percebam que, a criação de Eva depende do corpo de Adão.

Segundo Miller (2016), a feminilidade pode ser encontrada na falta, pois falta um significante que o represente. Porém, isso não significa que seu lugar é todo inexistente, nem é sinônimo de incompletude. Embora, dentro da lógica falocêntrica, a fantasia do que deveria vir-a-ser uma mulher, analisando os signos da cultura atrelado à anatomia, situa o feminino no significante "falta", é atribuído tudo que remete à pobreza, um lugar de menos valia, de dejetos sociais. É o traço da falta que marca a feminilidade, assim sendo, “o homem pode procurar a mulher por excelência na mulher ferida, na mulher espancada (por ele mesmo ou por um outro), na mulher deficiente, na mulher travada, na mulher humilhada” (Ibidem, p. 8).

Dessa maneira, Eva só existe porque Deus fez de Adão seu corpo originário, há de certo modo uma deficiência, falta à Eva um corpo só seu, que não descenda do homem, que não dependa deste para existir. A figura mítica de Eva representa a mulher castrada, feita para caber, unicamente, na função ‘ajudadora idônea’ do homem, pois, foi sobre o seu corpo que incidiu a proibição do desejo: “e para o teu marido será o teu desejo, e ele dominará em ti” (TORÁ, 2001, v. 16, p.8). O que Eva tem que é só dela? Segundo o texto sagrado, enunciado na tradução de seu nome: a

maternidade. Importante retomar o significado do nome Eva: “mãe de todos os viventes”.

Eva dá à luz ao seu primeiro filho, Caim, e diz: “Adquirir um homem com o (auxílio do) Eterno”. Este é o destino final da personagem, última vez em que é narrada na história. Portanto, a saída para a os impasses da feminilidade em Eva é a maternidade, ou seja, ela tem um filho do pai (Eterno) como modo de ter o falo desejado- mesma saída que Freud teorizou ao escutar as mulheres de sua época.

Seguindo o percurso da feminilidade em Freud, suas dissoluções acontecem quando a criança substitui o seu desejo de ter um pênis pelo desejo de ter um filho. Para Freud, a maternidade seria uma saída para a mulher. A posição da mulher enquanto mãe, em Freud, estende-se também ao casamento: “Um casamento não se torna seguro enquanto a esposa não conseguir tornar seu marido também seu filho, e agir com relação a ele como mãe” (Freud, 1933/1996, p.133). Tornar-se mulher como equivalente a tornar-se mãe foi o limite da teoria freudiana sobre o feminino, assim como foi para Eva.

Abre-se um parênteses, então, para um retorno às origens do criador da Psicanálise a partir do livro da psicanalista e historiadora Elisabeth Roudinesco: *Freud na nossa época e no nosso tempo*. Freud foi um homem hétero e judeu, nascido em 06 de maio de 1856, em Freiburg, no Império Austríaco. Durante toda a vida de Freud e antes do seu nascimento, os homens judeus, fora de casa, tinham um poder extremamente limitado pelo funcionamento de uma Europa extremamente antissemita. O poder feminino, por sua vez, era limitado ao território doméstico. Ambos os gêneros tinham sua história bastante limitada ao funcionamento dessa ordem familiar e com lugares sociais muito bem definidos. Foi neste modelo extremamente tradicional e conservador no qual Freud foi criado. Essa foi a ordem familiar na qual Freud emergia em sua infância e durante a adolescência. A autoridade do marido mais velho, a subordinação das mulheres e a dependência dos filhos. Essa organização familiar, secular e passada de geração em geração, era extremamente potente neste lugar de onde Freud adveio e isso aparece em sua obra, sobretudo no limite da conclusão que Freud conseguiu elaborar para a saída para o feminino através da maternidade. Muitas elaborações freudianas conseguiram se manter atuais após mais de um século da criação da psicanálise, entretanto algumas, como a questão da mulher, precisa ser atualizada, como se busca fazer neste percurso.

Percebemos que o percurso de Eva acontece, resumidamente, em três etapas: criação, pecado e maternidade. Após comerem do fruto proibido, ambos transgridem e, como condenação, Deus diz: “Multiplicarei o teu sofrer e a tua concepção; com dor darás à luz filhos; e para teu marido será teu desejo e ele te dominará em ti” (TORÁ, 2001, v.16, p.8). Podemos observar, portanto, que a mulher bíblica é marcada pela dor e pela proibição do seu desejo.

Para além de Freud, em Lacan há um avanço, algo que a biógrafa Marie-Hélène Brousse (2012, p.12) chama de revolução lacaniana: pensar o feminino não pelos emblemas, mas pela questão do gozo; ou seja, Lacan “retoma o impasse freudiano e desloca a questão acerca do que é um homem ou uma mulher, retomando-a do lado de seus respectivos gozos”. Será a partir dessa revolução que o texto em questão também tomará seu caminho.

O Feminino em Lacan

*O que a mulher quer,
Deus também quer*
Lacan

Para pensar o gozo feminino e sua inconsistência, precisamos analisar o lugar que o feminino toma na partilha sexual. Adão é criado como todo, através da lógica do Outro (Deus/cultura), como um conjunto fechado, limitado portanto calcado na função fálica. Eva é repartida do todo, isso a localiza na lógica do não-todo, ou seja, para a mulher não há um universal. Portanto, o gozo masculino é todo submetido à lógica fálica, e o feminino não é ordenado pelo significante fálico, assim sendo, o masculino se localiza pela identidade, e o feminino pela alteridade, como observa a psicanalista Ondina Machado (MACHADO, 2005).

Em Freud (1905/1997), a saída para a sexualidade feminina seria a maternidade, bem como aconteceu com Eva. Nesse sentido, ela representa a mulher freudiana na qual a ideia de singularidade parece suprimida pelo matrimônio e pela maternidade como destino. Como vimos no mito, Eva significa: “mãe de todo vivente” (TORÁ, 2001, v. 20, p. 9) o que inaugura na cultura ocidental judaica-cristã a equivalência entre mulher e mãe.

Lacan diz que essa descoberta freudiana coloca a mulher numa posição subordinada. Percebemos, também, que o próprio Freud não ficou satisfeito com suas

conclusões e, é provável que ao se perguntar “O que quer uma mulher?”, Freud já estivesse também propondo que, se o desejo sempre foi central na mulher, talvez fosse pelo desejo que se deveria tentar encontrar a mulher, e, portanto, a própria sexualidade feminina. Uma sexualidade marcada por constantes alternâncias que dão à feminilidade um caráter de enigma que poderá ser buscado a partir do desejo não confessado, que sempre oculta algo para que o outro tente desvendar. Afinal, o desejo de um sujeito sempre encontra sentido no desejo do outro, “não tanto porque o outro detenha as chaves do objeto desejado, mas porque seu primeiro objeto é ser reconhecido pelo outro” (Lacan, 1998, p.269).

A falta de uma resposta para o enigma da feminilidade o levou a tentar dizer mais, ainda, sobre a mulher. Mais ao início de seu ensino, Lacan retoma Freud e tenta explicar a mulher inserida no simbólico, ou seja, articulada com a lei fálica, sendo que ela entraria nessa dialética simbólica marcada por um menos, que simboliza a ausência do falo. Sendo assim, a mulher nesse momento, para Lacan, está submetida à função fálica, ao simbólico, no qual há apenas um significante da sexuação: o falo. A mulher e o homem estão inseridos no mundo simbólico, sexual.

No entanto, se não há um significante no Simbólico para o feminino, este não estará em Outro lugar? Essa questão leva Lacan a um giro de perspectiva acerca da feminilidade. A mulher estaria dividida entre o mundo simbólico e o para-além do simbólico. Lacan aponta para uma nova vereda, em que a mulher não é mais completamente submetida à função fálica, sexual – isto é, à linguagem. Saímos do desejo como eixo central da articulação teórica e passamos para o Gozo enquanto tal: não sexual, não-simbólico, irreduzível à linguagem. Essa proposta lacaniana leva a teoria psicanalítica a furar a equivalência entre os significantes "mulher" e "mãe". Eis a revolução lacaniana sobre o feminino: mãe não é um significante possível para o feminino, não existe nenhum significante que possa ser!

No discurso, tanto o homem quanto a mulher são significantes. “Um homem, isto não é outra coisa senão um significante” (Lacan, 1972-1973/1985, p. 46) que procura uma mulher pelo que esta é inscrita no discurso, pois, na verdade, a mulher não é toda marcada pelo significante, “há sempre alguma coisa nela que escapa ao discurso” (Lacan, 1972-1973/1985, p. 46).

Em consequência dessa falta de significante, Lacan afirma que:

A mulher não existe, pois ela é não-toda", isso significa dizer que ela não é completamente submetida ao gozo fálico, pois, como já foi visto,

a castração não opera completamente na mulher, há algo que permanece metonímico em seu resultado. Por ela ser não-toda, Lacan propõe que não podemos, portanto, chamá-la de a mulher, mas de \bar{A} mulher, o A barrado. A consequência desse impossível de nomear nos leva a “não pára de não se escreve (Lacan, 1972-1973/1985, p. 127).

Esse é o gozo da mulher – $S(\bar{A})$, um gozo Outro que não o gozo fálico e que se inscreve na função de ser. O gozo feminino não está ocupado com o homem, mas quer saber o que ele sabe. A questão que se coloca aí é que no inconsciente o sujeito sabe sempre mais, porém isso não é aceito, pois é necessário que esse saber seja articulado num discurso. Mas e a mulher, o que ela sabe sobre o gozo? “É nisso que ela é ela própria sujeita ao Outro, tanto quanto o homem” (Lacan, 1972-1973/1985, p. 119-120).

Para esse gozo a mulher é não-toda, mas a escrita desse gozo, se fosse possível escrevê-lo, buscaria uma suplência desse não-todo. Lacan aponta que a maternidade é uma forma da mulher mostrar suplência do não-todo do gozo feminino: ocupando esse lugar ausente de si mesma, fazendo semblante como mãe, ela tamponaria esse vazio colocando seu filho como objeto a (Lacan, 1972-1973/1985, p.49), ainda assim como o gozo feminino jamais deixaria de ser não-todo.

Eva veio de um pedaço da costela de Adão, o significante de seu desejo está no corpo de Adão. Deus ao criá-la disse: “será chamada mulher, porque do homem foi tomada esta” (TORÁ, 2001, v. 23, p. 6). Portanto, a única forma da mulher-Eva existir é sendo parte do corpo do homem-Adão. Entretanto essa existência, ausente de si mesma, a mantém, desde a origem, como não-toda. De modo semelhante, a maternidade seria capaz apenas de uma pequeno e ineficaz tamponamento, mas, ainda assim a mulher permaneceria como não-toda.

Diante dessa mulher não-toda determinada pela sua dependência à um homem, pela leitura de que esta seria uma construção à partir do corpo de Adão, ou dessa mulher-Eva que permanece não-toda mesmo após cumprir sua missão divina da maternidade, parir Caim e Abel. Onde se localizam as mulheres que não fazem tais suplências (matrimônio e maternidade) ou que mesmo que as façam, não gozam de tais suplências? Quais as consequências da origem bíblica da mulher em Eva para as mulheres na contemporaneidade? Seguiremos neste percurso.

O feminino na contemporaneidade

É perceptível, na clínica, um certo anacronismo entre a mulher bíblica e a mulher contemporânea. Escutamos alguns pacientes que, mesmo na contemporaneidade, colocam em seus parceiros seu ponto de amarração, como se seu corpo fosse vivificado sob o olhar desse homem, ou seja, há um deslumbramento. A vida de muitos gira em torno da história de amor romântico, a ponto de confiar ao parceiro amoroso tudo de si, de tal modo que perdê-lo significaria perder a si mesma. O casamento para muitos, ainda hoje, no século XXI, é tido como o maior e mais importante objetivo da vida, nada mais é incorporado em sua vida além do matrimônio e dos filhos. Parece muito difícil sair do regime moral do Outro, em que é imputado em seu corpo a culpa e a proibição derivada de Eva.

Concernente a isso, Miller (2016) considera que a verdadeira mulher lacaniana é a perdida, à procura de um homem-bússola. Isso se refere a erotomania, ou 'loucura feminina', o objeto de amor do feminino é insubstituível e a demanda de amor ao Outro é infinita. Enquanto do lado masculino, o objeto de amor é fetichizado, e substituível. É uma repercussão da "estrutura do ter ou ser ou não o falo", citando a psicóloga Aline Miranda (MIRANDA, 2008, p.31), que ressoa nas relações de objeto, "ou seja, na forma que cada ser sexuado se impõe a seu parceiro" (ibidem). A forma das relações contemporâneas, pensada no esquema milleriano de parceiro-sintoma, são anacrônicas a do mito, que existe há milhares de séculos.

Ao falar sobre sintoma no *O seminário 23: Sinthoma*, Lacan (1975/1976), cita que para um homem, a mulher é um sinthoma, mas o homem para uma mulher é pior que uma aflição, é uma devastação (*ravage*). Se o sintoma é um sofrimento sempre limitado, a devastação é um sofrimento ilimitado, portanto, há uma dificuldade em localizar o sofrimento. O sintoma está do lado masculino, ou seja, unidade e identidade do ser, enquanto a devastação é o seu corresponde do lado feminino com a diferença, sem identidade (MILLER, 2016).

Devastação é um fenômeno clínico que se refere a um sofrimento feminino derivado do modo de gozo. Aparece em alguns momentos das obras de Lacan e Miller. Em Lacan, no contexto da fórmula da sexuação, da não existência sexual, e do feminino para além da lógica fálica. Em Miller, aparece ao tratar do gozo feminino enquanto sinal de depreciação. Tal termo é percebido na clínica do feminino

contemporâneo, aponta para uma certa manutenção de Eva, a mulher vivificada sob o olhar/corpo masculino.

A palavra devastação é a tradução para o francês *ravage* que também pode ser traduzido como arruinar, tornar deserto, e pode ser associado ao termo deslumbramento (*ravissante*). O deslumbramento é tido como um fenômeno clínico, diretamente ligado à lógica fálica, pois, como coloca a psicóloga Vanessa Brassier, “no centro de seu processo o lugar do corpo da mulher e de sua imagem, que é o lugar da beleza e da forma, e, simultaneamente, a função do desejo, privilegiadamente o desejo do homem, cujo olhar arrebatado dá consistência à feminilidade aleatória da mulher” (BRASSIER, 2014, p. 50). Como acontece com Eva, em que ser o desejo de Adão é o que dá sustentabilidade à sua feminilidade.

Na devastação, quando os semblantes não se sustentam, emerge “uma perda corporal não simbolizável pelo significante fálico, uma não redução das imagens cativantes à imagem central do corpo, uma não inscrição do corpo no desejo do Outro” (BROUSSE, 2004, p. 65). Há uma retomada do traumático do feminino, estabelecida na relação com a mãe que se origina no Complexo de castração, ao perceber que a mãe também é castrada, portanto não pode suprir sua falta do falo “e de um significante que dê consistência ao ser mulher, revelando uma transmissão impossível da feminilidade e de uma identificação feminina propriamente dita”, tal qual observa a psicóloga Danuzza Souza (SOUZA, 2016, p. 57).

Nesse sentido, devastação é um sofrimento específico referente ao gozo feminino, que decorre da inexistência do todo-feminino, há um problema de nomeação, o sujeito “não metaforizou a falta do Outro, e portanto, permanece no registro do pênis e suas metonímias” (MIRANDA, 2008, p.28). Portanto, é por faltarlhe um significante que Lacan (1974/1975, p.109) sintetizou em seu aforisma “A mulher não existe”, enquanto artigo universal. Entretanto, se a mulher busca encarar a inexistência de seu significante “em vez de se encontrar, se unificar, ela irá, pelo contrário, se desdobrar em duas partes: numa em que ela é sujeito do inconsciente e noutra em que ela só encontra ausência em vez de uma existência”. (MALVINE ZALCBERG, 2012, p. 470). Isso caracteriza a devastação, ou seja, o feminino além da lógica fálica, onde os semblantes não se sustentam.

A mulher contemporânea é aquela que está em conformidade com a cultura de sua época. Eva, era a mulher contemporânea da época de Freud, no século XVII. É muito comum sujeitos que não vivem de acordo com a cultura de sua época, com

isso, o mal estar inibitório da mulher freudiana pode acometer a mulher deste século que ainda são regidas sob a lógica fálica. Nesse sentido, a mulher contemporânea está para além da lógica fálica, para além da filha como falo para mãe, esta é regida pelo seu desejo, não mais pela moral e bons costumes. A devastação seria essa disrupção, a travessia de uma para a outra, um não estar. (MACHADO, 2005)

Em suma, a devastação é derivada do modo de gozo que rouba as palavras. Aparece quando feminino emerge mais além das suas formas de representação, de imaginarização. Existe um sentimento de arrebatamento, como se só o corpo estivesse ali, sentimento de não estar, de desincronia, o insuportável da solidão. Não se consegue dizer sobre a experiência, ao passo que exerce um efeito de repetição. Há algo de ancestral nesse sofrimento, que denuncia a herança de Eva na mulher contemporânea.

Ao analisar a invenção da mulher a partir do mito Adão e Eva, localizamos na personagem a composição da mulher freudiana, que representa um sujeito regido pela lógica fálica, cuja traço da feminilidade corresponde à falta, neste lugar, o feminino é depreciado. Permanecer na demanda de amor à mãe ou ao parceiro amoroso faz emergir a devastação ao encarnar o amor enquanto completude, uma vez que é impossível a transmissão dos semblantes de feminilidade, pois “A mulher não existe”, tampouco a relação sexual (Um). Faz-se necessário sustentar o peso de sua falta-a-ser, e metaforizar o furo.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de (1949). **O segundo sexo: fatos e mitos**. Tradução Sérgio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016a.

BEAUVOIR, Simone de (1967). **O segundo sexo: a experiência vivida**. Tradução Sérgio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016b.

BRASSIER, V. (2014, dezembro) **Loi V. Stein: do deslumbramento à devastação**. Rev. Assoc. Psicanal. Porto Alegre, n. 47, p.48-69, jul.

BROUSSE, MH. **Uma dificuldade na análise de mulheres: A devastação da relação com a mãe**. In: Miller, J.A. Ornicar?: De Jacques Lacan a Lewis Carroll. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

DRUMMOND, Cristina. Devastação. **Opção Lacaniana online nova série**. Ano 2. n. 6. Nov. 2011. Disponível em:

http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_6/Devastacao.pdf. Acesso em: 21 dez. 2020.

FINK, Bruce. Neurose. In: _____. **Introdução Clínica à Psicanálise Lacaniana**; Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2018. p. 128- 183.

FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 6**: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“o caso Dora”), e outros textos (1901 – 1905). Tradução Paulo César de Souza. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, Sigmund. Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina (1920). In: _____. **Obras completas, volume 15**: Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923). Tradução Paulo César de Souza. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 101-133.

FREUD, Sigmund. Algumas consequências psíquicas das distinções anatômicas entre os sexos. Recalque. In: **Obras Psicológicas Completas: Edição Standard Brasileira. Vol. XIX**. Rio de Janeiro, 1925.

FREUD, Sigmund. O Eu e o Id, “Autobiografia” e outros textos. In: _____. **Obras Completas, Vol. XVI**, 1.ed., Companhia das Letras, 1923-1925.

FREUD, Sigmund. Sobre a sexualidade feminina (1931). In: _____. **Amor, Sexualidade e Feminilidade**. Tradução Maria Rita Salzano Moraes. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018c. (Obras Completas de Sigmund Freud, 7).

FREUD, Sigmund. Feminilidade (1933). In: _____. **Amor, Sexualidade e Feminilidade**. Tradução Maria Rita Salzano Moraes. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018d. (Obras Completas de Sigmund Freud, 7).

FREUD, Sigmund. O Mal-Estar na Civilização, novas conferências introdutórias e outros textos. In: _____. **Obras completas**. 1.ed. Vol. XVIII, Companhia das Letras, 1930-1936.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 17**: O avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1992.

LACAN, Jacques. **O Seminário, Livro 20**: Mais, ainda. [1972-1973]. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LACAN, Jacques. **Os nomes-do-Pai**. [1901- 1981]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 23**: o sinthoma. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

LACAN, Jacques. Mulheres e semblantes II. **Opção Lacaniana online nova série**, ano 1, n. 1, mar. 2010. Disponível em:

http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_1/Mulheres_e_semlantes_II.pdf. Acesso 21 dez. 2020.

LACAN, Jacques. A significação do falo. In: _____. **Perspectivas dos Escritos e Outros Escritos de Lacan: entre o desejo e o gozo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

LAURENT, Erick. A disparidade no amor. **Curinga**, EBP MG, n. 24, p. 21- 31, Junho, 2007.

MACHADO, Ondina M. R. **A clínica do sintoma e o sujeito contemporâneo**. Tese (Doutorado em Psicologia) Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, p. 214. 2005.

ZALCBERG, Malvine. **Devastação: uma singularidade feminina**. Tempo psicanalítico, Rio de Janeiro, v. 44.2, p. 469- 475, 2012.

MILLER, Jacques. Uma partilha sexual. **Opção lacaniana online nova série**, ano 7, n. 20, p. 1- 40, Jun, 2016. Disponível em:

http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_20/Uma_partilha_sexual.pdf. Acesso 21 dez. 2020.

MIRANDA, Aline. S. A devastação e o feminino. **Psychê**, vol. XII, n. 22, Jan-Jun, p. 27-34, 2008.

SOUZA, Danuzza. **A devastação e sua relação com o irrepresentável no corpo feminino: Algumas considerações no laço Psicanálise e literatura**. Tese (Mestrado em Psicologia) Centro de estudos gerais Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense. Niterói, p. 114. 2016.

TORÁ. No princípio. Português. **A Lei de Moisés**. Tradução de Meir Matzliah Melamed. São Paulo: Sêfer, 2001. p. 1-9

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. In: _____. O poder da invenção. São Paulo: Cosac Naify, 2010. p. 75- 119.

O CORPO EM TRANSBORDAMENTO E O EXCESSO DE GOZO NA CONTEMPORANEIDADE

Maria Eduarda Leão e Renata Wirthmann

O corpo existe e pode ser pego
É suficientemente opaco para que se possa vê-lo
Se ficar olhando anos você pode ver crescer o cabelo
O corpo existe porque foi feito
Por isso tem um buraco no meio
O corpo existe, dado que exala cheiro
E em cada extremidade existe um dedo
O corpo se cortado espirra um líquido vermelho
O corpo tem alguém como recheio
Arnaldo Antunes

O entendimento do transbordamento do corpo na contemporaneidade, a partir dos aspectos culturais contemporâneos referentes ao corpo e como este é cuidado, parece apontar para um excesso. Dois conceitos freudianos são imprescindíveis para sustentar tal argumentação teórica: os conceitos de eu ideal e de Ideal de eu. Partir-se da afirmação que a exacerbação do eu ideal é um dos responsáveis por colocar o Brasil em primeiro lugar no ranking de cirurgias plásticas no mundo. De acordo com dados da Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica Estética, no ano de 2018, o país registrou cerca de 1 milhão de cirurgias plásticas.

O Brasil é, também, o quarto maior mercado de beleza e cuidados pessoais do mundo, de acordo com a pesquisa de mercado Euromonitor International no ano de 2019. A mesma pesquisa ainda aponta que o consumo dos dermocosméticos (inclui-se produtos derivados do ácido hialurônico) aumentou 78%, no período de 4 anos. Já o uso de anabolizantes cresceu 75%, de acordo com estudo da Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia em 2018.

Ademais, o consumo de itens de beleza cresceu 124% nos últimos 10 anos no Brasil. Tem-se em vista o crescimento da população sênior, ampliação do consumo da geração *millennials* (nascidos de 1981 a 1996) e *centennials* (nascidos a partir de 1997) e a nova masculinidade. Diante disso, torna-se evidente o mercado da medicina cosmética que ganha amplo progresso de consumo e público-alvo no

Brasil. Há como disparador de vendas as redes sociais, assim, a sociedade capitalista aproveita dos sintomas dos sujeitos para obter seus lucros.

Esse corpo que transborda na contemporaneidade e permite novos laços sociais entre o sujeito e a cultura é a fonte primordial para a narrativa aqui articulada. Parte-se da perspectiva psicanalítica a partir de Freud, Lacan e comentadores.

A psicanálise compreende o sujeito como singular, visto um a um, como observa a psicanalista Vera Lúcia Veiga Santana, “transmite o respeito pela diferença e pelo que há de mais particular em cada sujeito” (SANTANA, 2011, p. 3). Em contrapartida, a cultura contemporânea propõe a ideia de um ser universalizante inserido em uma sociedade de consumo imediatista. A qual o tempo tem velocidade feroz e o desejo pelo o que quer é sempre urgente na busca de satisfação imediata. Além de gerar novos sintomas que apontam para o excesso de gozo e para o transbordamento, consequentemente, produzindo novas formas de mal-estar.

Assim pretende-se traçar o percurso teórico desde o surgimento da psicanálise, a partir da premissa do inconsciente abordando a constituição do sujeito para tal teoria. Tem-se em vista, que o sujeito não nasce ou se desenvolve, se constitui alicerçado na ordem social. À medida disso, pode-se compreender os conceitos de eu ideal e Ideal do eu. Como também, o estágio do espelho e narcisismo, os quais enlaçam com o tema do transbordamento do corpo.

Compreende-se que a cada época a cultura gera novos sintomas e o sujeito funciona em conformidade com o seu tempo. Na contemporaneidade, sob a ótica do capitalismo, há uma exacerbação dos imperativos categóricos: “Tenha!”, “Compre!”, “Usufrua!”, ou seja, “Goze!”. De modo que, o ideal contemporâneo é o gozar. Portanto, o texto aponta para a distinção entre o sintoma freudiano e o lacaniano, que assinala para o real, que sempre resta algo.

Sendo assim, ao decorrer deste, procurou-se analisar, com base nos pressupostos teóricos, os excessos corpóreos como sintoma dos sujeitos contemporâneos. Ao investigar a importância dos atributos do eu ideal para esses ao apontar para as modificações corpóreas enquanto instáveis e performáticas. De modo que, a partir de produções artístico-culturais pode-se fazer este enlaçamento.

Não existe sujeito sem corpo

O ser se constitui enquanto sujeito para a psicanálise na relação com o corpo e a linguagem. A partir do momento que esse se identifica como sujeito e reconhece

que se tem um corpo, inaugura uma relação mediada com o mesmo. De tal maneira, o corpo passa a ser um objeto pensado e vivido pelo consciente e o inconsciente. Assim, se traz aqui os transbordamentos do corpo, como no caso da socialite norte-americana Kim Kardashian. Essa com mudanças corporais drásticas levantou polêmica na internet e em outros meios, ao alertar sobre como o corpo se tornou o principal item de beleza com a volta da moda dos anos dois mil, conhecido como Y2K.

A modelo e influenciadora a princípio levantou discussão ao vestir no Met de Gala um *naked dress* usado por Marilyn Monroe em 1962, quando a atriz declara “parabéns” ao então presidente dos Estados Unidos, J. F. Kennedy. Para isso, Kim precisou emagrecer cerca de 7 quilos em 3 semanas com uma dieta rigorosa.

Em outro momento, no programa de TV estadunidense “*The Late Show with James Corden*”, aparece ainda mais magra, com aparente transformação radical em seu corpo. A aparição provocou repercussão ainda maior ao discutir os limites do corpo e os procedimentos estéticos, que a socialite diz fazer uso. Como laser para apertar o estômago e pirulito inibidor de fome, além de já ter dito que comeria fezes para parecer mais jovem.

Diante disso, deve-se retomar os fundamentos freudianos para entender o lugar da psicanálise nessa discussão sobre o sujeito contemporâneo e o corpo. Assim, é pela premissa do inconsciente que Freud formula a Psicanálise. De tal forma, que esse será o ponto de partida para a presente pesquisa, pois para a compreensão de conceitos como eu ideal e Ideal do eu, precisa-se retomar ao conceito de inconsciente em Freud e a questão do sujeito em Lacan. Importante antecipar que, como aponta Andréa Di Pietro Lewkovitch e Angélica Bastos de Freitas Rachid Grimberg,

no ensino de Lacan, o eu ideal é uma instância imaginária, a imagem no espelho, uma projeção. Para que essa imagem se constitua, no entanto, é necessário que o olho, no esquema óptico, esteja em certa posição em relação ao espelho, ou seja, que o sujeito se situe em uma posição no simbólico. O modelo simbólico que guiará essa projeção é o Ideal do eu, que se constitui em uma introjeção (LEWKOVITCH, A.; GRIMBERG, A., 2016, p. 5).

Desde a origem da psicanálise, a interpretação do inconsciente é central na teoria freudiana; o tratamento parte-se da regra fundamental da associação livre. Portanto, no início do século 20, Freud inaugura a psicanálise, que se fundamenta no inconsciente do qual só podemos saber a partir dos sonhos, lapsos da língua e dos

sintomas. Os primeiros textos, que oferecem a fundamentação para a premissa do inconsciente são: *Interpretação dos sonhos* (1900), *A psicopatologia da vida cotidiana* (1901) e *O chiste e sua relação com o inconsciente* (1905).

De modo que a psicanálise promove o movimento de descrição da cultura e dos sintomas de cada tempo, ao partir dos saberes do inconsciente. Os fenômenos atuais do transbordamento do corpo aqui podem ser descritos, a exemplo do caso das cirurgias de rinoplastia caseira propagadas na internet, com instruções no Youtube. Sobre o caso, um homem no Estado de São Paulo utilizou a explicação para se operar em casa. Este manuseou cola instantânea para fazer a sutura, conseqüentemente, ocasionou complicações e a necessidade de dirigir-se a uma Unidade de Pronto Atendimento.

Pode-se pensar o sofrimento e a angústia desse sujeito, que na finalidade de alcançar uma idealização, realiza uma cirurgia em casa. Coloca em risco sua própria vida. Tem-se em vista que para a realização de cirurgias plásticas é preciso consultas ao médico, exames e todo o aparato técnico e instrucional de um profissional capacitado. Torna-se evidente que em seu sintoma algo no sujeito não está suscetível a trabalhar ao seu bem.

No entanto, “a psicanálise é uma experiência de discurso que visa levar o sujeito a sair daquilo que o faz sofrer, para alcançar o bem-dizer da ética do desejo” (SANTANA, 2011, p. 1). Logo, essa se interessa pelo sujeito como efeito do inconsciente visto além do sofrimento. Bruce Fink, psicanalista norte-americano e contemporâneo, retoma a afirmação de Jacques Lacan, francês, pós-freudiano, que faz uma releitura da obra de Freud por meio de novas conceituações. Como ao propor caracterizar o inconsciente enquanto linguagem, que obedece a um tipo de gramática,

ao dizer que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, Lacan não afirmou que o inconsciente é estruturado exatamente da mesma forma que o inglês, digamos, ou qualquer outra língua antiga ou moderna, mas que a linguagem, da forma como opera a nível do inconsciente, obedece a um tipo de gramática, ou seja, a um conjunto de regras que comandam a transformação e o deslizamento que existe dentro dela. O inconsciente, por exemplo, tem uma tendência a quebrar as palavras em suas mínimas unidades- fonemas e letras - e a recombina-las como pareça adequado (FINK, 1998, p. 25).

À vista disso, a maior premissa psicanalítica é o inconsciente. Lacan o põe sobre a ordem da estrutura linguística como mecanismo que recalca o pensamento, mas não os sentimentos e emoções, de forma que recombina tais ideias para que se tornem possíveis ao sujeito. O inconsciente conta, registra, anota tudo, armazena e

em momentos cruciais pode resgatar aquela informação. "O inconsciente não é algo que se conhece mas algo que é sabido. O inconsciente é sabido sem o saber da "pessoa" em questão: não é algo que se apreende "ativamente", conscientemente, mas, ao contrário, algo que é registrado 'passivamente', inscrito ou contado" (FINK, 1998, p. 42).

Retorna, a despeito de sua intenção, ao sujeito a partir de seus próprios lapsos da língua, sonhos e sintomas, de tal forma que "manifesta-se no cotidiano como uma irrupção transitória de algo estranho ou extrínseco" (FINK, 1998, p. 63). À vista disto, o inconsciente é formado por uma cadeia significante, que parte do discurso do Outro, que é intruso e repleto de fala de outras pessoas. "Nossas próprias fantasias podem ser estranhas para nós, pois são estruturadas por uma linguagem que é apenas assintótica ou tangencialmente nossa e, no início, elas podem até ser fantasias de outras pessoas" (FINK, 1998, p. 30).

Assim, pode-se pensar na fantasia do suposto corpo perfeito, que é propagado no contexto atual, a qual é formada no inconsciente do sujeito a partir dos elementos apresentados pelo Outro: a cultura, as redes sociais ou determinada figura pública de destaque. Por exemplo, no caso de Kim Kardashian, pode-se questionar o que a imagem da socialite representa ao ditar tendências de moda e estilo de vida. Ao se considerar que as irmãs Kardashian-Jenner são fortes influências no mundo da moda, estando vinculadas a marcas como Dolce e Gabbana, Louis Vuitton e Jean Paul Gaultier.

De tal maneira, para essa perspectiva o sujeito não é o indivíduo consciente da filosofia anglo-americana, do pensamento descartiano, que compreende o raciocínio consciente, mas parte-se do pensamento inconsciente (FINK, 1998). O sujeito psicanalítico constitui-se quando se aliena ao Outro e torna-se componente da cultura, momento em que Lacan descreve que é no encontro da linguagem que a libra de carne se torna sujeito.

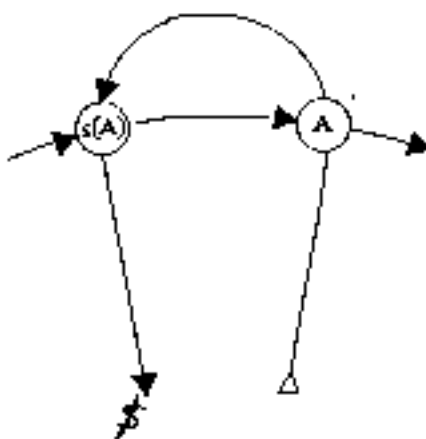
Nossa alienação é na e pela linguagem, a linguagem que antecede nosso nascimento, fluindo em nós através do discurso que nos circunda enquanto crianças, e que molda nossos desejos e fantasias. Sem a linguagem não haveria o desejo da forma como o conhecemos - estimulante e, ao mesmo tempo, contorcido, contraditório e insaciável - nem haveria qualquer sujeito como tal (FINK, 1998, p. 71).

O conhecido \$ dos diagramas psicanalíticos compreende o sujeito preterido, quando ele aceita alienar-se à cultura e perde algo de si. Ou seja, o sujeito é

atravessado pela linguagem, alienado dentro do Outro, de modo que escolhe o próprio desaparecimento. Assim, adentra à posição de que existe algo que falta, que marca a instituição da ordem simbólica. Em que se compreende que o sujeito lacaniano está baseado na nomeação de um vazio. "No entanto, ao assujeitar-se ao Outro, a criança ganha algo: torna-se, em certo sentido, um dos sujeitos da linguagem, um sujeito “da linguagem” ou “na linguagem” (FINK, 1998, p. 71). Representando esquematicamente, a criança, assujeitada ao Outro, permite que o significante a substitua.

Para que possa compreender esse assujeitamento ao Outro, à cultura, às normas sociais e ao próprio conceito de beleza vigente, às modificações corpóreas a qualquer custo, mesmo quando se paga com a própria saúde e bem-estar. Pode-se voltar ao esquema Lacaniano que representa a dita constituição do sujeito no Grafo do Desejo. Apresentado no Seminário 5, *As formações do inconsciente* (1957- 58). A partir de tal explanação, o filósofo esloveno, Slavoj Žižek, em seu livro *Eles não sabem o que fazem: o sublime objeto da ideologia*, (1992) no capítulo 5, *O grafo do desejo uma leitura política*, propõe a explicação didática deste, de tal forma que aqui será exposto brevemente.

Figura 1. Grafo 1

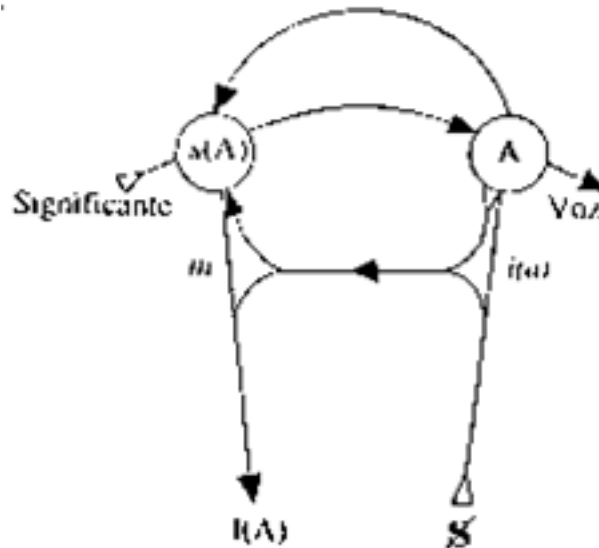


Fonte: Iglesias (1996)

O ponto de partida se dá por retroação quando a libra de carne é atravessada pela cadeia significante, nomeada no ponto de basta, e costurada nessa cadeia. Torna-se sujeito ao adentrar a linguagem, de modo que não se tem volta. “Com efeito, é a cadeia significante que faz a diferença entre o sujeito humano e a vida animal” (LACAN, 1957-58, p. 526). Assim, a cadeia significante faz o movimento

de avanço e o sujeito de retroação, na função de gerar a ilusão de auto existência, “a partir do momento que há cadeia significante, existe frase” (LACAN, 1957-58, p. 527).

Figura 2. Grafo 2

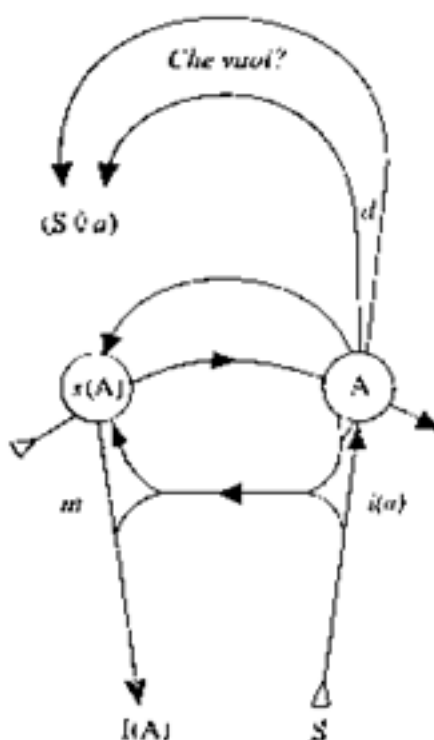


Fonte: Iglesias (1996)

Neste ponto projeta-se o encontro com o Outro. O resultado é a mensagem. Basta que haja um *receiver* (receptor) e um *sender* (emissor) para que a mensagem seja constituída” (LACAN, 1957-58, p. 528). De tal forma, ao adentrar na cultura, este ser ganha o traço unário, que o da origem e advém do Outro, constituindo assim, o Ideal do eu, $I(A)$, a identificação simbólica. Já o eixo que liga o eu (m) e seu outro imaginário $i(a)$, eu ideal, completa a identidade do sujeito consigo mesmo pela alienação. “A maneira como nos vemos e o ponto de onde somos observados é precisamente a diferença entre o imaginário e o simbólico (ZIZEK, 1990, p. 108).

A partir disso, o ser falante emite um discurso ao outro (enunciado). De modo que, a “voz” é o que resta da significação, na qual Outro (A) dará significado a tal cadeia.

Figura 3. Grafo 3

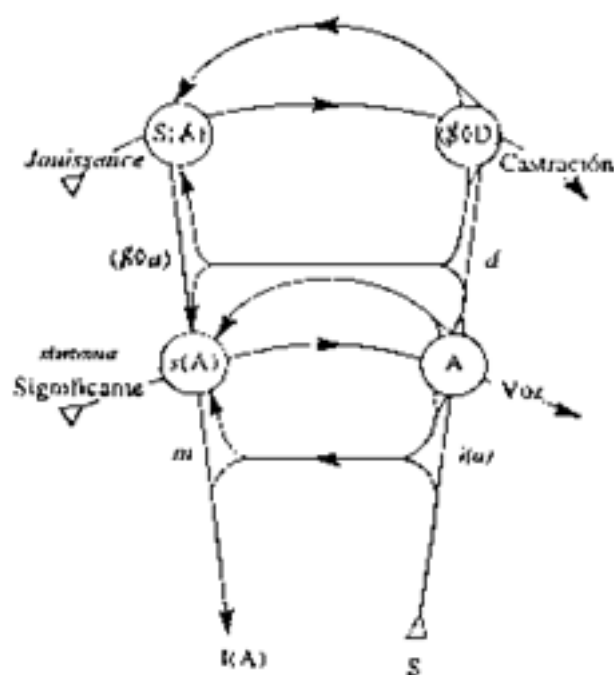


Fonte: Iglesias (1996)

A partir da articulação entre a identificação imaginária e simbólica leva a pergunta *Che vuoi?* (o que queres?) configura, o que esse sujeito deseja (d). “Essa pergunta sinal que se coloca acima da curva de bastamento indica assim, a instância de um abismo entre o enunciado e sua enunciação” (ZIZEK, 1990, p. 109). Assim, direciona a fórmula da fantasia como resposta, “a fantasia funciona como a trama imaginária que preenche o vazio, a abertura deixada pelo desejo do outro” (ZIZEK, 1990, p. 112).

De modo que “em toda a retroação da linha (da curva de bastamento) inscreve-se o suporte do desejo. A ação falante tem efeitos no desejo do sujeito que a articula, e esses efeitos se produzem por retroação” (LACAN, 1957-58, p. 529).

Figura 4. Grafo 4



Fonte: Iglesias (1996)

Na última etapa, tem-se o desejo (d) sustentado pela fantasia, que quando direcionado ao Outro gera a demanda (D). Essa nunca satisfeita gera consequência no significado da falta do Outro S/A . “Naturalmente, a necessidade continua a existir. A satisfação da fantasia não tem como atender a todas as necessidades” (LACAN, 1957-58, p. 223). De modo que, ao retomar o tema do transbordamento do corpo, a insatisfação do sujeito que move o ciclo da realização dos procedimentos estéticos e cirurgias plásticas, decorrido da angústia e a busca por novos recursos.

Assim, no último esquema do grafo, apresenta-se um novo vetor, do gozo que corta o vetor do desejo estruturado pelo significante e leva a castração, pela não satisfação plena. Na esquematização completa do grafo do desejo pode-se compreender que o discurso do Outro constitui o sujeito. Como também, evidencia a formação de suas fantasias. O enlace do gozo com a castração, são elementos que serão essenciais para compreensão ao decorrer do artigo.

O Ideal do eu e o eu ideal, suas articulações com o corpo na contemporaneidade

Como desenvolvido no tópico anterior da constituição do sujeito, neste se apresentará os conceitos do eu ideal e do Ideal do eu. Assim também, da fundamentação do narcisismo e do estágio do espelho, que estão intrínsecos ao modo como o corpo é visto pelo sujeito. Ao se retornar para o transbordamento do corpo compreende-se que, quando o sujeito se situa diante da própria imagem, por vezes gera angústia e mal-estar.

Portanto, quando o sujeito adentra a cultura e recebe o traço unário, a primeira identificação que apreende, um traço significante que suporta a diferença. Constitui uma identificação simbólica, o Ideal do eu. Assim, como observa a psicanalista Ondina Maria Rodrigues Machado, “o Ideal do eu é uma necessidade estrutural porque não há sujeito sem Outro, visto serem dois campos que se constituem em interdependência” (MACHADO, 2005, p. 64).

Em contrapartida, como atenta a psicóloga Brenda Rodrigues da Costa Neves, o eu ideal é uma fonte de projeção imaginária secundária ao traço unário, ao promover uma projeção narcísica e uma fantasia do corpo impecável (NEVES, 2018). Para se pensar o eu ideal deve-se evidenciar a concepção do eu no sujeito.

Freud afirma que “o eu não existe desde o começo, ele precisa ser desenvolvido. Assim, o eu é fruto de uma nova ação psíquica” (FREUD, 1914/1976, p. 93). Em vista disso, Bruce Fink, sob a ótica da perspectiva lacaniana compreende que, “o eu é uma produção imaginária, uma cristalização ou sedimentação de imagens do próprio corpo do indivíduo e de autoimagens refletidas para ele por outros” (1998, p. 108).

Logo, o estágio do Espelho, de acordo com Elisabeth Roudinesco e Michel Plon, é esta fase de formação do eu “durante o qual a criança antecipa o domínio sobre sua unidade corporal através de uma identificação com a imagem do semelhante e da percepção de sua própria imagem num espelho” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 194).

Esta fase, em que a criança capta sua própria imagem no espelho, é compreendida por Lacan enquanto constitutiva do narcisismo originário, ou seja, quando se identifica como sujeito e compreende que se tem um corpo. No entanto, Françoise Dolto vai propor as raízes do narcisismo na experiência privilegiada do

bebê, constituída das palavras maternas dirigida a satisfação dos desejos (ROUDINESCO; PLON, 1998).

De tal modo, “o narcisismo corresponde ao nascimento do eu. O narcisismo é uma fase do desenvolvimento psíquico em que uma nova ação é impetrada e, com ela, o eu é engendrado” (MACHADO, 2005, p. 100). Mediante a esse percurso conceitual psicanalítico, pode-se compreender a constituição do eu na cultura. Assim, se compreende os atravessamentos significantes no sujeito. Ao passo de assimilar que o sujeito é formado pela identificação do Um com o Outro, de modo que, "o Outro interfere na imagem que o sujeito tem de si, que nunca será uma imagem pura (...)... A distância entre o sujeito e o outro, sua imagem, que o tira do transitivismo, só é possível pela intervenção do ideal do eu" (MACHADO, 2005, p. 57).

Assim, como havia sido apontado que as fantasias do sujeito sobre o corpo supostamente perfeito são advindas do Outro, da ordem cultural e das mídias sociais. Logo, ao partir-se da conceituação de Ideal do eu, enquanto identificação para reconhecer o próprio desejo, pode-se distingui-lo do eu ideal, que direciona a uma fantasia de reconhecimento de como deveria ser a imagem de si. A qual é mediada pelo desejo do Outro, ou seja, o que a cultura/sociedade propõe de ideal ao sujeito e a suposta vida perfeita e harmônica.

Como pode ser observado no desejo por peças de grife, a exemplo do caso do vestido que imita o corpo (suposto perfeito aos tempos atuais) de uma mulher nua, denominado “*naked dress*”. Uma peça da grife francesa Jean-Paul Gaultier, a qual é feita em parceria com a estilista russa Lotta Volkova, adentrou a lista *The Lyst Index*, de peças mais desejadas do mundo da moda. O conceito “*naked dress*” são peças que evidenciam o corpo, desde tecidos transparentes, roupas com marcações justas ao corpo e a peças com formas humanas, que estão entre as mais usadas nos tapetes vermelhos e passarelas da moda.

As peças *naked dress* se configuram em um chiste de condensação, ao apresentar o corpo supostamente perfeito condensado em um vestido, que oculta o corpo de quem o veste. De modo a ser suportável a exigência social. Esses são comumente encontrados em camisetas e aventais de churrasco dispostos a venda em camelôs e sinaleiros na proposta de colocar o corpo que seria ideal em evidência.

O eu ideal, por vezes, entra no campo do chiste (*witz*) ao tornar-se acessível pela piada, como retorno do recalcado. O conceito de chiste foi desenvolvido por

Freud em um de seus textos canônicos para a criação da psicanálise, *O chiste e sua relação com o inconsciente* (1905).

Sigmund Freud tinha paixão por aforismos, trocadilhos e anedotas judaicas, e não parou de colecioná-los ao longo de toda a sua vida (...) através das quais se exprimiam, por meio do riso, os principais problemas da comunidade judaica da Europa Central, confrontada com o anti-semitismo (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 112).

Assim, o chiste é diferente do humor e do cômico, pois esse conceito freudiano diz sobre um jogo de linguagem neurótica que consiste em brevidade, desconcerto e iluminação. De modo a provocar riso até mesmo das realidades mais sombrias. “O conteúdo do chiste, porém, é dele independente; é o conteúdo do pensamento, aqui expresso, graças a um arranjo peculiar, de maneira chistosa” (FREUD, 1905, p. 132). O chiste auxilia a suportar os desejos recalcados em uma condição aceitável, ou seja, é um lapso do inconsciente.

Para nós, é difícil não ver que é sobre o lapso que se funda, em parte, a noção de inconsciente. E também sobre o chiste, o que dá no mesmo, se assim posso dizer, pois não é impensável que ele, afinal de contas, resulta de um lapso. Pelo menos, é assim que o próprio Freud articula isso, dizendo que se trata de um curto-circuito, de uma economia concernente a um prazer, uma satisfação (LACAN, 2007, p. 94).

Desta maneira, como apontado no início do artigo na fundamentação da psicanálise, parte-se do fragmento do inconsciente que foi recalcado, tornando-se possível trazê-lo à tona por meio do chiste. Este é como um manual psicanalítico para a interpretação, pois envolve a relação com a linguagem e a cultura. Tem-se em vista que o chiste é um processo social dentro de um grupo de reconhecimento e que tem temporalidade e contexto.

Assim, aproxima-se do trabalho realizado nos sonhos tendo em vista os processos de condensação, deslocamento e representação indireta. No entanto, no sonho poupa-se o desprazer e no chiste adquire prazer (FREUD, 1905). “Enquanto o sonho é a expressão da realização de um desejo e de uma evitação do desprazer, que leva a uma regressão para o pensamento em imagens, o chiste é produtor de prazer” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 113).

Assim, “o pensamento busca a roupagem chistosa porque através dela chama a nossa atenção e pode parecer-nos mais significativo, mais importante; mas sobretudo porque essa roupagem seduz e confunde a nossa crítica” (FREUD, 1905, p. 189). Compreende que os consumidores dos *naked dress* estão vestindo-se de um

corpo perfeito idealizado pela cultura ao ironizar este corpo que se veste. De modo que é um retorno do recalçado, ou seja, do sintoma freudiano. Ao fazer-se uma piada em vez de retrain, há evidência nos modos que a cultura suporta ao se revelar a precisão desse corpo.

O sintoma em Freud e Lacan, e o enlaçamento com o gozo

Durante as páginas iniciais foi trilhado pelos seguintes pressupostos psicanalíticos: a constituição do sujeito; o eu ideal; Ideal do eu e o narcisismo. Com isso, pretende-se diferenciar, o sujeito tido para Freud, daquele que Lacan passa a compreender como o sujeito contemporâneo que enlaça o seu sintoma ao gozo. Na finalidade de se compreender o transbordamento do corpo diante do imperativo categórico “Goze!”.

Assim, deve-se retomar o sujeito para esses dois autores. Para Freud, trate-se daquele marcado pelo seu tempo, em que o Nome-do-Pai, marcava a regra, a lei. Consequentemente a culpa, em que o pai baluarte da família centralizada, se fazia presente como ponto de exceção ao promover o sintoma como desejo recalçado.

Assim, o sujeito se sente culpado de querer ter gozado de todos os objetos, pois havia uma bússola que possibilitava um norte. Tem-se em vista, que a moral e a ética do século passado inibia e regulava o gozo. No entanto, a própria psicanálise contribuiu para a dissolução dessa moral. “A diferença em relação ao que ocorria com o neurótico freudiano está no fato de que os sujeitos de hoje se sentem no direito de gozar de todos os objetos, enquanto o neurótico freudiano se sentia culpado em querer tudo” (MACHADO, 2005, p. 173).

Compreende-se o sujeito posto por Lacan como o sujeito contemporâneo, aquele que está em conformidade com a cultura própria da sua época. A psicanálise lida com aquilo que se apresenta a cada momento. Na contemporaneidade, tem-se que o modo de ser aproxima-se do próprio funcionamento da perversão ao derrubar a barreira do pudor e da vergonha fazendo com que o gozo seja exibido e valorizado.

A conseguinte, o sujeito lacaniano, marca a contemporaneidade. A lei não se faz em tamanha presença absoluta, pois quando não mais regulados pela natureza o ser decorreu a lidar com a diversidade de artifícios. O sujeito contemporâneo se sente na obrigação de gozar de todos os objetos. Ou seja, um sujeito um desbussolado, “falta de um universal que ordene a esfera social e,

consequentemente, dê um norte às identificações subjetivas” (MACHADO, 2005, p. 170). Esses objetos se referem a angústia e ao excesso de gozo, na perspectiva de que os objetos se impõem ao sujeito.

O que hoje se poderia considerar como bússola é o objeto 'a' (...) o objeto ocupa o lugar de agente do discurso indicando que o sujeito contemporâneo se orienta a partir do objeto, ou melhor, como diz Miller, o objeto se impõe ao sujeito desbussolado. Disto resulta que na busca por este objeto, já definido por Lacan como objeto mais-de-gozar, o sujeito ultrapassa inibições e faz da busca pelo gozo a sua causa (MACHADO, 2005, p. 172).

À vista disso, no decorrer do tempo, com a queda do nome do pai, houve uma desinibição do gozo. O que o sujeito freudiano escondia era o objeto de gozo. Hoje é o que se exhibe na expressão do próprio corpo pelas modificações corporais, no uso excessivo, de produtos estéticos e procedimentos cirúrgicos. Como também, intensificado pelas mídias sociais, ao fazer postagens em que se evidenciam o corpo, além do uso de filtros do *Instagram* que reconfiguram a imagem do rosto, como se o sujeito tivesse feito harmonização facial.

Assim, torna-se nítida a distinção do sujeito freudiano e do sujeito contemporâneo, pela própria concepção de sintoma para Freud e Lacan. Logo, Freud propõe o sintoma como uma desordem entre o corpo e o pensamento, de modo a ser uma eclosão dos conteúdos recalcados no inconsciente.

O recalque é um processo que mantém no inconsciente todas as experiências ligadas às pulsões que acarreta o desequilíbrio do funcionamento psíquico. Assim, recalca o pensamento, mas não o afeto. De modo que esse último sempre retorna. Destarte, o pensamento contido pelo recalque torna-se sintoma. O próprio autor da Psicanálise apontava que o sintoma é o modo mais fácil de solucionar um conflito:

(...) apaziguar um conflito construindo um sintoma é a solução mais conveniente e mais agradável para o Princípio de Prazer: Inquestionavelmente, poupa ao ego uma grande quantidade de trabalho interno que é sentido como penoso. Na verdade, há casos em que até mesmo o médico deve admitir que um conflito terminar em neurose constitui a solução mais inócua e socialmente mais tolerável (FREUD, 1917/1977c, p. 445- 446).

Deste modo, o pós-freudiano Jacques Lacan vai evidenciar nos escritos de Freud a relação do sintoma com os conteúdos recalcados e acrescentar que neste sofrimento a um modo de gozar. A palavra passa a ser grafada a partir de então com “h” e descrito no seminário 23 (1975) sobre os escritos de James Joyce.

Esse sinthoma é compreendido como o quarto elemento que ata o real, o simbólico e o imaginário (LACAN, 1975). “É na medida em que o sinthoma volta a se ligar ao inconsciente e o imaginário se liga ao real que lidamos com alguma coisa da qual surge o sinthoma” (LACAN, 1975, p. 53).

Assim, o sinthoma é um sentido aprisionado de significação, um fenômeno que demarca o sofrimento do sujeito no campo do Real. Há-se uma ambivalência, pois se constitui aí um modo de gozar, ou seja, uma identificação do sujeito ao seu próprio gozo, há algo no sinthoma que não cessa de obter satisfação. O gozo como real que não cessa de se escrever (MACHADO, 2005). “O sinthoma é apresentado pela expressão ‘tudo menos isso’, ponto sobre o qual não se pode ceder, aquilo que não cessa, que não pode ser tratado pela linguagem porque é êxtimo à cadeia significante” (MACHADO, 2005, p. 132).

Infere-se que o sintoma freudiano, é aquele da ideia recalcada que se presentifica em um desarranjo no corpo. Já para Lacan, retoma o que Freud disse e congrega dois aspectos: o valor do sentido e o gozo. Diante de tal afirmação, pode-se compreender que na atualidade os sujeitos produzem seus sinthomas vinculados à cultura ocidental capitalista democrática. Na qual a liquidez das relações sociais e econômicas apontam-se para adoecimentos próprios. Assim, o sinthoma tem caráter singular e coletivo.

(...) o modelo liberal de organização econômica aos poucos torna-se mediador das formas de laço social que se estabelecem e como isto altera a própria dimensão da relação do sujeito com o próprio corpo e padrões de comportamento (ROCHA, 2017, p. 34).

Ademais, estamos inseridos em “(...) um tempo que privilegia o consumo em detrimento de outras formas de reconhecimento” (ROCHA, 2017, p. 28). Este modo de vida é agente aos sujeitos contemporâneos que se recorrem a um excesso de gozo, termo lacaniano para se pensar a satisfação inconsciente. Pode-se compreender, enquanto o ganho primário do sinthoma, o gozo que testemunha o Real por estar naquilo que não quer renunciar no desencadeamento metonímico de sinthomas.

De modo que, o gozar determina um novo laço social, em que as intervenções e modificações constantes no corpo e a partir do corpo levam a um transbordamento do mesmo. Assim, pode-se pensar de acordo com Rocha (2017)

A cirurgia estética, a possibilidade de redesignação do sexo, a hipertrofia sobre-humana com o uso de esteroides e anabolizantes

por exemplo, tornaram o corpo capitalizável submetido à forma de gestão neoliberal da vida, isto é, como parte de um empreendedorismo empresarial (ROCHA, 2017, p. 40).

Tais apontamentos de ampla variedade de tratamentos e recursos estéticos permitem ao sujeito contemporâneo tornar-se empreendedor de si. Em uma busca incessante pela fantasia de um corpo suposto perfeito, o qual é uma imposição, pois os objetos se impõem para que o sujeito “ Goze! ”, “ Consuma! ”, tais como os anabolizantes, cirurgias plásticas, e os próprios distúrbios alimentares de bulimia e anorexia.

Portanto, esses sintomas tomam forma e alastram no meio social, descaracterizando o que é de particular do sujeito em prol do eu ideal para a cultura. Assim, a própria sociedade propicia uma abundância de gozo, no qual se cristaliza o sintoma social. No entanto, o corpo, enquanto real, marca a incidência da lei, o limite, aquilo que castra o sujeito.

“Paradoxalmente, a clínica nos revela que, hoje em dia, ninguém goza mais que antes. A diferença está na obrigatoriedade de gozar que os sujeitos se impõem, efeito do capitalismo que fabricou um Outro gerador de consumo” (MACHADO, 2005, p. 179). De modo que o modelo político e econômico acrescido pelas mídias sociais possibilita ao sujeito contemporâneo um gozo ilimitado. Como também uma obrigação de usufruir deste, na perspectiva das famosas “publi” que garante desde a pele perfeita a vida harmoniosa.

Para acompanhar esse raciocínio, precisamos entender que o Outro de nossa época é o mestre capitalista, não é o pai baluarte da tradição, da moral e da ética. (...) O mestre moderno, a rigor, não faz sintoma, ele promove a angústia porque expõe o sujeito aos objetos de consumo impondo-lhe o dever de gozar (MACHADO, 2005, p. 188).

Destarte, o Outro contemporâneo ampliado pelas redes sociais coloca o sujeito totalmente exposto aos objetos de consumo, sob a perspectiva do “Desfrute! ” “ Tenha! ” “ Aproveite! ”, conseqüentemente, se promove angústia e mal-estar na obrigatoriedade de viver. Além de proporcionar o engajamento merecido, ou seja, monta o palco, mas quem atua é o sujeito acarretado pelos seus sinthomas.

Ademais, a sociedade contemporânea apresenta um corpo em evidência, na posição de objeto-mais-de-gozar, que é excedido e desejado em prol do alcance do suposto perfeito. O qual é alcançado pelas intervenções estéticas desde de medicamentosas à cirúrgicas e até por elemento da moda que fazem saltar aos olhos,

o corpo em destaque, peças que servem como moldura para evidenciar o corpo em papel de protagonista.

Torna-se evidente uma devoção ao corpo, sendo o gozo submetido ao imperativo categórico absoluto “ Goze! ” do sujeito contemporâneo. Assim, o sujeito se torna o mestre do gozo, na demanda de uma satisfação ilimitada. Dufour (2008) afirma em sua obra “O Divino Mercado”

Eu nos vejo como potencialmente assujeitados a um novo Deus, uma nova divindade perversa uma vez que no lugar de interditar, ela nos dá as rédeas: ausência de regulação moral, *laissez faire* (...) nós estaríamos sob a dependência de um novo deus com contornos sádicos, o Divino Mercado, que nos diria: Goza! (Dufour, 2008, p.20).

Atualmente, ao se considerar a ideia do sujeito contemporâneo estar em um estado de Forclusão generalizada, pode-se compreender tais excessos descritos até aqui como ensaios de passagens ao ato. Ademais, o corpo passa a ser visto fragmentado, parte a parte, membro a membro, como seria para a psicose, ou seja, pode-se pensar em uma psicotização pelo excesso de gozo. Santana (2011) cita os modos de transbordamento na cultura hodierna enquanto

(...)patologias do ato de jovens que assassinam os próprios pais, o aumento de casos de toxicomania, anorexia, bulimia, lesões psicossomáticas, entre outros são sintomas que revelam a insuficiência da função simbólica do pai para dar conta do real em jogo na experiência humana (SANTANA, 2011, p. 9).

Portanto, esses sintomas se tomam forma e se alastram no meio social, descaracterizando o que é de particular do sujeito em prol do Eu ideal para a cultura. Assim, a própria sociedade propicia uma abundância de gozo no qual se cristaliza o sintoma social. No entanto, o corpo, enquanto real, marca a incidência da lei, o limite, aquilo que castra o sujeito.

Na perspectiva de apontar o corpo em transbordamento e o excesso de gozo na contemporaneidade. Destaca-se os dados significativos da sociedade brasileira, que se encontra nas primeiras posições mundiais de rankings de cirurgias plásticas, uso de anabolizantes e dermocosméticos. Como também, no consumo dos itens de beleza, pelo crescimento do público alvo, que não mais se difere por gênero ou idade, pois as diversas categorias se enquadram nos produtos e ideais ofertados pela medicina cosmética.

De tal forma, objetivou-se elucidar via fundamentação psicanalítica os conceitos de corpo faz Um (real, simbólico e imaginário) ao se investigar a importância

dos atributos do eu ideal aos sujeitos contemporâneos. E os percursos dos cuidados ao corpo quando excede o aspecto de saúde pelas modificações corpóreas, enquanto instáveis e performáticas.

Evidencia-se, que a cultura contemporânea coloca um ser universalizante, que perde o que há de particular em si em prol do eu ideal pelo desejo sempre urgente de querer algo além. Na busca da satisfação imediata ao gerar novos sintomas que apontam para o excesso de gozo e para o transbordamento do corpo. Torna-se evidente, o mercado da medicina cosmética, como disparador nas redes sociais. Logo, a sociedade capitalista aproveita dos sintomas dos sujeitos para obter seus lucros.

Portanto, ressalta-se a relevância de estudos psicanalíticos, a partir dos elementos apresentados pela cultura ao abordar o sujeito enredado nos fenômenos sociais e políticos ao se investigar temas subjetivos, intrínsecos à cultura e à sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, A. O corpo tem alguém como recheio. Fortaleza, 2017.

DUFOUR, D. O Divino Mercado: a Revolução Cultural Liberal. Tradução de P. Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

FINK, B. **Sujeito Lacaniano: Entre a linguagem e o gozo**. Tradução de M. L. D. Sette. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

FRANK, G. O vestido mais 'quente do momento' reproduz a nudez e custa R\$ 3 mil. **Nossa Uol**, ago de 2022. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/nossa/noticias/redacao/2022/08/10/vestido-jean-paul-gaultier-naked-dress-mais-quente-do-momento.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 19 de set de 2022.

FREUD, S. (1905) **O chiste e sua relação com o inconsciente**, vol. VII. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

FREUD, S. (1914/1977) **Recordar, repetir e elaborar**. In S. Freud. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol 12. Rio de Janeiro: Imago.

FREUD, S. (1917/1977d) **Conferências Introdutórias, conferência XXIII, Os caminhos da formação dos sintomas**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas, vol. XVI. Rio de Janeiro: Imago.

IGLESIAS, E. Aspectos topológicos do grafo do desejo. Cogito, Salvador, vol. 1, 1996.

LACAN, J. (1957-58/1999). **O seminário, livro 5: as formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

LACAN, J. (1975-76-a/2005). **O seminário, livro 23: o sinthoma**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

LEWKOVITCH, A.; GRIMBERG, A. A atualidade dos conceitos freudianos de eu ideal, Ideal do eu e supereu. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, vol. 16, n. 4, p. 1189-1198, 2016.

MACHADO, O. **A clínica do sinthoma e o sujeito contemporâneo/ Ondina Maria Rodrigues Machado**. Rio de Janeiro: UFRJ/ PPGTP, 2005. vii, 207 p.

NEVES, B. **Os autismos na clínica nodal**. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

PIOVEZAN, S. Cirurgia caseira pode causar infecção e morte, alertam médicos. Folha de São Paulo, ago de 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/eqilibrioesaude/2022/08/rinoplastia-caseira-pode-causar-infeccao-e-morte-alertam-medicos.shtml>. Acesso em: 19 de set de 2022.

ROCHA, T. A masculinidade na cultura neoliberal: As intervenções no corpo e seus discursos segundo a Psicanálise. Tese (Doutorado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. (1998). **Dicionário de Psicanálise**. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro.

SANTANA, V. L. Por que a psicanálise, hoje? **Opção Lacaniana**, ano 2, n. 6, p.1-11, nov. 2011.

WEBER, M. Brasil é o quarto maior mercado de beleza e cuidados pessoais do mundo. **Forbes**, 2020. Disponível em: <<https://forbes.com.br/principal/2020/07/brasil-e-o-quarto-maior-mercado-de-beleza-e-cuidados-pessoais-do-mundo/>> Acesso em: 11 de jun de 2022.

ZANETTI, L. Dietas, laser, Kanye West: o que motivou o emagrecimento de Kim Kardashian? **Splash**, São Paulo: 29 de set de 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/09/25/kim-kardashian-o-que-esta-por-tras-do-emagrecimento-da-socialite.htm>

ZIZEK, S. **Eles não sabem o que fazem: O sublime objeto da ideologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

O SUJEITO CONTEMPORÂNEO: ADOLESCÊNCIA E VIOLÊNCIA EM ESCOLAS NO PÓS-PANDEMIA DA COVID-19

Carmem Lúcia Costa e Renata Wirthmann

*A vida é tão bela que chega a dar medo,
Não o medo que paralisa e gela,
estátua súbita,
mas
esse medo fascinante e fremente de curiosidade que faz
o jovem felino seguir para a frente farejando o vento
ao sair, a primeira vez, da gruta.
Medo que ofusca: luz!
Cumplicemente,
as folhas contam-te um segredo
velho como o mundo:
Adolescente, olha! A vida é nova...
A vida é nova e anda nua
— vestida apenas com o teu desejo!*
Mario Quintana

Uma introdução sobre pandemia e adolescer

A pandemia da Covid-19 teve impactos significativos em diversos aspectos da vida, incluindo o contexto educacional e social dos/as adolescentes. Os anos de 2020, 2021 e 2022 são marcados pela pandemia da Covid-19, uma doença que acomete o sistema respiratório e que logo se espalhou pelo mundo. Nos anos de 2020 e 2021, tivemos políticas de distanciamento social mais intenso. Em 2022, atividades presenciais foram retomadas de acordo com normas técnicas da Organização Mundial da Saúde (OMS). A pandemia da Covid-19, sem precedentes na história, ressignificou espaços e tempos de vida, fazendo com que as autoridades de saúde adotassem medidas de distanciamento social, modificando profundamente a educação, as formas de trabalho, de lazer, de relacionamento e até mesmo de construção da identidade, em específico dos/as adolescentes. A retomada das atividades presenciais em 2022, embora tenha sido necessária, enfrentou desafios de adaptação e segurança, como o uso de máscaras e o distanciamento social, e

com uma carga horária de conteúdos digitais após dois anos de ensino *on-line*, algumas instituições de ensino intensificaram investimentos no sistema de Educação à Distância; outras atividades de trabalho adotaram o sistema de atividades de forma remota, impactando, também, a rotina, o espaço e o tempo de toda uma cultura.

Tal contexto associa-se a uma revolução digital que já havia iniciado e demonstrado enorme impacto nas relações interpessoais, sociais, políticas e culturais. Segundo o psicanalista Christian Dunker (2021), a revolução digital provocou alterações consideráveis no cotidiano e no modo de viver das pessoas e nas suas relações, tanto com o Outro¹ quanto nas relações com o objeto *a*². Essas mudanças culturais e sociais têm implicações importantes para a Psicanálise e para a compreensão do sujeito contemporâneo.

A pandemia alterou a vida de cada um de nós, interferindo na nossa relação com o desejo, a fantasia e o convívio interpessoal. Sair para trabalhar, estudar ou se divertir deixou de fazer parte da rotina de milhares de pessoas e, para os/as adolescentes, pode ter significado, também, a ressignificação do processo de construção da adolescência. O psicanalista Jacques-Alain Miller (2016) aponta que "[...] A adolescência é uma construção. E, dizer hoje de um conceito, que ele é uma construção, comporta sempre a convicção – segundo o espírito da época – de que tudo é construção, tudo é artifício significante. Esta nossa época é muito incerta quanto ao real" (Miller, 2016, p. 01).

Para a psicanalista Sonia Alberti (1996), a adolescência é a definitiva incorporação do Outro da infância que servirá de base para que o sujeito adolescente exerça sua principal função: a da fala. Na perspectiva psicanalítica, o sujeito é aquele que fala, sendo que a fala é originada do desejo e permite que o indivíduo estabeleça suas relações sociais e afetivas, inclusive fora do núcleo familiar.

As leituras que realizamos nos instigaram a questionar de que forma o processo de adotar se estabeleceu diante do distanciamento social, que intensificou a convivência com a família e restringiu outros espaços. Quais processos

¹ Outro – Conceito teórico desenvolvido por Lacan para representar a linguagem e os significantes mestres que tendem a nomear, classificar, ordenar, organizar o mundo para os sujeitos. Assim, as demandas exigidas pelo outro, enquanto um semelhante, se difere do Outro, que representa um sistema bem maior de linguagem, que impõe desde o nascimento nomeações e lugares repassados de geração para geração, fazendo parte de um sistema social maior (Lacan, 1971/2009).

² Este conceito em Lacan faz referência à falta. A falta, segundo Lacan, não existe no real e só seria apreensível através do simbólico. E é também através do simbólico e do imaginário que há a tentativa de preenchê-la. Ainda para o autor, o objeto *a* representa o objeto inatingível pelo desejo (Lacan, 2005).

se fizeram presentes na adolescência em construção durante a pandemia? Como a Lei se colocou no processo de produção e resistência da adolescência? Quais estratégias foram construídas pelos/as adolescentes? Seria o aumento da violência nas escolas um indicativo das dificuldades vivenciadas neste contexto? Nesse sentido, elaboramos considerações teóricas sobre a adolescência e a Psicanálise, buscando articular estas reflexões com os casos de violência registrados no retorno das atividades presenciais em escolas no Brasil.

Considerando que a adolescência é um período de construção do sujeito que se produz por meio de acontecimentos afetivos, sociais, educacionais e culturais, o presente artigo parte da hipótese de que o período de distanciamento social teve um impacto significativo sobre o sujeito adolescente. Nesse sentido, buscamos coletar dados que possam comprovar essa hipótese, por exemplo, no momento do retorno ao convívio social e às atividades escolares presenciais. A violência constatada nesse período de retorno às aulas presenciais nos chamou a atenção e motivou o desenvolvimento desta pesquisa.

No ano de 2022, houve um aumento no número de casos de violência em escolas no Brasil, amplamente divulgados pela mídia, dos quais utilizamos alguns dados para a presente pesquisa³. Casos com armas, brigas entre discentes e docentes, tentativas de autoextermínio e agressões diversas passaram a fazer parte do cotidiano de várias escolas, envolvendo principalmente os adolescentes. Esse contexto nos motivou a pesquisar sobre o retorno às atividades escolares presenciais e a relação desses casos de violência com a fragilidade da Lei, ou o declínio do Nome-do-Pai, como apontado por Lacan e Miller.

Desta forma, investigamos a adolescência sob a perspectiva da Psicanálise e o processo de adolecer do sujeito contemporâneo, marcado por transformações que se somam ao contexto de pandemia. Levantamos algumas hipóteses, dialogando com o conceito de Nome-do-Pai e sua ressignificação na atual sociedade, apontando para uma fragilização deste elemento associado a diversos fatores, como o avanço da pobreza, o aumento da influência das redes sociais, o avanço de uma cultura

³ Ainda não existe um levantamento realizado por fontes oficiais como o Educacenso ou mesmo outros institutos de pesquisa sobre tal fenômeno, por isso optamos por recolher dados em estudos publicados nos últimos anos por alguns sindicatos docentes, organizações não governamentais e meios de comunicação como jornais e sites de notícias que veicularam alguns casos de violências em instituições escolares no país. Observa-se que, embora em outros países como nos Estados Unidos da América (EUA) os casos de violência em escolas sempre chamaram a atenção, no Brasil os casos eram mais raros, situação que se alterou com o retorno presencial das atividades em escolas em todo o país.

conservadora e repressora e a transformação dos discursos de autoridade na constituição familiar.

Neste contexto, ressaltamos que o conceito de Nome-do-Pai, elaborado por Lacan (2005), e o movimento de declínio do Nome-do-Pai, abordado a partir de obras de Ondina Machado (2005), Miller (2012; 2016) e Lacan (1992; 1964/1998; 2005) sobre o sujeito contemporâneo, são fundamentais para uma análise dos casos de violência em escolas. Abordaremos ao longo do texto reflexões sobre a Lei e as transformações na relação do sujeito com o Outro e com os/as outros/as e seus objetos de desejo.

O que podemos vislumbrar é que a adolescência, demarcada na Psicanálise lacaniana pelo segundo despertar sexual e pelo precipitado fantástico, pode ser considerada um período da vida em que lidar com as frustrações e com o Real se torna mais difícil, o que pode apontar para uma saída no campo dos discursos de ódio e ações violentas. Para Freud (como citado em Alberti, 1996), a puberdade compreende transformações corporais e, também, transformações psíquicas significativas. De acordo com Alberti (1996, p. 24), “quando a puberdade chega, traz consigo as fantasias que têm inicialmente como cena a própria família, mas à medida que a puberdade progride, o enquadramento familiar vai dando lugar a relações do sujeito com o mundo ambiente”. Alberti (1996) também salienta que a adolescência é um período da vida em que questões como “quem sou eu?”, “o que fazer deste corpo?” ou “o que eu sou?” fazem parte do posicionamento no mundo que desperta um grande mal-estar específico da adolescência.

Miller (2016) aponta que a adolescência em construção envolve a transição da infância para a idade adulta, a distinção entre os sexos e a imiscuição do adulto na criança, que são constituidores do sujeito adolescente. O autor também destaca algumas características do adolecer no século XXI, que incluem: a relação com o mundo virtual e a expansão das possibilidades dos objetos de desejo; o saber de bolso, que altera a relação do sujeito com o saber e com a Lei, o saber mediado pela tecnologia; já não ocorre mais uma sublimação do Outro, mas sim uma queda do Outro e da Lei, o que abre brechas para outros discursos, como o discurso de ódio; uma socialização sintomática, sugerindo que a socialização pode ocorrer de forma sintomática; e, por fim, a existência de Outro tirânico, ou seja, “a demanda emanando do Outro familiar ou escolar é recebida como um imperativo tirânico” (Miller, 2016, p.

06). Diante desse imperativo, surgem as dificuldades de elaboração associadas à falta de espaços de escuta, o que pode produzir saídas no campo da violência.

Os elementos expostos associados em um contexto de pandemia produzem um adollescere bem específico. De acordo com Miller (2016), as transformações no mundo simbólico são a queda do patriarcado, a destituição das tradições, o déficit de respeito e a busca de um novo saber diante da ciência, neste caso voltado para a consolidação de uma vertente religiosa. Ainda dentro deste contexto, é importante destacar que surgem novas questões relacionadas ao corpo e ao simbólico do corpo. O/a adolescente se encontra diante do impossível do Real e busca criar estratégias de existência para lidar com essa situação. Uma das possíveis estratégias é a violência, como observado em diversas formas de violência que ocorreram e ainda ocorrem em escolas em todo o país.

Em tempos de tantas incertezas, como durante a pandemia, todas estas questões ganharam novos contornos. Novas dúvidas surgiram e um processo de luto coletivo se estabeleceu. Regras foram alteradas e as fragilidades de figuras de referência, como a do Pai, por exemplo, foram ressaltadas. Novas angústias foram produzidas e, com elas, foram estabelecidas novas respostas ao mal-estar. Entre estas angústias está o retorno às atividades presenciais após o fim das medidas de distanciamento social. Depois de um longo período de pouco contato social mediado por telas, era hora de voltar ao presencial, levar os corpos para os lugares físicos e encarar tudo o que isso significa.

O objetivo do presente artigo é compreender o processo de produção da adolescência sob a perspectiva da Psicanálise, o impacto da pandemia da Covid-19 nesse processo e as situações de violência em instituições de ensino fundamental e médio no Brasil. Para tal, recorreremos aos conceitos psicanalíticos, tais como adolescência, produção do sujeito, Outro, Nome-do-Pai e violência, a fim de se obter um entendimento mais aprofundado do aumento das situações de violência envolvendo adolescentes nas escolas.

Para a elaboração deste artigo, recorreremos a duas ações metodológicas: a revisão bibliográfica e o levantamento de dados em fontes secundárias, tais como sites oficiais do Ministério da Educação (MEC), Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com como documentos produzidos por sindicatos docentes de instituições públicas e particulares, publicações em sites dessas instituições e notícias

veiculadas em jornais em versões digitais de circulação nacional, estadual e local sobre as situações de violência nas escolas no retorno às atividades presenciais.

Desta forma, compreendemos que é fundamental realizar uma investigação acerca dos elementos que constituem o sujeito na contemporaneidade (Machado, 2005), a fim de contribuir para o desenvolvimento do método psicanalítico e suas formas de tratamento. Além disto, entendemos que a análise da adolescência e suas formas de expressão no atual contexto apontam para elementos importantes tanto para a Psicanálise quanto para a clínica com adolescentes. Compreender o impacto da Covid-19 em adolescentes contribui para a compreensão do sofrimento na sociedade atual, que se apresenta com narrativas elaboradas em um contexto de distanciamento social, interatividade virtual, novas regras e leis que regulam nossos desejos. De acordo com o filósofo Vladimir Pinheiro Safatle (2016, p. 19), “não há política sem corpo. [...] A instauração política aparece assim como a constituição de um corpo dotado de unidade, de vontade consciente, de eu comum”. O autor ainda chama a atenção para os afetos e o desamparo que são necessários na produção de políticas públicas para os diversos corpos, enfatizando que a adolescência é carente de todo tipo de política, o que aumenta ainda mais o desamparo desses sujeitos (Safatle, 2016).

A motivação para a realização da pesquisa está no fato da pesquisadora ser uma educadora há alguns anos, sempre inquieta com as situações de violência em escolas. Como mulher e mãe, também me incomodo com a forma como os corpos adolescentes são tratados em nossa sociedade, principalmente os pobres, negros, trans e outros tantos. Com suas diversidades, esses corpos são alvos de ações de extermínio e silenciamento, segregação, invisibilidade e ausência de uma política dos afetos que atenda às diversas demandas dos/as adolescentes – desde a educação, a saúde até o lazer. A clínica também provocou inquietações trazidas por adolescentes e adultos com suas angústias diante de uma Lei que falha e de um imperativo do gozo presente nas narrativas escutadas e em casos relatados na bibliografia utilizada. Entendemos que esta pesquisa pode contribuir para a discussão acerca de políticas públicas para o enfrentamento da violência nas escolas, também através da escuta dos/as adolescentes e, também, contribuir com o manejo clínico na Psicanálise.

A violência em escolas brasileiras no período pós-pandemia da Covid-19: adolescência e o conflito com a Lei

Com a flexibilização das medidas de distanciamento social, a partir de julho de 2021, as escolas públicas e privadas em todo o país voltaram a funcionar – seguindo todas as medidas sanitárias recomendadas pela OMS. Em meados de 2022, as atividades foram retomadas sem nenhum tipo de restrição imposta pela pandemia. Este retorno aconteceu primeiramente nas escolas privadas, e depois nas públicas. As atividades escolares regulares e presenciais eram aguardadas com expectativa e alegria por muitas pessoas. Porém, para outras, elas trouxeram uma grande carga de sofrimento por diversas razões, que vão desde as inúmeras perdas de familiares e amigos/as até uma imersão no mundo digital, que agora precisava ser ressignificada. Era o momento de voltar ao mundo real, presencial e físico. Tal volta foi marcada, principalmente nos primeiros meses, por alguns atos de violência entre os/as adolescentes em várias escolas pelo país.

Dados do estado de São Paulo, por exemplo, mostram que houve um crescimento de 48% nos casos de violência em escolas (Palhares, 2022). No Rio Grande do Sul, dados da Secretaria Estadual de Educação apontam um aumento de casos de violência no pós-pandemia no estado, e os/as profissionais da educação chamam a atenção para este fenômeno (Bispo, 2022). Em uma audiência pública da Comissão de Educação do Congresso Nacional, educadores/as de todo o país foram ouvidos/as e apontaram que os casos de violência em escolas, assim como outros pontos, é um reflexo da situação econômica, política e social do país, e que os desafios são grandes (Agência Senado, 2022). De acordo com documento protocolado na Comissão de Educação,

o aumento da evasão escolar durante a pandemia da Covid-19, o atraso nos conteúdos, a violência em geral na sociedade, o aumento do desemprego e a volta da fome ao patamar dos anos 1990 são alguns dos fatores que impactam também no aumento das tensões em sala de aula de acordo com especialistas (Agência Senado, 2022).

De acordo com reportagem de Basílio (2022), na Carta Capital, os casos de violência em escolas envolvendo adolescentes ganharam novos contornos e proporções após o período de distanciamento social com consequente afastamento de crianças e jovens entre si e da escola. A reportagem cita o aumento dos casos em todo o país. Uma professora relata que “as regras não parecem mais fazer sentido para eles” (Basílio, 2022, para. 4). A matéria cita, ainda, um mapeamento realizado

pela Secretaria Municipal de São Paulo em parceria com o Instituto Ayrton Senna, que apontou que 70% dos/as estudantes relataram sintomas de depressão e ansiedade, não existindo, até o presente momento, políticas nestas escolas para trabalhar com tal quadro.

Em um levantamento realizado pelo site Nova Escola (Melo, 2022), com 5 mil docentes de todo o país, o tema da violência foi uma constante nos relatos. De acordo com a matéria, são 2.957 profissionais da Educação que afirmam ter sido vítimas de violência. Os/as estudantes são os/as principais agressores/as (50,5%), seguidos de familiares de alunos/as (25,7%), gestores/as escolares e colegas de trabalho (11,4%) e outro/as professores/as (9,4%). Ainda de acordo com a matéria, uma das coordenadoras da pesquisa, Flávia Vivaldi, relata:

Quando vemos uma guerra acontecendo, quando vemos discursos de ódio sendo alimentados, inclusive pela liderança nacional, a violência vai sendo naturalizada. Então, é como se os sujeitos que têm atitudes assim na escola estivessem reproduzindo aquilo que está solto na sociedade. Há um incentivo latente para isso, e não há nenhuma ação de repúdio à violência e ao desrespeito. Muito pelo contrário, há um estímulo (Melo, 2022, p. 5).

Os casos de violência apresentados nos dados, nos depoimentos de docentes contidos nas reportagens e nos documentos de entidades que apresentamos até agora apontam para o que apresentamos como o impacto da pandemia associado aos elementos que Miller (2016) elabora em seu texto. O declínio do patriarcado, a queda da tradição, a queda no Nome-do-Pai e as questões relativas ao corpo são elementos que, associados ao discurso de ódio crescente, contribuem para o aumento dos casos de violência em instituições de ensino, de acordo com a tese que aqui defendemos. O contexto em que vivemos autoriza o discurso de ódio e violência em nosso país⁴.

O ataque às diferenças também foi um elemento marcante no contexto, o que tem reflexos imediatos no processo de adolescência, período em que há um esforço para ser diferente, romper com padrões, buscar outros caminhos além dos estabelecidos pela ordem em vigência, ou ainda, um momento de descobertas, dúvidas, em que um corpo insiste em não caber em padrões já estabelecidos. Diante disso, o/a adolescente é o/a diferente a quem tanto ódio é destinado e, também, quem

⁴ O contexto ao qual nos referimos é o que compreende o governo de extrema direita, conservador e ultraliberal no país que produziu abertamente discursos de ódio e extinção de políticas públicas de combate à violência, entre outras, nos anos de 2017 a 2022.

produz ódio como uma forma de se haver com o Real. Conforme aponta Miller (2016, p. 06), “é sobre os adolescentes que se fazem sentir com maior intensidade os efeitos da ordem simbólica em mutação”.

Os casos de violência vêm acompanhados de outras questões que nos chamam a atenção, como o desinteresse dos/as estudantes pelos estudos, a dificuldade em lidar com os celulares – ou o mundo virtual (Agência Senado, 2022; Basílio, 2022; Bispo, 2022; Melo, 2022; Palhares, 2022) – e uma relação com a Lei de muita angústia, pois os/as adolescentes têm dificuldades em elaborar o encontro com o Real, o que produz um sujeito contemporâneo desbussolado (Machado, 2005). A este quadro soma-se o fato de que crianças e adolescentes têm mais dificuldade em lidar com as emoções e em nomear o impossível do Real no campo da linguagem, produzindo angústias que podem se manifestar de forma violenta. Safatle (2016, p. 27) fala de afetos de estranhamento produzidos por uma sociedade neoliberal que produz, além da espoliação da mais-valia, uma “espoliação psíquica do estranhamento, como o poder espolia o estranhamento permitindo que toda negatividade só se manifeste como depressão e melancolia”. Esse quadro se articula ao que Machado (2005) aponta como sociedade sob a égide do mais-gozar, sem espaço para que as angústias possam ser vividas e produzir o novo, sem espaço para tristeza e fracassos.

O afastamento do convívio social pode ter gerado prejuízos no processo de constituição do sujeito adolescente e em suas relações com o Simbólico e o Real, ao mesmo tempo em que o grande número de mortes, inclusive de familiares, a instabilidade econômica – que fragiliza as figuras de poder instituídas – e o discurso de ódio crescente dificultam ainda mais o turbulento processo de inserção na vida adulta, ou o encontro com o Real, como nos lembra Lacan (2005). Adolecer não é um movimento fácil. Em tempos tão complicados, torna-se ainda mais desafiador para todos e todas. Neste contexto, a produção do sujeito contemporâneo aponta para o mal-estar gerado não apenas por seu processo individual de constituição, mas por todo um contexto social, como apontamos. De acordo com a psicanalista Vera Lúcia Veiga Santana (2011),

a Psicanálise vive a época do sintoma mudo, paralisado pelo curto-circuito da satisfação imediata. Os abalos da função paterna e da perda dos ideais trazem como consequência o esfacelamento dos laços sociais e o surgimento de novos sintomas, que provocam novas formas de mal-estar expressos na segregação, exclusão, racismo, fracasso escolar, acidentes de trabalho, desemprego, consumo

desenfreado de drogas, de gadgets, levando a um excesso de gozo que determina as bases de um novo laço social (Santana, 2011, p. 11).

Sobre esse excesso de gozo entendemos que as situações de violência em instituições escolares fazem parte deste cenário descrito pela autora. Esse mesmo cenário é agravado pela pandemia da Covid-19. Em escolas de todo o país, inclusive em Goiás e em Catalão, foram observados casos de violência, aumento dos índices de reprovação e desistência da escola, consumo de drogas, brigas etc, como vimos nas reportagens que investigamos. Em Uberlândia (MG), no mês de outubro de 2022, uma criança de oito anos atacou uma professora com uma faca que encontrou na cozinha de uma escola pública (Aluno, 2022). Em Goiânia (GO), no mês de setembro de 2022, um colégio privado tradicional cancelou as aulas após ser encontrado escrito nas paredes dos banheiros uma ameaça de massacre na escola (Rodrigues, 2022). Também em Goiás, na pequena cidade de Padre Bernardo, no mês de agosto de 2022, crianças foram fotografadas proferindo palavras de ódio e marchando com armas em punho em uma escola militar. Aliás, as escolas militares que se disseminaram pelo país⁵ – principalmente no governo dos anos de 2018 a 2022 – são a representação máxima de uma política de vigiar e punir corpos que escapam de alguma forma à norma da família tradicional, uma prática de manutenção de uma Lei em decadência.

A partir disso, entendemos que os elementos apontados pelos autores/as pesquisados/as se somam ao contexto de pandemia, ao avanço do discurso conservador e de ódio – que ocupa o lugar de outros discursos em queda. Além disso, o aumento da circulação de armas no país em função de revisão na legislação que flexibilizou o porte de armas contribui para tantos casos de violência nas escolas no Brasil. A Psicanálise apresenta outros elementos que nos auxiliam na análise de tal fenômeno.

⁵ De acordo com dados do MEC, as escolas cívico-militares foram implantadas no país a partir de 2015 quando existiam 93 instituições e em 2021 já somavam 215 instituições em todos os estados brasileiros com uma verba bem superior ao de outras instituições, como por exemplo no ano de 2019 em que foram empenhados R\$ 104 milhões de reais para o projeto.

Psicanálise, Sujeito, Cultura e a adolescência

O requisito fundamental para a elaboração do conceito de sujeito é a fala. Como aponta Lacan (ano), todo sujeito é sujeito de linguagem e a sua constituição passa pela cultura, pela fala, pela forma consciente e inconsciente de se expressar em seu espaço e em seu tempo. Assim, de acordo com o psicanalista Luciano Elia (2004, p. 34):

a Psicanálise pensa o sujeito, portanto, em sua raiz mesma, como social, como tendo sua constituição articulada ao plano social”. Desta forma, “para a Psicanálise o sujeito só pode se constituir em um ser que, pertencente à espécie humana, tem a vicissitude obrigatória e não eventual de entrar em uma ordem social a partir da família ou de seus substitutos sociais e jurídicos.

Entendemos o sujeito em sua relação com a cultura e vice e versa, o que nos leva a questionar como as mudanças na cultura podem impactá-lo. Lacan (2005) e Alberti (1996) apontam para as transformações na cultura e como elas alcançam o sujeito em diferentes fases da vida, como a adolescência, momento em que as mudanças na produção de significantes, principalmente em relação à Lei, são fundamentais para a discussão que elaboramos neste trabalho e nos auxiliam na compreensão de alguns elementos, como o aumento do número de casos de violências em espaços escolares no período pós-pandemia da Covid-19. Sobre as transformações históricas recentes, Dunker (2021) corrobora com a análise apontando três revoluções que compõem a constituição do sujeito – a revolução do desejo, a revolução (ou contrarrevolução) interna do capitalismo e a revolução da era digital –, revoluções estas que se somam a outras já apontadas por Freud e, mais tarde, por Lacan e que impactaram profundamente a produção do sujeito. Somam-se as contribuições de Miller (2012; 2016) e Machado (2005) para compreendermos melhor este sujeito adolescente.

Neste ponto adotamos o conceito de sujeito desbussolado formulado por Miller (2016) e desenvolvido por Machado (2005) em sua tese sobre o sujeito contemporâneo. Sobre o conceito de adolescência, a Psicanálise entende que o sujeito não tem idade, mas fases em que se produzem relações com a Lei.

Freud (2016) apresenta reflexões sobre esta fase da vida como sendo a puberdade, momento em que ocorrem transformações corporais e psíquicas. É neste período que as fantasias são mais intensas – primeiro com a família e depois com o mundo –; ocorre o abandono do “paraíso” da infância e o luto precisa ser elaborado.

O mesmo autor chama este período de “despertar da primavera”, um momento em que as fantasias despertam do sono da infância e agora são marcadas pela culpa. Lacan (2005), sobre a adolescência, aponta para o haver-se do sujeito nos registros Simbólico, Real e Imaginário, em que o sujeito se vê com dificuldades diante do Real e de simbolizar, neste contexto, o enfrentamento com a Lei – com o Nome-do-Pai –, com o corpo e com o/a outro/a. Machado (2005) elabora alguns elementos desse sujeito contemporâneo, como a passagem da culpa para o imperativo do gozo. É neste contexto que a adolescência se produz, com rituais de passagem do desejo edípico para o sexo.

Alberti (1996), ao discutir sobre a adolescência na Psicanálise, recorda que tal denominação ou conceito surge tardiamente nos estudos sobre as fases da vida – apenas no século XIX – e com viés disciplinar, produzindo identificações dos/as jovens com esse significante, geralmente de enfrentamento. Ainda recuperando Freud, Alberti argumenta que o despertar do desejo diante de um Real que castra o tempo todo é marcado por angústias que se manifestam na forma de atos variados, um mal-estar. Para Lacan (2005), o sujeito adolescente vivencia uma fase de ressignificação da existência diante do Real, do impossível do Real que impõe o gozo de tudo o tempo todo, provocando, assim, conflitos com a Lei. Entendemos que as transformações na cultura e nas leis – assim como na Lei, no Nome-do-Pai – são importantes elementos nas reflexões sobre a adolescência. Como aponta Machado (2005, p. 170), “[...] somos obrigados a reconhecer a transformação sofrida pelo Outro da cultura incidindo diretamente na estruturação subjetiva e na demanda de análise”.

Adolescer é, muitas vezes, enfrentar um Outro fragilizado, leis em decadência e transformações, ressignificações das subjetividades, subversão da ordem e “[...] a falta de um universal que ordene a esfera social e, conseqüentemente, dê um norte às identificações subjetivas” (Machado, 2005, p. 170). Esse Outro fragilizado já não consegue apontar para o objeto de desejo e sucumbe, provocando angústia no sujeito, uma vez que, se a Lei padece, o que se sustenta nela também é inalcançado. Miller (2016) aponta esses elementos como sendo a queda do patriarcado, a destituição da tradição, o déficit de respeito e uma postura de enfrentamento à ciência – ou ao que é estabelecido por ela.

Faz-se importante apontar essa Lei que funda o sujeito contemporâneo com bases nos valores conservadores que apontam para o normativo, o conservador, o que castra, o que se apresenta como a ordem. Tal lei encontra-se em declínio por

várias razões, lutando para manter o seu lugar de poder, de vigiar e de punir. A própria denominação dessa Lei por Lacan (2005) como Nome-do-Pai aponta para uma característica do contexto em que o patriarcado aponta o lugar do poder, um poder que reprime, regula, ordena. Mas essa figura está em constante enfrentamento por movimentos de performance do corpo e da subjetividade em bases diversas, o que fragiliza esse lugar de autoridade, que luta para se manter. Freud (2012), em “Totem e Tabu”, contribui para o entendimento de tais relações de poder, opressão, vigilância e punição a partir do mito do Pai e a relação de diferentes povos com as figuras de poder. Lacan (2005, p. 71) retoma o mito do Pai para avançar nas reflexões sobre a Lei e a forma como o sujeito se produz na relação com ela, argumentando: “se Freud coloca no centro de sua doutrina o mito do Pai, é claro que é em razão da inevitabilidade da questão”, ou seja, é inevitável ler a cultura sem analisar o lugar que a Lei ocupa e sua associação com o pai, com a figura de autoridade, poder, a base do patriarcado que submete os outros sujeitos, que barra o gozo pleno. Desta forma, o poder está sempre em lugar de ser destituído, enfrentado, subvertido, o que provoca alterações neste lugar de poder e nas relações estabelecidas. De acordo com Miller (2012), essa modificação aparece como uma fissura no Nome-do-Pai: “[...] com o transtorno advindo na ordem simbólica, cuja pedra angular o Nome-do-Pai está fissurada. E, como diz Lacan com extrema precisão, o Nome-do-Pai segundo a tradição foi tocado, desvalorizado, pela combinação dos dois discursos, o da ciência e o do capitalismo” (Miller, 2012, s/p.).

Este movimento apontado por Miller auxilia na compreensão do adolescer num mundo em que outros discursos ocupam o lugar da autoridade e apontam para novas necessidades, como a de gozar de todos os objetos, já que agora não há o espaço da culpa imposta pela Lei e pela castração do sujeito. Esse contexto tem se apresentado ainda mais perverso para o adolescer e o/a adolescente, que está desbussolado/a. Além disso, muitas vezes a linguagem adotada na tentativa de elaborar esse real se dá pela via da violência, como temos observado, por exemplo, nas várias notícias na mídia em geral sobre ações de violência em escolas no retorno do ensino presencial, contexto claramente afetado por uma pandemia.

De acordo com a psicanalista Ana Maria Vicentini Ferreira de Azevedo (2001), a discussão em Freud e Lacan acerca do Pai e das metáforas daí decorrentes são fundamentais para compreendermos a noção de Lei e, conseqüentemente, a sua queda, bem como outros conceitos, como a estrutura edipiana, o desejo e o

inconsciente. Desta forma, o entendimento do adolescer enlaça-se a estes conceitos e apontam alguns elementos importantes para a compreensão do contexto em cena.

A metáfora, o Nome-do-Pai, é a base para entendermos o sujeito logo no despertar do desejo na adolescência e na sua relação com a Lei, com as regras, com a autoridade. Tal base também nos dá elementos para compreender os movimentos que questionam, de diversas formas, essa Lei, um Pai que devora e é devorado. A respeito disso, Lacan (1964/1998), ao discutir a obra “Totem e Tabu” de Freud, demonstra no crime (a morte do Pai) a origem da Lei. De acordo com Azevedo (2001, p. 40-41),

a reverência ao pai torna-se um vínculo poderoso que informa as atitudes dos filhos uns com os outros e consigo próprios” E, ainda, “assim, o significante do Nome-do-Pai tem por efeito não apenas o processo simbólico de nomeação, mas, antes de tudo, funda na proibição a própria condição e existência da simbolização (Azevedo, 2001, p. 62).

Ao avançar no conceito entendemos que a queda do Nome-do-Pai implica na própria produção do sujeito no mundo contemporâneo, flexibilizando limites e regras, na simbolização que produzimos do mundo e no mundo, as nomeações e interdições, o Imaginário, o Simbólico e o Real – os planos que determinam os possíveis modos de relação do sujeito com o mundo. “Como metáfora, ele (o Nome-do-Pai) transborda os limites das relações de parentesco e representa um princípio de organização” (Azevedo, 2001, p. 65). Se o Nome-do-Pai cai, entra em crise toda uma estrutura de Lei e de castração, que ressignifica o sujeito e suas ações no mundo, fazendo-o crer ser capaz de um gozo que excede a Lei, um mais de gozar imperativo. Diante desse insuportável, as ações podem ser violentas, como as que citamos no texto, ou como nos alerta Pedro Teixeira Castilho (2019, p. 49), “[...] estamos diante de uma realidade em que a violência passa a ser encarada como um sintoma social e os sujeitos adolescentes são os que mais encarnam esse discurso”.

Pensando nos dias atuais, o filósofo Sérgio Paulo Rouanet (1993) aponta para uma crise civilizatória, o mal-estar na modernidade, que tem como base a revolta contra os ideais iluministas, pautados na “auto-emancipação”, regida por um conjunto de valores, a tríade racionalismo, individualismo e universalismo. Ainda em conformidade com o autor, esses valores são travestidos de ideais emancipatórios quando, na verdade, apenas são um novo modo de repressão, seja no pensamento, sexualidade, política, religião etc. A violência se manifesta na modernidade através

de “um sistema democrático cujas regras formais de funcionamento impedem uma verdadeira contestação do poder existente” (Rouanet, 1993, p. 98).

Frente ao mal-estar, o sujeito se vê sem recursos para representação, gerando uma ruptura no modo de subjetivação. Tais representações são manifestadas por atos, excessos. Frente a esses fenômenos, a Psicanálise questiona e analisa os dilemas contemporâneos que implicam diretamente nos modos de subjetivação e nos meios de ser.

Partimos da hipótese de que, como seres desejantes, o desejo ganha a cena principal da crítica numa economia libidinal própria ao capitalismo, que, de acordo com Safatle (2020),

[...] não se baseia apenas na repressão do gozo e na afirmação de formas moderadas de prazer, mas também na espoliação do gozo no interior de uma lógica de reprodução de sua desmedida. O capitalismo não apenas codifica nossos desejos, ele também espolia nosso gozo (Safatle, 2020, p. 28).

Ou seja, na sociedade capitalista temos uma estrutura posta que influencia na produção de subjetividades que cerceia o gozo dos sujeitos, estabelecendo, na posição do sujeito e nas neuroses, uma lógica e um certo funcionamento a partir das Leis e da forma como nos colocamos no mundo, que dimensiona, inclusive, os nossos objetos de desejo, que estão muito associados ao mundo do trabalho. Há um investimento libidinal para a produção da mercadoria, o que nos torna seres alienados. “Para Freud, a Psicanálise procura pensar os vínculos sociais e suas dinâmicas como vínculos de identificação. Essa é uma maneira de dizer que as relações de poder são necessariamente produtoras de sujeitos” (Safatle, 2020, p. 33). Neste contexto, como estão sendo produzidas as relações de poder e a Lei que produz os sujeitos adolescentes?

Produzimos nossas identificações no mundo através das relações com o Outro e com a cultura. Desta forma, nossos desejos são atravessados por nossas relações neste lugar. Para o psicanalista Bruce Fink (1998),

o desejo do homem é o desejo do Outro, e o homem deseja o que o Outro deseja. [...] Pois o homem não somente deseja o que o Outro deseja da mesma forma; em outras palavras, seu desejo é estruturado exatamente como o do Outro. O homem aprende a desejar como um Outro, como se ele fosse alguma outra pessoa (Fink, 1998, p. 77).

Desta forma, entendemos que houve o impacto das políticas de distanciamento social na constituição dos sujeitos adolescentes, na produção de

objetos de desejo construídos coletivamente, no estar com outro, no ter o reconhecimento do/a outro/a, lembrando que, para Lacan, falta e desejo são coextensivos. Fink (1998, p. 82) ainda lembra que,

o desejo do homem é que o Outro o deseje, ou o homem deseja o desejo do Outro por ele” E, ainda, que “é na complexa relação do sujeito com o objeto a que o sujeito obtém uma sensação fantasmática de completude, preenchimento, satisfação e bem-estar (Fink, 1998, p. 83).

É importante salientar que a adolescência é um período de produção do humano marcado por conflitos, incertezas, angústias com o corpo e com a sexualidade, momento de substituição de um significante pelo outro, passagem da imagem narcísica fálica para a entrada dos objetos de desejo, elementos que exigem do sujeito sempre mais satisfação, um mais-de-gozar que vem sendo ressignificado pelo contexto descrito. Para o psicanalista Philippe Lacadée (2016), este momento provoca dois furos: o primeiro na autoridade, no saber, e o segundo na imagem corporal e na existência de criança. Neste momento, somam-se ao contexto de pandemia. A própria Lei a ser confrontada encontra-se, também, em profunda ressignificação, com um processo de fragilização do Nome-do-Pai, uma queda dos referenciais de autoridade que vem sendo pesquisada por autores como Lacan e Miller, entre outros. Diante da fragilização do Nome-do-Pai e de um período de distanciamento social, pesquisar como se dá a reorganização da subjetividade e suas formas de manifestação na adolescência nos permite compreender um pouco mais o cenário que se coloca, marcado por atos de violência em escolas no ano de 2022, como será apontado a partir de levantamentos de notícias veiculadas em fontes jornalísticas digitais.

Adolescer na pandemia – distanciamento social e impactos no sujeito adolescente

Neste sentido, a pandemia veio a desestruturar o contexto que tecia os desejos e as fantasias na sociedade capitalista, promovendo um movimento de restrição de convívio que permite uma forma de sujeição no mundo. Pelo que investigamos, todos os elementos que compõem o processo de adolescência foram agregados ao processo de distanciamento, em alguns casos com isolamento social, promovendo uma distorção das relações no mundo físico, fora do virtual. O corpo, cada vez mais atravessado pelo olhar do Outro e por padrões distantes, os problemas com o

despertar da sexualidade num mundo cheio de opções virtuais – que incluem a pornografia –, a dificuldade em ver e ser visto na diferença, bem como o enfraquecimento das figuras e discursos de autoridade promovem um cenário em que o/a adolescente está cada vez mais desbussolado/a. Neste sentido, a violência surge como uma possibilidade de ser no mundo. Os casos de violência registrados em escolas no país são sempre acompanhados – seja na mídia ou mesmo em relatórios de entidades – pelo diagnóstico de um grande sofrimento mental e, não raro, vários distúrbios mentais aparecem como justificativa para as ações. Viver em um mundo onde os afetos foram substituídos pela angústia do imperativo de gozar não aparece como explicação. O cenário se torna ainda pior quando se constata que nenhuma ação no campo de políticas públicas é proposta – não há políticas para promover o lazer, a saúde, e não se produz uma escola com espaços de acolhimento e escuta profissional.

Freud (1914-1916/2010), em *O Mal-estar na Civilização*, apresenta um contraste entre o que é exigido pelas pulsões e os limites estabelecidos pela civilização, nos colocando sempre no embate entre a pulsão de morte e a pulsão de vida. No momento da pandemia, as perdas, as faltas e os desligamentos apresentam-se com muita força, reorganizando a relação antes estabelecida, o que pode contribuir com angústias e até adoecimentos, principalmente entre adolescentes que perderam o ordenamento espacial e temporal cotidiano, que perderam pessoas queridas, que se sentem apavorados/as com a convivência no Real.

Assim, ao ressignificar os objetos de desejo, vivemos um luto destes objetos, o que têm promovido angústias, principalmente em adolescentes. Desta forma, entendemos que ocorre uma perda do objeto de desejo, o que exige do sujeito uma nova postura, um processo de luto, uma recriação dos objetos de desejo, agora mediados por novos espaços – os virtuais ou os presenciais –, com outras formas de olhar, ser e estar no mundo; o Real. Para a psicanalista Ângela Mucida (2009),

o real está no inesperado de cada dia, está na presença inassimilável da morte, mesmo tão efetiva, nas diversas perdas, reais ou imaginárias, nos encontros e desencontros, permeando a vida de incompletude sem a qual não ousaríamos criar objetos ou impossíveis ao nosso desejo (Mucida, 2009, p. 27)

Aquilo que parecia insuportável, impossível, dolorido ou mesmo estranho já não o é, o que exige novas formas de desejar e gozar. Antes disso, porém, precisamos elaborar o luto pela perda do que estava consolidado. Para Freud (1914-

1916/2010, p. 48), “o luto, via de regra, é a reação à perda de uma pessoa querida ou de uma abstração que esteja no lugar dela, como pátria, liberdade, ideal etc.”. Em tempos de Covid-19, foram muitas as perdas, o que tem exigido um grande esforço para viver e superar o luto, provocando novas formas de mal-estar no mundo.

De acordo com a leitura de Lacan, a sociedade contemporânea apresenta novos sintomas que acentuam e ressignificam o mal-estar apontado por Freud. De acordo com Pedro Teixeira Castilho (2019), Lacan entende esses novos sintomas como produto do declínio da função paterna, que é a função da norma e das regras, da Lei que se baseia na culpa. De acordo com o autor,

na sociedade contemporânea, a pulsão revela ainda mais sua face mortífera, como modo de gozo presente tanto nos novos sintomas quanto na violência. O declínio da função paterna e a falência dos ideais na atualidade trazem à tona um sujeito sem responsabilidades para com seu desejo e o Outro. Torna-se um sujeito tomado pelo imperativo de gozo da civilização técnico-científica e da política de um mercado globalizado (Castilho, 2019, p. 55).

Machado (2005), autor que fala sobre esse sujeito desbussolado, aponta que há um imperativo do gozo que se resume ao consumo, um consumo de signos vazios, o que só aumenta o mal-estar, agora associado a um luto intenso. Por outro lado, os referenciais de ordem e lei caem, e observamos um contexto cada vez mais transformado, como aponta Laurent (2006) e Machado (2005) em suas teses sobre o sujeito contemporâneo. Os arranjos patriarcais são cada vez mais questionados e subvertidos num movimento em que os papéis de autoridade são deslocados e as referências de normas e padrões são transformadas. Tal movimento, que não é por nós entendido como algo ruim em si, abre a possibilidade de novos discursos a serem colocados. Tais discursos podem ser, entretanto, tão perversos quanto a Lei em queda. Entendendo a adolescência como um momento de despertar do desejo edípico, que incide sobre transformações sobre a percepção acerca da figura do Pai, que está em processo de transformação, o processo de adolecer tem enfrentado dificuldades, de modo que a violência tem incidido como um sintoma dos tempos atuais.

De acordo com Castilho (2019, p. 55),

o declínio da função paterna é um signo de uma época. O que este declínio revela é que não se crê mais no pai. A descrença é o que se revela na contemporaneidade. Cada vez mais encontramos sujeitos em conflito com a ordem pública e com a passagem ao ato. O declínio da função paterna traz à tona um sujeito que não mais se orienta a partir do Nome-do-Pai. A violência contemporânea é

dessubstancializada e também perde qualquer sentido direcionando ao Outro (Castilho, 2019, p. 55).

Os documentos e reportagens citados ao longo deste artigo apontam para uma descrença no Pai, associado a um período de mal-estar pela ausência do/a outro/a e pelas mudanças rápidas na Lei, como o ensino *on-line*. O caminho encontrado para lidar com essa situação tem sido o dos diagnósticos e a multiplicação de transtornos, que procuram explicar a onda de violência e outras ações de adolescentes nas escolas ou mesmo em casa, buscando um remédio para trazer de volta a normalidade, restituir a Lei e a conformidade social. Como observamos nas notícias que levantamos sobre os casos de violência em escolas, os/as adolescentes são sempre nomeados/as como doentes e rapidamente busca-se algum transtorno para enquadrá-los/as e explicar a violência.

Como argumenta Castilho (2019),

com o declínio da função paterna, encontramos uma banalização da promoção à violência, isso funcionaria como um modo de expressão do sentido daquilo que está fora da linguagem e do inconsciente revelando o fracasso dos recursos simbólicos. A violência aparece como uma negativa, que estaria como um fora do sentido, que não se pode simbolizar. Quando não há lei na sociedade que regule o sujeito, entramos no campo do fora de sentido com um novo estatuto para a violência (Castilho, 2019, p. 58).

Entendemos que este é o cenário – o de fracasso dos recursos simbólicos – associado ao adolecer em tempos de pandemia e distanciamento social. É importante lembrar que estes atos de violência estão ocorrendo no momento de retorno às atividades presenciais, o que aponta para a dificuldade de lidar com a simbolização do Outro e do/a outro/a, gerando ações de respostas diante do impossível do Real. Ainda de acordo com Laurent (como citado em Castilho, 2019), a queda dos ideais faz surgir o império do gozo, que Machado (2005) descreve como o imperativo do gozo, um gozo que passa pela banalização da violência. Sobre isso, Castilho (2019, p. 60) ressalta: “isso quer dizer que o que temos é a presença de um gozo opaco sem Outro, em que o Nome-do-Pai não funciona mais como referência para o sujeito”.

Como aponta Miller (2016), a queda do Nome-do-Pai não é necessariamente um processo ruim, mas sim como uma parte do movimento de produção do sujeito e da cultura. O problema, no entanto, reside no que é produzido a partir deste movimento. Pode ser algo positivo, como a criatividade e a produção de novos afetos

através da arte, ou pode levar a ações violentas, emergentes de discursos de ódio ou à mera substituição de uma Lei que pune e gera angústia por outra de forma diferente, mas com o mesmo conteúdo. Nos parece que as escolas seguem em decadência, incapazes de produzir novos conteúdos e afetos. Freud (1910/1980) já apontava no início do século XX ao comentar em um simpósio sobre o suicídio: “as escolas devem conseguir mais do que não compelir seus alunos ao suicídio; devem lhes dar o desejo de viver, oferecendo-lhes apoio e amparo numa época da vida em que as condições de seu desenvolvimento os levam a afrouxar os vínculos parentais” (Freud, 1910/1980, p. 15). Parece que as escolas não evoluíram para esse lugar e não conseguem construir um circuito de afetos necessário para uma escuta que acolha o desamparo dos/as adolescentes.

Por fim, recorremos ao texto *A gíngua dos adôls*, de Fernanda Otoni-Brisset (2016), em que a autora aponta que “se o pai deixa de ser a estrela-guia, descobre-se a constelação” (s.p.). Mais adiante, a autora aponta que “a pluralização está no horizonte: várias adolescências, várias entradas e saídas, vários objetos, vários nomes do pai, vários artifícios conectores” (Otoni-Brisset, 2016, s.p.), ou seja, há outras formas de elaborar o impossível do Real além da via da violência. Observamos, também, essas ações em várias escolas do país. Não nos cabe apontar essas saídas aqui, mas podemos inferir que tal saída passa pela produção de políticas que levem em conta a necessidade de cuidar da saúde mental dos/as adolescentes e a promoção de espaços de acolhimento e escuta, estimulando a produção de circuito de afetos, com políticas que respeitem e valorizem os corpos políticos em suas diversidades. Promover saídas não violentas exige um fortalecimento do sujeito em produção e um suporte social, por exemplo, a partir de políticas públicas. A respeito disso, Safatle (2016, p. 50) diz que “toda ação política é inicialmente uma ação de desabamento e só pessoas desamparadas são capazes de agir politicamente”.

Ao final, ficam as inquietações e as angústias de um trabalho que não consegue satisfazer a necessidade de construir um mundo melhor, mas permanece a certeza de um esforço teórico que valoriza a Psicanálise como instrumento na produção de um novo vir a ser para todos e todas. Que possamos encontrar outras linguagens para além da violência!

REFERÊNCIAS

Agência Senado. (2022, 08 de junho). **Violência nas escolas: especialista reforça importância de acolhimento de estudantes.** *Senado Notícias*. <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/06/08/violencia-nas-escolas-especialistas-reforcam-importancia-de-acolhimento-de-estudantes>

Alberti, S. (1996). **Esse sujeito adolescente.** Relume-Dumará.

Aluno de 08 anos agride professora e faz ameaças com faca em Uberlândia. (2022, 04 de outubro). *Zap catalão*. <https://www.zapcatalao.com.br/aluno-de-08-anos-agride-professora-e-faz-ameacas-com-faca-em-uberlandia/>

Azevedo, A. V. de. (2001). **Metáfora paterna na psicanálise e na literatura.** EDUNB.

Basílio, A. (2022, 08 de maio). Retomada das aulas presenciais acirra a violência nas escolas. O que fazer para superá-la? **Carta Capital**. <https://www.cartacapital.com.br/educacao/retomada-as-aulas-presenciais-acirra-a-violencia-nas-escolas-o-que-fazer-para-supera-la/>

Bispo, T. (2022, 29 de maio). Em Bento, violência nas escolas é efeito pós-pandemia. **Jornal Semanário**. <https://jornalsemanario.com.br/em-bento-violencia-nas-escolas-e-efeito-pos-pandemia/>

Castilho, P. T. (2019). Crítica ao diagnóstico de transtorno de conduta (DSM-V – CID 10): Uma hipótese sobre a violência como novo sintoma. In A. Simões & G. Gonçalves (Orgs.), **Psicanálise e psicopatologia: olhares contemporâneos** (pp. 47-64). Blucher.

Dunker, C. (2021). Psicanálise da vida digital. In L. Goldberg, **O sujeito na era digital: ensaios sobre psicanálise, pandemia e história** (pp. 09-39). Edições 70.

Elia, L. (2004). **O conceito de sujeito.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Fink, B. (1998). **O sujeito Lacaniano: entre a linguagem e o gozo.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Freud, S. (1980). Contribuições para uma discussão acerca do suicídio. In S. Freud, **Edição Standard brasileira das Obras Completas** (Vol. 11, pp. 217-218). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1910)

Freud, S. (2010). **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos.** São Paulo: Companhia das Letras. (Originalmente publicado em 1930-1936)

Freud, S. (2016). **Obras completas: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (o caso Dora) e outros textos** (Vol. 6). São Paulo: Companhia das Letras.

Freud, S. (2012). **Obras completas: Totem e tabu – contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos** (Vol. 11). São Paulo: Companhia das Letras.

Lacadée, P. (2016). Almanaque On-line n. 17 entrevista Philippe Lacadée. **Revista eletrônica do Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais (IPSM-MG)**. Recuperado de <http://almanaquepsicanalise.com.br/wp-content/uploads/2016/07/8-Phillipe-Lacadee-final-2.pdf>

Lacan, J. (1992). **O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lacan, J. (1998). **O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais em psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1964)

Lacan, J. (2005). **Nomes-do-Pai**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lacan, J. (2009). **O seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante. Jorge Zahar**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1971)

LAURENT, Éric. **El tratamiento de la angustia postraumática: sin estándares, pero no sin principios**. In: BELAGA, Guillermo (Org.). La urgencia generalizada. La práctica en el hospital. Buenos Aires: Gramma, 2006, p. 31-50.

Machado, O. M. R. (2005). **A clínica do sinthoma e o sujeito contemporâneo**. UFRJ.

Melo, C. (2022, 29 de setembro). Como o aumento da violência nas escolas afeta o professor? **Nova Escola**. <https://novaescola.org.br/conteudo/21354/como-o-aumento-da-violencia-nas-escolas-afeta-o-professor>

Miller, J.-A. (2012, 27 de abril). **O real no século XXI**. Escola Brasileira de Psicanálise de São Paulo (EBPSP). <https://ebpsp.wordpress.com/%e2%96%aa-real-no-seculo-xxi%e2%96%aa/>

Miller, J.-A. (2016). **Em direção à adolescência**: intervenção de encerramento da 3ª Jornada do Instituto da Criança. *Opção Lacaniana*, 72.

Mucida, A. (2009). **Escrita de uma memória que não se apaga – Envelhecimento e velhice**. Belo Horizonte: Autêntica.

Otoni-Brisset, F. (2016). **A ginga dos adô**s. In H. Caldas, A. Bemfica & C. Boechat (Orgs.), *Errâncias, adolescência e outras estações*. Escola Brasileira de Psicanálise. <https://pt.scribd.com/document/354169591/A-Ginga-Dos-Ados>

Palhares, I. (2022, 09 de abril). Casos de violência e ameaças aumentam 48% em escolas de São Paulo. *Folha de São Paulo*. <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2022/04/casos-de-violencia-e-ameacas-aumentam-48-em-escolas-de-sao-paulo.shtml>

Rodrigues, G. (2022, 08 de setembro). Suposta ameaça de massacre assusta pais e alunos de colégio em Goiânia. *Metrópoles*. <https://www.metropoles.com/brasil/suposta-ameaca-de-massacre-assusta-pais-e-alunos-de-colegio-em-goiania>

Rouanet, S. P. (1993). **Mal-Estar na Modernidade**. In S. O. Rouanet, *Mal-Estar Na Modernidade Ensaio*s (pp. 96-119). São Paulo: Companhia das Letras.

Safatle, V. (2020). **Maneiras de transformar o mundo: Lacan, política e emancipação**. Belo Horizonte: Autêntica.

Safatle, V. (2016). **O circuito dos afetos – Corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo**. Belo Horizonte: Autêntica.

Santana, V. L. V. (2011). **Por que a Psicanálise, hoje?** *Opção Lacaniana On Line*, (6), 1-11.
http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_6/por_que_a_psicanalise_hoje.pdf

“O TEMPO É IRREALIZÁVEL”: ENVELHECER NA CONTEMPORANEIDADE

Nadilah Bueno e Renata Wirthmann

De repente, a gente vê que perdeu
Ou está perdendo alguma coisa
Morna e ingênua que vai ficando no caminho
Que é escuro e frio, mas também bonito porque é iluminado
Pela beleza do que aconteceu há minutos atrás.
-Cazuza, 1975

O envelhecimento do corpo é um acontecimento inerente à vida e ao processo que a delinea do nascimento à morte, no entanto, a velhice é singular, uma vez que se trata de uma percepção do sujeito acerca da passagem do tempo e do impacto de acontecimentos e vivências na sua subjetividade.

Como aponta Cazuza, na canção *Poema*, dedicada à sua avó materna, os minutos atrás, uma referência às memórias, contém, simultaneamente, beleza e escuridão. Essa parece ser uma forma poética e justa de pensarmos na singularidade do envelhecer: há uma beleza no que aconteceu há minutos atrás, mas há também uma perda, por cada acontecimento que vai ficando no caminho.

Esse paradoxo de algo, ao mesmo tempo escuro e iluminado, deve-se a um outro: nosso corpo é cronológico, enquanto a subjetividade é atemporal, pois como descreveu Freud (1974/1916): “Os processos do sistema Inconsciente são intemporais; isto é, não são ordenados temporalmente, não se alteram com a passagem do tempo; não têm absolutamente qualquer referência ao tempo” (p. 111).

A temática do envelhecimento corporal é indiscutivelmente relevante, ao se ter em vista as variadas pesquisas a respeito do aumento da longevidade humana na contemporaneidade, da expectativa de vida e do crescimento exponencial da

população idosa, mundialmente, como aponta na pesquisa divulgada pelo IBGE (2020):

A longevidade dos brasileiros vem aumentando ao longo do tempo. Em 2019, as expectativas de vida ao atingir 80 anos foram de 10,5 para mulheres e de 8,7 anos para os homens, enquanto que, em 1940, estes valores eram de 4,5 anos para as mulheres e 4,0 anos para os homens.

Com tamanha expansão do prolongamento da vida, há que se pensar e analisar os sentidos do envelhecimento que vêm sendo tomados em cena. Este processo é comum e corriqueiro a todos, pois é inerente à vida, tendo em vista que nós envelhecemos a cada segundo, de acordo com a natureza biológica que nos permeia, pois, como na música *Sei lá... A vida tem sempre razão*, de 1971, composta por Vinicius de Moraes e Toquinho: "a gente mal nasce, começa a morrer". Envelhecer é um fenômeno universal, que desencadeia mudanças perceptíveis, no entanto, é heterogêneo, em virtude da unicidade de cada sujeito.

Neste sentido, apesar de ser um acontecimento comum, cada sujeito subjetiva seu envelhecimento aos seus próprios moldes, que são frutos de sua construção enquanto indivíduo inserido na cultura e em um tempo social. Envelhecer, num tempo em que impera o culto ao novo, ao belo e ao jovem, é uma nova forma de envelhecer, uma vez que o envelhecimento é atravessado por diversos contextos, entre eles, os outros que circundam e que lançam seus olhares para o sujeito. Diante disso, como é envelhecer e se tornar velho na contemporaneidade?

Para essa discussão, é preciso ter-se em vista o caminho do envelhecimento e da velhice no decorrer da sociedade e de suas respectivas estruturas e organizações. O tempo da velhice, concomitante à perspectiva do envelhecimento, dizem respeito à cultura, como já mencionado, portanto, em decorrência de um tempo com práticas discriminatórias e desiguais, foram elaboradas ferramentas legais próprias para a proteção dos direitos dos idosos, a partir da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.

Neste processo, o Estatuto do Idoso, através da Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, foi desenvolvido como um instrumento legal que tem como premissa central garantir e preservar os direitos e deveres com relação à população idosa; a saber, às pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, uma vez que é irrefutável o papel estatal e social de garantir uma velhice digna aos idosos, elaborando ações para a conscientização da proteção e do abandono (BRASIL, 2013).

A constituição do sujeito e sua atemporalidade

A atemporalidade, na obra de Freud, é vinculada ao inconsciente e, em Lacan, a encontraremos relacionada ao conceito de sujeito. A atemporalidade do sujeito decorre do entendimento que este é um efeito de linguagem e do inconsciente, uma vez que, de acordo com psicanalista Bruce Fink, “[...] existe na medida que a palavra o moldou do nada” (Fink, 1995, p. 71). Assim, a linguagem inscreve o sujeito e lhe infere uma nomeação própria que o inaugura a partir do *traço unário* (Lacan, 1962, p. 95), estabelecendo uma identificação à ordem simbólica que o antecipa, por meio dos significantes que operam sua relação com o Outro. Esses significantes afetam o corpo, produzindo neste um efeito de sujeito constituído por desejo e falta.

Este conceito, de sujeito, foi introduzido por Jacques Lacan, na psicanálise, e abrange a sua constituição no domínio do campo verbal, contrapondo os termos utilizados previamente, como nascimento e desenvolvimento. Neste sentido, torna-se sujeito no encontro da libra de carne com a linguagem, sendo o sujeito, portanto, um efeito de linguagem, ou, ainda, segundo o psicanalista Luciano Elia, um ato de resposta ao Outro. (Elia, 2004). Este encontro é o que inaugura o sujeito, mas também o Outro, uma vez que cria, por retroação, o passado no qual o Outro se descobriu inscrito. Logo, o sujeito é uma resposta ao simbólico, sendo suposto pelo significante que o nomeia.

Após a sua constituição, podemos compreender o sujeito organizado em tempos, que concernem à ordem subjetiva de sua estruturação. Logo, como pontua a psicóloga Ana Rosa de Souza Amor (2015), o sujeito é constituído na instauração da fala e sua estrutura é organizada em um primeiro tempo na sua alienação com a linguagem, sendo uma assimilação ao significante do Outro. A partir disso, o sujeito inscrito no campo do Outro poderá se identificar com outros significantes.

O Outro inaugura o sujeito a partir da sua relação com a linguagem, porém, o sujeito não é limitadamente circunscrito pelo Outro. Também há o que não é assujeitado ao Outro, em virtude da separação o sujeito se aparta do Outro, o que também compõe a sua constituição, causando no Outro uma incompletude. Assim, o Outro perpassa por uma falta, que retroage justamente à falta do sujeito, o que possibilita o sujeito subscrever a si próprio.

Sua constituição, portanto, está na dialética da alienação à separação. O desejo do sujeito é localizado na falta, que o estrutura enquanto sujeito. O desejo é,

em outras palavras, uma premissa do sujeito, o que o constitui como tal. É pelo seu desejo que o sujeito se orienta e este não é determinado por medidores de ordem temporal, pois como afirma a psicóloga Ângela Mucida (2006), o desejo não tem idade, ele nada tem a ver com a cronologia ou com o envelhecimento do corpo, mas com a subjetividade de quem o possui, sendo, portanto, também atemporal.

Lacan (1964), no seminário *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, aborda o sofisma para discutir a respeito da constituição do sujeito, no qual delinea tempos, os quais se aplicam ao sujeito na sua estruturação e no processo de análise. O instante de ver é o primeiro nessa organização, o qual se refere à introdução do sujeito no campo do Outro, realizando o movimento de retroação. O instante de compreender aponta para o saber do outro, tendo em vista que tudo que o sujeito porta de conhecimento sobre si advém desse outro.

Neste sentido, enquanto instante de compreender, o sujeito não é capaz de acender a si, pois não dispõe do próprio saber. É neste momento que ocorre a separação, conferindo ao sujeito o abandono do desejo do outro e a posição de enunciação, daquele que porta um saber sobre si, inaugurando o instante de concluir. A sua constituição se faz na completude de presente, passado e futuro, de modo que estas configurações temporais não são sobrepostas umas às outras, uma vez que o sujeito é deslocado pelo seu desejo em direção a um tempo que aponte para seguir se transformando (Amor, 2015).

Como se pode perceber com o percurso dos tempos, o sujeito é conduzido pela dialética de sua construção, fazendo o caminho da alienação à separação, por isso é produzido no intervalo de significantes (Amor & Chatelard, 2016). A sua constituição, portanto, não está atrelada à idade cronológica do sujeito, mas ao seu inconsciente e suas reverberações. Nesse sentido, é perceptível uma contraposição entre um sujeito atemporal atravessado por um envelhecimento corporal, que dá notícias e pode ser causador de mal-estar para aquele que o experimenta, à vista de que, como exprime o escritor português Valter Hugo Mãe, "o nosso inimigo é o corpo. por que o corpo é que nos ataca. estamos finalmente perante o mais terrível dos animais, o nosso próprio bicho, o bicho que somos. que decide que é chegado o momento de começar a desligar-nos os sentidos e decide como e quando devemos padecer de que tipo de dor ou loucura" (p. 102).

O mal-estar em referência pode acometer o indivíduo nos seus diferentes tempos de constituição, mas aqui faremos um destaque para o tempo da velhice, o

qual pode apresentar incômodos e novos atravessamentos ao sujeito, em decorrência das mudanças advindas para este, sendo possível estabelecer uma relação de repetição, na velhice, ao mal estar experimentado no tempo puberal, posto que, tanto a adolescência quanto a velhice são momentos perpassados por mudanças de diferentes ordens, como corporais e psíquicas.

Envelhecimento e adolescência: a repetição do mal-estar

A adolescência faz parte de um dos tempos constituintes do sujeito, sendo um dos despertares que o precede, definido por Lacan, como o despertar para o mal-estar. Como descreve a psicóloga Susane Vasconcelos Zanotti,

no momento da puberdade, as exigências pulsionais aparecem para o sujeito, pela primeira vez, como capazes de realização. Tais exigências repercutem nos diferentes âmbitos de sua vida. Considera-se aqui a puberdade como o momento de despertar para o mal-estar, presente em todo e qualquer sujeito. Mal-estar relacionado ao despertar para o desejo, à delicada relação do sujeito com o corpo próprio, ao traumático encontro com o outro e à difícil separação da autoridade dos pais. Freud sublinha que as metamorfoses da puberdade implicam na perda do corpo infantil, exigindo a reconstrução de uma imagem corporal (Zanotti, 2016, p. 02-03).

A adolescência, portanto, se dá pela admissão do sujeito no Real do sexo, um mal encontro que traz um despertar para o mal-estar, sendo este um desencontro no objetivo de buscar respostas possíveis no impossível da relação sexual. O Real do sexo então, apresenta ao sujeito o próprio corpo, sendo responsável por um mal-estar que acontece algumas vezes na vida, em decorrência das alterações advindas do tempo.

O Real, como aquilo que não cessa de inscrever, dá notícias do corpo que envelhece, a todo instante, fazendo com que o sujeito se depare com as marcas do tempo, que tem esse mesmo caráter de inscrição contínua. Destarte, como na adolescência o sujeito é atravessado pelo Real do sexo, ou seja, o encontro com o seu próprio corpo, na velhice isso se repete, com novas inscrições sobre o corpo e o sujeito.

Assim como Amor (2015), autora mencionada acima, Mucida (2012) também discorre sobre os tempos que constituem o aparelho psíquico, trazendo em cena justamente a velhice, no que diz respeito a sua percepção dos tempos, uma vez que “o atemporal do inconsciente oferece a sensação de que o tempo não passa e que,

afinal, somos os mesmos” (p. 38), sendo importante assim, ressaltar essa constituição na concepção da velhice, assim como na adolescência, para lhe oferecer contornos.

Nesse sentido, servindo-nos do que aponta Mucida (2012, P. 39),

(...) o primeiro tempo refere-se ao real, sem inscrição e nele situamos o sujeito que não envelhece. O segundo tempo é um tempo de tradução e que opera sob uma barra, um impedimento, demonstrando uma alienação advinda dos efeitos precoces do encontro com o Outro, tempo intraduzível. O terceiro tempo, simbólico, delimitando a passagem do tempo, não funciona independente das outras maneiras do tempo se apresentar.

A velhice seria, portanto, um novo despertar para o mal-estar que acomete o sujeito, pois se “as metamorfoses da puberdade, ao mesmo tempo em que colocam em primeiro plano o registro imaginário, abalam as amarrações com o simbólico” (Zanotti, 2016, p. 03), há essa mesma relação no envelhecimento, na busca pela identificação de uma subjetividade atemporal com o próprio corpo, temporal, que é atravessado por um registro no Real.

Tantas são as semelhanças nestes processos perpassados pelo sujeito, que até seus nomes possuem sufixos análogos: adolescência e envelhecimento. O conceito de adolescência, já fora discutido acima, mas aqui faz-se mister destacar os atributos que competem o termo envelhescência, que são bem definidos pela psicóloga Gabrieli Dallabrida (2020, P. 16): “Nesse sentido, a envelhescência constituiria “[...] uma tentativa de lidar com o desencontro entre o inconsciente atemporal — a mente que não está sujeita aos sinais do processo de envelhecimento — e o corpo que apresenta diversas mudanças ao longo desse processo”.

Esse corpo, que entra em insconsonâncias, é marcado pela incidência da lei, pelo seu encontro com o Outro. Este que o precede e o constitui, deposita enigmas com os quais o sujeito deve se haver posto que, “cada sujeito é o sujeito de um destino particular, um destino que não escolheu, mas que, por mais aleatório ou acidental que possa parecer no início, deve, entretanto, subjetivar” (Fink, 1995, p. 89). O destino mencionado diz respeito à dimensão do Real, uma vez que se trata daquilo que escapa, que é inevitável, novo e desconhecido e por isso se torna, por vezes, insuportável.

O Real anuncia para o sujeito envelhecido a castração, que se impõe de maneira irrevogável, com as perdas que atravessam o sujeito e rememoram à fase do espelho, porém, dessa vez, um espelho quebrado, como afirma Mucida (2022), pois

exibe uma imagem de um corpo fragmentado, despedaçado e desconhecido, com o qual o sujeito deve se haver.

Nesse sentido, o sujeito é apresentado às transformações do seu corpo e modifica a forma que este passa a se enxergar e a se relacionar com o demais, configurando uma espécie de nova forma de viver. Tudo isso, cercado pela dimensão social que prega padrões de beleza como um modo de encaixe ao âmbito social, que cultuam a juventude e a beleza eterna, onde não há espaço para rugas, cabelos branco ou quaisquer características que denotam a passagem do tempo ou de inconsonâncias com o que é considerado belo.

Esses enigmas provocam transformações no sujeito e necessitam de um processo de elaboração, na medida em que, apesar das mudanças corpóreas, o inconsciente, estruturado como linguagem, é atemporal e dotado de características e funcionamentos, tais como desejo, afetos, sentimentos, sexualidade e memórias, que são constitutivos da sua subjetividade e por conseguinte, não envelhecem.

A posição subjetiva da velhice e seus atravessamentos

O sujeito, inserido no campo da cultura e do social, depara-se incluído nas inferências e imposições dos outros quanto ao que é ser velho, havendo determinantes sociais da entrada na velhice, como o marco dos 60 anos. Este é um período de estranhamento que, apesar, de individual e singular pode inscrevê-lo numa espécie de desencontro entre um inconsciente atemporal e um corpo fragilizado, o que deve ser levado em consideração, mediante que, como aponta Freud (1996, p. 147),

no mundo real, as transições e estágios intermediários são muito mais comuns do que estados opostos nitidamente diferenciados. Ao estudar desenvolvimentos e mudanças, dirigimos nossa atenção unicamente para o resultado; desprezamos prontamente o fato de que tais processos são geralmente mais ou menos incompletos, o que equivale a dizer que são, de fato, apenas alterações parciais.

Destarte, Freud chama a atenção para a necessidade de elaboração do processo, não se limitando à solução, ou resultado, como sublinha, corroborando com a compreensão de que a velhice impõe um processo àquele por ela atravessado, uma vez que o Real do corpo o leva a subjetivar; ou seja, realizar a procura do sujeito que não envelhece no corpo que envelhece, apresentando uma dicotomia singular, que

pode trazer sofrimento para o idoso, mediante a estereotipia da figura de velho, apresentada na contemporaneidade.

Comumente, a cultura aponta para uma direção de envelhecimento esvaziada de interesse em objetos de investimento, em desejo e em vivacidade e, retomando a questão colocada anteriormente sobre como é envelhecer e situar-se na velhice, eis a resposta, de acordo com Lizete de Souza Rodrigues e Geraldo Antonio Soares (2006, p. 13):

O contato, por meio de pesquisa, com grupos de terceira idade permite fazer algumas considerações a respeito do novo desafio imposto à família da sociedade moderna que é conviver e interagir com os indivíduos longevos numa sociedade que supervaloriza o jovem, o belo, o forte e produtivo, onde ser velho significa incapacidade e improdutividade, portanto, descartabilidade.

Essa afirmativa reforça a visão hodierna acerca de envelhecer e da posição do sujeito envelhecido, relacionada à uma perspectiva de decadência ou impotência desse tempo de vida, visão esta instaurada culturalmente e denominada como *etarismo*, *idosismo* ou *ageísmo*, um tipo de discriminação com relação a idade, posto que “no transporte público, no posto de saúde, no relacionamento amoroso, na roupa, no trânsito. O preconceito contra o idoso, ou 'idosismo', está presente em muitas situações.” (G1, 2019). Essas inferências sociais apresentam um paradigma universalizante e violento sobre o envelhecimento, como um estado de declínio ou fragilização, o que comumente resulta em tratamentos hostis a esse público.

A Pesquisa Idosos no Brasil, realizada pelo SESC de São Paulo, no ano de 2020, fomenta essa discussão, pois apresenta, em seus resultados, que 18% dos idosos relataram ter sofrido discriminação em algum serviço de saúde e 19% afirmaram terem sido vítimas de algum tipo de violência física ou verbal. Outrossim, 81% dos participantes declararam que há preconceito contra o idoso no país. O estudo coletou dados de 4.144 brasileiros, sendo 2.369 pessoas com mais de 60 anos.

Os dados evidenciam que, para além da elaboração dos atravessamentos e modificações corporais, o velho precisa se haver com a concepção social, que possui um olhar sobre esse período da vida voltado ao aspecto fisiológico do corpo envelhecido, lançando mão de uma posição violenta sobre este, uma vez que, como destaca Mucida (2012, p. 14), “em um mundo permeado pelo imperativo do novo, envelhecer tornou-se uma nova forma de mal-estar na cultura”.

Além disso, recai sobre o sujeito também o desencontro do aspecto temporal de seu próprio corpo e suas assinalações, assim

velhos e velhas encontrariam, desse modo, uma dupla passividade: de um lado, diante do discurso dominante que tende a apagá-los e silenciá-los, alegando sua inutilidade pela perda da capacidade produtiva; e de outro, diante da alteridade interna, da excitação que ataca de dentro, e que encontra menos recursos no discurso social para traduzir e sexualizar/ligar, por meio das pulsões sexuais de vida, tais excitações provocadas pelo corpo e pela resposta do sexual – aqui em sua vertente de desligamento - a tais alterações (Santos, 2016, p. 175).

Juntamente com o tempo social e seus atravessamentos mencionados, podemos ampliar essa discussão, tendo em vista que é comum ao idoso perdas e lutos de uma vida e dos outros que a compunham. As perdas trazem uma marca específica, daquilo que constitui o sujeito, como afirma a escritora Eliane Brum (2014, p. 05). “Uma versão de nós morre sempre que morre alguém que amamos e que nos ama, porque essa pessoa leva com ela o seu olhar sobre nós, que é único”.

Nesse sentido, o curta-metragem *A casa em cubinhos*, animação japonesa de 12 minutos, criada por Kunio Katō em 2008, que ganhou o prêmio Oscar de melhor curta de animação de 2009, elucida essa discussão, uma vez que apresenta-nos de forma sensível e emocionante justamente a temática da vida, do envelhecimento e do luto. Essa obra exhibe uma série de metáforas, dentre elas a metáfora da casa que vai ficando cada vez menor, depois cada vez mais inundada e da outra que tem que ser construída, acima da anterior.

Cada cômodo contém registros de toda uma trajetória, que causa saudade e assim, o senhor revive as memórias, que simbolizam o tempo, sendo uma metáfora para a história de uma vida. Nos primeiros minutos da obra, bem como nos últimos, é perceptível a solidão que o senhor vivencia atualmente. Reside sozinho e tem em suas paredes registros de sua história.

Sentado em sua mesa, com um prato e dois copos de vinho à sua frente se encerra a animação, quando ele realiza um brinde com a taça que sobra, remetendo às suas recordações e memórias, que o compõem, estando sobre elas, simbólica e literalmente. A obra é singular e metafórica, de modo que cabe ao espectador realizar suas significações, diante da história de um velho que vive em constantes reconstruções. A revisitação ao passado permite perceber que, para além dos

ambientes erguidos, foram edificadas uma vida, uma história e uma família, que é o que constitui aquele sujeito.

A animação exprime que há que se pensar como os sujeitos, marcados pelo tempo e pelo social, significam seus modos de experienciar o envelhecimento. Destarte, como afirmam Dias e Rodrigues (2021, p. 09): “As muitas narrativas sobre a velhice, o dito e o não dito, os códigos que norteiam o envelhecer: tudo isso pode servir, para o bem e/ou para o mal, para que o sujeito encontre vias de tradução para o corpo que envelhece”.

Assim, fica evidente que o envelhecimento desencadeia diversas elaborações, que são variáveis de acordo com o sujeito e com a cultura, uma vez que existem inúmeras formas da velhice ser dita e da compreensão do lugar do corpo no envelhecimento, posto que o corpo é carregado de inscrições feitas pelo outro.

Pesquisa e entrevistas

Portanto, partindo das premissas e discussões acima, buscamos efetivar uma pesquisa a fim de delinear essa temática. Assim, a referida proposta de investigação foi desenvolvida mediante pesquisa de natureza básica e exploratória (Silva & Menezes, 2005), que visa promover conhecimentos atuais sobre interesses coletivos. Quanto a sua abordagem, tem como método a pesquisa qualitativa, uma vez que envolve uma temática pautada em uma relação dinâmica entre o mundo social e o sujeito.

Esta concepção de apuração se deu por compreender a amplitude deste método, o qual é muito utilizado na investigação de fenômenos, implicações subjetivas e variados contextos, dentro do recorte das Ciências Humanas, pois se baseia na busca pela percepção do sujeito e, deste modo, não objetiva a tomada de uma verdade ou proposição absoluta, já que considera que "sua matéria prima é composta por um conjunto de substantivos cujos sentidos se complementam: experiência, vivência, senso comum e ação. E o movimento que informa qualquer abordagem ou análise se baseia em três verbos: compreender, interpretar e dialetizar", de acordo com a pesquisadora Maria Cecília de Souza Minayo (Minayo, 2012, p. 622).

De tal modo, o intuito desse viés qualitativo é o da compreensão dos sentidos e representações dos sujeitos acerca de atravessamentos da ordem coletiva na sua subjetividade e composição. Essa estrutura compreende o que Egberto Ribeiro

Turato (2003) denomina enquanto método clínico-qualitativo aplicado às ciências humanas e da saúde.

No que se refere ao público da pesquisa, cabe destacar que foram seis idosas de um grupo de Idosos, desenvolvido na UBS (Unidade Básica de Saúde) Divano Elias, localizada no município de Catalão, Goiás. Nesse sentido, somente para fins de contextualização da faixa etária do público, consideramos idosos, sujeitos com mais de 60 anos, recebendo essa nomeação segundo a classificação da OMS (Organização Mundial de Saúde), da Política Nacional do Idoso (instituída pela lei federal 8.842), de 1994, e do Estatuto do Idoso (lei 10.741), de 2003.

Diante da temática da pesquisa, buscamos locais de coleta de dados com base em nossos objetivos de análise, a saber, a velhice e sua compreensão para aqueles que a experimentam na contemporaneidade

Sendo assim, o estudo foi realizado mediante entrevista com seis participantes do gênero feminino. A escolha das entrevistadas se deu pela sua participação no referido grupo de Idosos e o que confere, além da classificação enquanto idosas, de acordo com a faixa etária de classificação da OMS (Organização Mundial de Saúde), a sua própria denominação, diante a presença no grupo, sendo uma nomeação já realizada por elas.

Posto isto, primeiramente entramos em contato com a coordenadora da respectiva instituição de modo a apresentar a pesquisa, verificando a possibilidade de realizar as entrevistas programadas. A partir da confirmação da coordenadora e da assinatura do termo de permissão, foi efetivado o contato com as participantes virtualmente, através da plataforma de comunicação *WhatsApp*, de maneira prévia e individual, buscando contextualizar o método do estudo, seu funcionamento e objetivos.

Após a apresentação inicial e a anuência das entrevistadas a colaborarem com a pesquisa, participamos de dois encontros do Grupo, realizando as entrevistas ao final dos mesmos, posteriormente à leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A estratégia das entrevistas se deu por compreender sua capacidade de obter informações amplas sobre a questão da velhice, suas percepções e vivências, tendo como população uma amostra por quotas, reunindo diversos elementos constantes da população/universo, na mesma proporção (Silva & Menezes, 2005).

Esse formato de pesquisa é de interessante uso para investigação da temática em referência, uma vez que é produzida na relação intersubjetiva entre participante e pesquisador. Desta maneira, foi desenvolvida através de questionário com perguntas abertas, tendo em vista que, como destacam Daniel Menezes Coelho e Marcus Vinicius Oliveira Santos (2012, P. 93),

vale dizer que a escuta e a atividade interpretativa, enquanto método próprio à psicanálise, não se restringem à situação de análise. Se, conforme enunciamos, reconhecermos a indissociabilidade entre a experiência analítica e a pesquisa, seria preciso admitir a aplicação do método a outras situações não estritamente analíticas. Isso implica na possibilidade de o pesquisador realizar um trabalho pautado na escuta psicanalítica de depoimentos e entrevistas, colhidos em função da questão que se pretende investigar.

Destaca-se ainda que a produção do roteiro, semiestruturado da respectiva proposta de entrevista, manteve-se atenta à escolha do vocabulário a ser utilizado, levando em conta os elementos verbais da comunicação. Acentuamos que optamos por manter as identidades das entrevistadas em sigilo, assim, utilizaremos de nomes fictícios para fazer referência às exposições das mesmas. Ademais, no que se refere ao seu procedimento técnico, as entrevistas realizadas foram transcritas, de modo literal, o que compreende manter o estilo de narrativa e fala das participantes. Suas narrativas foram destacadas em *itálico*, para fazer distinção entre o texto de análise.

O que significa envelhecer?

Envelhecer é como diz, ter mais experiência e conhecimento. Ir perdendo a capacidade de saúde. Eu não sei, num penso nesse detalhe (risos). A gente tem limitações nas coisas, muitas coisas você não pode fazer por que a idade não ajuda, assim, começa a ficar com a memória fraca, aí não dá cambalhota mais (risos)... O corpo fica pesado, a gente não dá conta de se jogar, a junta fica dura..., mas eu não me sinto assim, tirando esses problemas de saúde que eu tenho, eles não me impedem de fazer muita coisa. (Cora, 69 anos, viúva)

Em sua narrativa sobre a velhice, Cora aponta alguns acontecimentos díspares sobre seus atravessamentos, destacando inicialmente as qualidades da grandeza no que se refere a experiência e conhecimento, que dizem respeito à uma história de vida e da dimensão do tempo advindo dessas vivências. Aponta-nos também sobre o declínio quando menciona a perda de capacidade, porém com a preocupação de destacar que não é por essa via que se compreende, fazendo esse movimento ao

longo de seu discurso. Sua fala evidencia a dicotomia do corpo que é atravessado pelo Real e por suas marcas, mas habitado pelo inconsciente que tem suas próprias insígnias, o que lhe confere uma construção singular, a partir da atualização da maneira como conduz o Real, suscitando que “cada um envelhece de seu próprio modo”. (Mucida, 2002, p. 16)

Assim, parece que... envelhecer não pode ficar só em casa... tem que fazer as coisas, viver alegre, não ficar só dentro de casa. Na pandemia, por causa da diabetes, eu fiquei fechada em casa, me deu uma depressão... parou tudo. Eu sei que eu tô velha, mas tô vivendo independente, quero ter minha independência. Minha filha vai comigo no médico, ela gosta assim, ficar de cima de negócio de comer... Menina, eu pago minha água, minha luz e tudo, naquela pandemia, eu não podia fazer essas coisas, eu gosto de comprar minhas coisas. Eu achava que tava amolando... agora, eu ficar pensando que tô velha e não posso fazer as coisas... Eu não me sinto assim... Quando a minha filha precisava fazer as coisas pra mim, eu sentia muito incapaz de nada. (Eugênia, 70 anos, viúva)

Nesta narrativa, a independência é tomada em cena. Eugênia afirma por vezes o desejo da autonomia, atribuindo a esse significante o sentido de sua vida, o que lhe confere vitalidade e existência. Adentra à temática da pandemia de COVID-19 como o atributo de impedimento para realizar suas próprias vontades, tendo que assumir nesse sentido, o papel de dependência do outro e do que isso implica sobre ela, a sensação de esvaziamento, de perda, de paralisação e incapacidade.

Ao afirmar que mesmo estando velha, está vivendo e que não se sente assim (velha), em contrapartida à fala de que a filha gosta de “ficar de cima”, apresenta o mal-estar advindo dessa relação onde há a antecipação da necessidade de cuidar, estabelecida com autoritarismo ante a suposição de incapacidade, por conta da idade, evidenciando que

a grande maioria dos idosos com problemas motores ou outros e os anciãos - mesmo aqueles que se encontram em plenas condições físicas e mentais - dependem do Outro. Em geral, a relação com os filhos é marcada por uma certa inversão de papéis; de pais que passam a quase filhos dos filhos que decidem muitos aspectos de suas vidas. Muitas vezes, tais relações tocam o desrespeito (Mucida, 2002, p. 196).

Uai, a gente vai ficando mais fraco e doente, as coisas vai ficando mais difícil. Às vezes quer fazer uma viagem e não dá conta, enxerga menos, ouve menos, não

é fácil ficar velho, mas ninguém quer morrer novo (risos). Às vezes gosta muito de sair, ir na igreja, mas só vou se me buscarem, senão não dou conta. (Rute, 74 anos, viúva)

Na fala de Rute, a velhice parece estar subordinada à limitação do corpo e das marcas do Real sobre este. Ao narrar acerca dos atravessamentos corporais, evidencia que não é tarefa fácil envelhecer, uma vez que, ao envelhecer há o imperativo categórico daquilo que não cessa de se inscrever: o tempo. Este dá notícias através do inevitável e desconhecido, evidenciando, como aponta Vanessa Biscardi Matos e Fábio Roberto Rodrigues Belo, “um desamparo ligado à sensação de involução dada a falibilidade do corpo e a constatação de sua própria finitude sentida lenta e progressivamente na carne” (Matos & Belo, 2021, p. 652).

Tem dois lados, o lado físico e o da mente. Mas eu, por exemplo, tenho essa idade, mas me sinto jovem, mas eu assim, não penso nesse trem de ficar velho, não. Só me importo mais é com essas manchas (mostra os braços), que me deixam mais velha. Mas tem gente que faz de tudo, é disposta, é o espírito, né? Eu acho que a cabeça que manda no corpo. (Clarice, 64 anos, solteira)

O corpo que traz marcas é o que aparece na narrativa de Clarice. Ela inicia sua fala evidenciando esse desencontro do corpo com o que ela nomeia como mente, que faz referência ao inconsciente, afirmando sobre ter uma idade, que é entendida como velha, todavia, se sente jovem. Ela diz desse lugar do inconsciente quando aponta sobre a cabeça mandar no corpo, uma vez que é nele que são realizadas as elaborações a respeito desse tempo da vida e de como é experimentado pelo sujeito, acentuando que a problemática do velho não advém dela, mas de outra ordem, uma vez que “[...] o sujeito vê o seu envelhecimento, diríamos sua velhice, pelo olhar do Outro ou ele se vê velho pela imagem que o Outro lhe devolve” (Mucida, 2006, p. 21).

Velhice e sociedade

Pra muitos é empecilho, né?, não aceita... tem lugar que quando a gente entra já fica olhando assim, como se não fosse lugar pra gente... se não fosse lugar pra velho. Eles acham que idoso tem que ficar só em casa né, que não tem o direito de divertir entre os jovens... Isso acontece até nas famílias. As pessoas têm muito preconceito, né? De não aceitar os idosos perto. (Cora, 69 anos, viúva)

Cora traz os significantes: empecilho, não aceitação, não lugar, não diversão e faz o enlace com o preconceito, dizendo sobre o Outro e suas afetações, apontando

acerca do ageísmo e de que “o culto ao ‘novo’ impõe ao corpo envelhecido muitos limites e paradoxos [...]” (Mucida, 2009, p. 16).

Às vezes as pessoas até não respeita, porque tá velho. Não tô falando pelo que eu tô passando não, as pessoas que são assim, mas a gente é capaz, é só querer. Tem gente que trata com diferença né... Que acha que a pessoa nem sabe o que tá falando... não é o meu caso, mas o que eu acho. Eu nunca senti incapaz de nada, sempre olhei meus netos e tinha assim, aquela responsabilidade. Mas assim, tratar as pessoas com respeito e ser tratado assim também. (Eugênia, 70 anos, viúva)

O desrespeito é o primeiro ponto atribuído por Eugênia quando reflete sobre o âmbito social da velhice, seguido pelo tratamento com diferença, a descredibilização de saber e a incapacidade. Na sua fala, aponta para a posição de responsabilidade que sempre ocupou, em contrapartida com os ideais sociais que alinhavam a velhice enquanto um tempo de esvaziamento, pois “como acontecimento, a velhice coloca inúmeras questões por meio das diferentes modificações que se processam nos laços sociais, na imagem, no corpo e nas relações com o Outro” (Mucida, 2009, p. 29).

Bem mal vista, os velhinhos costumam ficar mais pros cantos, tem uns que faz frente, mas eu sou de ficar de canto. Tem pessoas que gostam de conversar com os velhos, mas outros não. Tem muitos velhos que sofrem com a família, mas a minha família me trata muito bem, é uma felicidade grande. (Rute, 74 anos, viúva)

A narrativa de Rute nos apresenta o paradoxo da nomeação “velho”, uma vez que ela apresenta esse termo referido a um outro, mas, em contrapartida, se coloca nesse lugar, quando exprime que alguns fazem frente, mas ela é de ficar de canto. Na continuação da sua fala, expõe novamente esse duplo, quando diz das famílias dos velhos e da sua. É interessante ressaltar que Rute utiliza o termo “*ficar mais pros cantos*”, o que sustenta que “o lugar social do velho seria quase um não lugar (...), os velhos são empurrados para as bordas da estrutura social, (...) são empurrados em direção à perda de todo poder, até sobre si mesmos” (Goldfarb, 2006, p. 78 apud Teixeira, 2019, p. 26).

Eu vejo muito preconceito com idosos na sociedade. Preconceito de achar que as pessoas não servem mais pra nada, que dão muito trabalho, somos muito dependentes das outras pessoas. (Isabel, 64 anos, casada)

O mal-estar é um atravessamento compreendido por Isabel no que se refere à concepção social acerca do idoso, a qual apresenta antecipações generalizadas

sobre esse sujeito, pois, como aponta a psicóloga Selena Mesquita de Oliveira Teixeira, “[...] o fenômeno da velhice contemporânea, ancorada no estigma que acompanha a figura do velho. Trata-se de uma velhice sustentada pela noção de improdutividade, fragilidade, perdas e declínio em diversas áreas da vida” (Teixeira, 2019, p. 25).

O corpo e a velhice

Fraqueza, né?... vai ficando fraco, às vezes tem uns que vai perdendo o apetite, aí vai ficando mais fraco o interesse de se divertir... todo mundo pensa assim... tem uma maneira de encarar a velhice, a velhice tá na nossa cabeça... pensei aqui agora, a pessoa conformar que tá ficando velha e se entregar pra velhice... igual, todo mundo fala que idoso não pode ficar sozinho, mas eu vou me recolher em casa? Isso causa depressão, baixa autoestima e perde a vida por causa da depressão mesmo, a doença também é causada por várias coisas dessas aí... (Cora, 69 anos, viúva)

Sua narrativa evidencia a posição singular da velhice, uma vez que Cora compreende que a velhice está na cabeça e traz, ainda, a questão da depressão como resultado da solidão. Sua elaboração parece apresentar novamente a dicotomia do corpo e do inconsciente, além de trazer em cena, que “esse processo instaura um desafio de se apropriar de um corpo que tem limitações, não desempenha mais a mesma performance e que é destituído de um lugar reconhecido de desejo” (Paludo et al, 2021, p. 08).

Fica mais fraco, mais frágil. O cabelo embranquece (risos) e o pior é que tenho alergia a tudo, até de tinta..., mas eu me sinto bem. É importante fazer exercícios, igual estamos fazendo aqui no grupo, na pandemia eu endureci, ficava muito quieta..., mas agora não, tenho a amizade de vocês, que é bom..., mas a coluna, os ossos, vai enfraquecendo, tomando remédio, a gente vai ficando de idade, mas tô bem, de pé, tendo amizade, igual vocês... isso pra mim é riqueza, por que tem gente que não respeita os mais velhos. A pessoa não pode falar que tá velha e se entregar, aí não consegue nada mesmo. Ficar só dentro de casa, só traz pensamento ruim. (Eugênia, 70 anos, viúva)

A contraposição do “Mas eu me sinto bem”, de Eugênia, é curiosa porque parte da premissa, que nesse tempo é comum não estar bem. Os significantes atrelados

ao cabelo que embranquece, ao corpo que enfraquece, ao uso de medicamentos fazem referências às perdas, de modo que “pequenas e continuadas mudanças vão se inscrevendo a partir da meia-idade; cabelos brancos, rugas, elasticidade da pele e, pouco a pouco, outras indicam ao sujeito que seu corpo não é mais o mesmo, principalmente no tocante às belas formas” (Mucida, 2002, p. 111).

Eu, pra mim, é a cabeça e sem forças. A cabeça fica muito ruim e a gente fica sem forças pra nada, mas eu ainda agradeço por que dou conta de fazer as coisas. (Catarina, 66 anos, casada)

A entrevistada Catarina assinala um sofrimento, que atravessa o corpo, que se enlaça com o que Mucida (2012) propõe, de que “é pelo corpo que se sofre, não há outro lugar, que o ser falante ensaia respostas sintomáticas que possam grifar sua dor, sua forma de gozar, seu protesto ou simplesmente sua forma de existir” (p. 13).

Fica as pernas trêmulas, a vista fraca, não dá conta mais de andar onde andava antigamente. Dor pra todo lado... (Rute, 74 anos, viúva)

Rute expõe o Real do corpo e do tempo. A sua pontuação sobre não dar conta mais evidencia o luto que a atravessa, corroborando o pensamento de Mucida (2002, p. 146): “[...] além dos lutos de objetos perdidos, existem os lutos que cada um deve fazer de si mesmo”.

A importância do autorrelato

É, minha vida tem muita coisa. Casei com 19 anos e, depois de 1 ano, ele faleceu, um raio caiu nele. Aí fui cuidar do meu filho, sozinha, lutando daqui e dali. Me mudei pra cá porque morava na zona rural... lutando..., mas hoje em dia tenho uma casa minha..., mas minha família ajudou. Mas depois da velhice, arrumei um marido que só me jogava pra baixo, vivia me humilhando e me traía, não tinha respeito... do meu lado tava falando com a mulher... Eu adoeci e os problemas de saúde que tenho hoje é por isso, por nervoso. Mas depois que ele saiu, agora eu tô bem, fiquei livre de muita coisa, uma libertação. (Cora, 69 anos, viúva)

O relato de Cora aponta para uma divisão de tempos, ela inicia contando acerca de sua vida anterior, sua história e dizendo sobre suas vivências, atribui sentidos a ela, como por exemplo, a luta de cuidar do filho. Ao final de sua fala, parece realizar uma elaboração do presente e da velhice como um momento de libertação, conferindo um sentido à sua fala, uma vez que, como observa a filósofa Judith Butler, “o ato de relatar a si mesmo, portanto, adquire uma forma narrativa, que não apenas

depende da capacidade de transmitir uma série de eventos em sequência com transições plausíveis, mas também recorre à voz e à autoridade narrativas [...]” (Butler, 2015, p. 14).

Muito bom viver, eu vivo caminhando... também tem as amizades que eu já falei. É importante a gente viver. Mas a minha irmã mesmo não saiu puxando eu, se sentindo muito velha e ela é a caçula. Minha vida foi muito sofrida. Fui criada por outra pessoa, mal, que não era minha mãe. Fazia de tudo... foi uma vida sofrida e agora na velhice me sinto jovem, porque eu não podia sair, conversar com os outros e nem nada, até eu casar com 15 anos, por sofrimento. Agora que eu tô vivendo e me sinto jovem porque na mocidade era só prisão e trabalho. Agora me sinto jovem, porque mocidade eu não tive, eu era doida com escola, com estudo, mas não podia porque ela falava que eu tava aprendendo a escrever pra fazer carta pra namorado. Eu fui uma escrava... (Eugênia, 70 anos, viúva)

Eugênia inicia seu relato de modo poético, trazendo em cena a vida enquanto caminhada e como é bom viver, caminhar. Aponta a conexão com os seus relatos anteriores e por meio da interpelação, parece dar contornos à sua história, produzindo algumas reflexões a partir disso, pois como afirma Butler (2015, P. 30):

Se dou um relato de mim mesma para alguém, sou obrigada a revelá-lo, cedê-lo, dispor-me dele no momento em que o estabeleço como meu. É impossível fazer um relato de si mesmo fora da estrutura de interpelação, mesmo que o interpelado continue implícito e sem nome, anônimo, indefinido. A interpelação é que define o relato que se faz de si mesmo, e este só se completa quando é efetivamente extraído e expropriado do domínio daquilo que é meu. É somente na despossessão que posso fazer e faço qualquer relato de mim mesma.

Eu vivo durante o dia sozinha, meu marido chega à tardezinha. Eu tenho que agradecer muito pelo que eu já passei... não vou ficar esticando muito, mas pelo menos eu não vivo acamada, vou daqui e dali, dando uns tapinhas, mas é preciso ter coragem. (Catarina, 66 anos, casada)

Catarina inicia sua narrativa dizendo sobre si, mas em seguida traz outros elementos ao seu autorrelato, elementos que de alguma forma, compõem a sua história, explicitando que “quando o “eu” busca fazer um relato de si mesmo, pode começar consigo, mas descobrirá que esse “si mesmo” já está implicado numa temporalidade social que excede suas próprias capacidades de narração” (Butler, 2015, p. 11).

Bom, depois que minha mãe morreu, em 2011, eu sofri muito, mas segui em frente e até parei de fumar. Chorava demais por causa dela, eu ficava muito triste em casa. Trabalhei muito tempo porque meu irmão não me ajudava. Mas hoje em dia, a única coisa que está me incomodando é meus dentes frouxos, está me incomodando na auto estima, mas vou arrumar daqui uns dias, de graça, por que eu não sou aposentada, eu recebo só aquele auxílio, mas já dei entrada com a advogada, meu irmão que vê pra mim, por que ele entende. Aí se tiver esse dinheiro, vou fazer implante, meu sonho é ter os dentes bons, que fica bonito. Ah, e nunca mais arrumei namorado por causa dos dentes ruins, não dá nem pra beijar (risos), mas eu ainda tenho esperança e fé em Deus, se Deus achar que é pra minha felicidade, eu acho bom ou senão fico sozinha, é bom ficar sozinha. Eu fico feliz com a minha vida. Por que tem muita solidão a dois, por isso entrego a Deus. (Clarice, 64 anos, solteira)

O início do seu autorrelato faz referência à posição adquirida com a interpelação e ao longo do seu discurso, é possível compreender como a singularidade da narrativa se dá, uma vez que Clarice apresenta sentidos completamente diferentes da sua vida, tendo em vista que traz do incômodo ao sonho, abrindo espaço para esse lugar da ordem do desejo, pois “é somente frente a essa pergunta ou atribuição do outro - “Foste tu?” - que fornecemos uma narrativa de nós mesmos ou descobrimos que, por razões urgentes, devemos nos tornar seres auto narrativos” (Butler, 2015, p. 13).

Os contornos e amarrações possíveis da velhice

Viver sem tempos mortos

Não mais me deitar no feno perfumado ou deslizar na neve deserta.

Onde eu exatamente me encontro?

O que me surpreende é a impressão de não ter envelhecido, embora eu esteja

instalada na velhice.

O tempo é irrealizável.

Provisoriamente o tempo parou para mim.

Provisoriamente.

[...]

Não desejei e nem desejo nada mais do que viver sem tempos mortos.

- Simone de Beauvoir

A peça *Viver sem tempos mortos* (2012), uma seleção de frases de Simone de Beauvoir inspirada na sua correspondência com Jean-Paul Sartre, nos apresenta em suas linhas uma construção de significantes sobre o seu envelhecimento, onde a autora francesa aponta para a irrealização do tempo, ou seja, o seu modo subjetivação e compreensão, que em muito se aproxima da análise do que fora exposto pelas entrevistadas e das discussões decorridas delas, sendo possível compreender que, suas narrativas exibem olhares diferentes acerca da velhice, trazendo costuras desse tempo de vida com suas características singulares.

A partir das questões direcionadas, foram suscitadas narrativas e elaborações que parecem oferecer contornos ao Real da velhice. Destaca-se que fora comum a aparição da manifestação do inconsciente atemporal em um corpo que envelhece, atravessado por suas experiências ao longo da vida. Esse desencontro, “provoca um desajuste, que desperta sentimentos ou emoções que até então não eram sentidas ou não percebidas” (Silva, 2018, 118). Compreende-se assim, como apontado em algumas das narrativas, um processo de luto.

O luto aponta para a perda de algo ou de alguém, no entanto, como articulado por Freud (1974, P. 186),

o luto, como sabemos, por mais doloroso que possa ser, chega a um fim espontâneo. Quando renunciou a tudo que foi perdido, então consumiu-se a si próprio, e nossa libido fica mais uma vez livre (...) para substituir os objetos perdidos por novos igualmente, ou ainda mais, preciosos (p. 186).

Assim, observa-se que no processo do luto, a libido pode ser deslocada para diferentes objetos e em diferentes tempos, de acordo com o que compõe o sujeito, o que reforça e legitima a atemporalidade do desejo e a sua modificação, conferindo diversas direções e orientações. Assim, ainda que haja o luto pelo que fora perdido, ainda há a possibilidade de novos sentidos e rumos para o sujeito, que é constituído pelo desejo.

Ainda, trazendo em cena especialmente a questão da contemporaneidade, para além da experimentação da perda que diz respeito à ordem subjetiva, na velhice o sujeito se depara enquanto “eu” frente a um Outro, o que como apontado nas narrativas das entrevistadas, confere um encontro com uma cultura que associa a velhice à impotência, decadência, inferindo a velhice como um sintoma social, pois como nos lembra Mucida (2009, p. 16), “o culto ao ‘novo’ impõe ao corpo envelhecido muitos limites e paradoxos”.

Mesmo com o crescimento exponencial da população idosa, o que se presencia culturalmente, como assinalado pelas participantes, é um discurso generalizado a respeito do momento da velhice, que não “leva em conta a singularidade do sujeito, em que as doenças e o sofrimento encontram respostas em “é próprio da idade ou é da velhice”. Aí não há diferença.” (Silva, 2018, p. 117)

Por vezes ao longo da resposta, fora comum o surgimento do preconceito relacionado à velhice, bem como da antecipação de um saber sobre o sujeito velho, causando mal-estar, de modo que tais interpretações atuam e precedem transformações no “eu”, que é atravessado por este olhar do outro, fazendo com que a escrita da velhice seja interpelada por tais implicações, como nos aponta Butler (2015).

Tais apontamentos fomentam a discussão acerca do envelhecimento na contemporaneidade, uma vez que afetam o sujeito, causando diversos modos de sofrimento. Numa sociedade pautada pela transitoriedade e o temporário, que contempla padrões de beleza cada vez mais inalcançáveis, envelhecer é estar cercado de diversos olhares, imposições e ideais sobre o que é ser velho.

Fórmulas mágicas para envelhecer bem, que se baseiam em um estilo de vida determinado, com práticas de exercícios, boa alimentação e uma série de afazeres de uma lista gigantesca, a qual é impossível cumprir por completo. Nesse viés, de acordo com Vanessa Santos de Freitas (2022, p.13),

emergem diversos termos para referir-se ao envelhecimento, como 'envelhecimento saudável', 'envelhecimento ativo', 'melhor idade', 'terceira idade', 'envelhecimento empoderado' e 'envelhecimento bem-sucedido'. Tais denominações não deixam de ser eufemismos criados a fim de afastar os sentidos pejorativos historicamente construídos e amalgamados às palavras como idoso e velho.

Assim, o sujeito em envelhecimento se depara com incontáveis paradoxos, seja pelo culto social de corpos perfeitos e adequados, seja por padrões de beleza, que não contemplam características da passagem do tempo, ou por inferências que apontam para a forma correta de se envelhecer, as quais ignoram a subjetividade e singularidade desse processo.

Cabe destacar que, em contrapartida do que se parece ser uma concepção social, a velhice se instala, portanto, como um modo de existir (Mucida, 2012), não se fixando no estabelecimento de uma forma homogênea, deve ser compreendida como

resultado das amarrações possíveis entre Real, Simbólico e Imaginário, sendo assim concebida a partir dos significantes que cada sujeito utiliza para fazê-lo.

Retomando às entrevistas, diante da pergunta inicial sobre o significado de envelhecer, mostrou-se comum que as participantes se reconhecem como envelhecidas e fazem essa nomeação de modos singulares, garantindo que essa não é uma condição que as limita, mas que lhes confere experiência, conhecimento, caminhada e vida. Essa nomeação e elaboração singular, já é realizada por elas a partir de sua participação no referido grupo de Idosos.

O que se percebe é que o grupo, por ter a velhice e o envelhecimento como temáticas, parece oferecer furos a esse Real que atravessa o sujeito localizado neste tempo, uma vez que possibilita um espaço de construções de narrativas acerca das possibilidades de assimilação daquilo que se apresenta, bem como, um local de identificação daqueles que estão inseridos. O manejo do grupo parece apontar para uma retificação subjetiva e sublimação das participantes, oferecendo escuta e possibilidade de organização do Real.

Deste modo, fica evidente que, apesar das inferências sociais, não existe uma forma ou receita correta para envelhecer, posto que, cada sujeito envelhece de um modo particular, fazendo uma leitura da velhice a partir dos seus próprios significantes, traços e atravessamentos, sinalizando como a psicanálise pode contribuir com o rompimento dos estigmas sociais acerca da velhice, pois fica, explícito que, apesar da subjetivação, os efeitos do mal estar da cultura recaem sobre o sujeito, uma vez que este também é um efeito do discurso (Mucida, 2012).

Ademais, é impreterível evidenciar o papel da escuta e de sua função, como um meio de dar possibilidades de resignificação e elaboração para os processos que o sujeito enfrente e tudo que lhe atravessa. A retificação subjetiva é a ponte para que o sujeito possa apropriar-se de sua existência e retornar para o lugar de sujeito desejante.

REFERÊNCIAS

A casa em cubinhos. Kunio Katō; Masanori Kusakabe; Japão, 2008. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=jUVhV1px6js>.

Amor, Ana Rosa de Sousa Amor; Chatelard, Daniela Scheinkman. Considerações sobre tempo e constituição do sujeito em Freud e Lacan. **Tempo Psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 48.1, p. 65-85, 2016.

Amor, Ana Rosa de Sousa. **O TEMPO DA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO: considerações sobre o tempo na psicanálise**. Tese (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura) - Departamento de Psicologia Clínica. Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

Brum, Eliane. O mundo da gente morre antes da gente. El País Brasil, São Paulo, 18 de Agosto de 2014. Seção: Opinião. Disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2014/08/18/opinion/1408367710_653831.html?outputType=amp>. Acesso em 04 de agosto de 2022.

Brasil. Ministério da Saúde. Estatuto do Idoso / Ministério da Saúde - 3. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.

Butler, Judith. **Relatar a si mesmo- Crítica da violência ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

Cazuza. Poema, 1975.

Coelho, Daniel Menezes; Santos, Marcus Vinicius Oliveira. **Apontamentos sobre o método na pesquisa psicanalítica**. Analytica, São João del-Rei, v. 1, n. 1, p. 90-105, julho/dezembro de 2012.

Dallabrida, Gabrieli. **A velhice e o encontro com o real: tempo de refazer e ressignificar**. UNIVERSIDADE REGIONAL DO NOROESTE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. 2020.

Elia, Luciano. **O conceito de sujeito**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora: 2004.

Figueiredo, Luís Cláudio e MINERBO, Marion. **Pesquisa em psicanálise: algumas ideias e um exemplo**. J. psicanálise. [online]. 2006, vol.39, n.70, pp. 257-278. ISSN 0103-5835.

Fink, Bruce. **O sujeito Lacaniano: entre a linguagem e o gozo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

Freitas, Vanessa Santos de. **Velhice “bem-sucedida”? Uma genealogia dos sentidos sobre o envelhecimento na contemporaneidade**. 2022. 141 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) — Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

Fresler, Alba. **A psicanálise de crianças e o lugar dos pais** / Alba Fresler; tradução Eliana Aguiar; revisão técnica: Teresinha Costa. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

Freud, S. [1939], **Análise Terminável e Interminável**, in Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XXIII, Rio de Janeiro, Imago, 1996.

Freud, S. (1974). **O inconsciente**. In E.S.B. (J. Salomão, trad., vol.XIV, pp. 184-267). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915)

Freud, S. (1974). **Sobre a transitoriedade**. In E.S.B. (J. Salomão, trad., vol.XIV, pp. 184-267). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1916 [1915])

G1. **Preconceito contra idosos é comum no transporte público**. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/noticia/2019/10/01/preconceito-contra-idosos-e-comum-no-transporte-publico.ghtml>. Acesso em 07 de julho de 2022.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Em 2019, a expectativa de vida era de 76,6 anos.** 2020. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-denoticias/releases/29502-em-2019-expectativa-de-vida-era-de-76-6-anos#:~:text=Uma%20pessoa%20nascida%20no%20Brasil,9%20para%2080%2C1%20anos>. Acesso em: 01 junho de 2023.

Kobori, Eduardo Toshio. **Algumas considerações sobre o termo Psicanálise Aplicada e o Método Psicanalítico na análise da Cultura.** Revista de Psicologia da UNESP 12(2), 2013.

_____. (2008). O seminário livro 11 – **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original publicado em 1964

Lacan, Jacques (1961-1962) **O Seminário, Livro 9: A identificação.**

Mãe, Valter Hugo. **A máquina de fazer espanhóis.** São Paulo: Cosac Naify, 2011.

Matos, Vanessa Biscardi; Belo, Fábio Roberto Rodrigues. **Transformações do eu na velhice: consequências psíquicas e para a prática clínica.** Rev. Latinoam. Psicopat. Fund. São Paulo, 24(3), 641-664, set. 2021.

Minayo, Maria Cecília de Souza. **Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade.** Ciência & Saúde Coletiva, 17(3):621-626, 2012.

Mucida, Ângela. **Escrita de uma memória que não se apaga - Envelhecimento e velhice.** Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

Mucida, Ângela. **O sujeito não envelhece - Psicanálise e velhice.** 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

Mucida, Ângela. **Respostas sintomáticas e Acontecimento de Corpo - Direção do tratamento na Clínica com idosos.** 2012. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

Neves, Brenda Rodrigues da Costa. **Os autismos na clínica nodal** [manuscrito] / Brenda Rodrigues da Costa Neves. - 2018. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

Paludo, Isadora Cristina Putti; et al. **Idosos Soropositivos: A Construção de Significados para o Envelhecimento com HIV/Aids.** Psicol. cienc. prof. 41, 2021 <https://doi.org/10.1590/1982-3703003224079>

Portal SESC São Paulo. **Pesquisa Idosos no Brasil – 2ª Edição 2020.** Disponível em: https://portal.sescsp.org.br/online/artigo/14626_PESQUISA+IDOSOS+NO+BRA+IL+2+EDICAO+2020. Acesso em 07 de julho de 2022.

Rodrigues, Lizete de Souza; SOARES, Antonio Geraldo. **Velho, idoso e terceira idade na sociedade contemporânea.** Revista Ágora, Vitória, n.4, 2006, p. 1-29.

Simone de Beauvoir. **Viver sem tempos mortos,** 2012.

Santos, et al. **Sobre a Psicanálise e o Envelhecimento: Focalizando a Produção Científica.** Psicologia Clínica e Cultura. Psic.: Teor. e Pesq. 35, 2019. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e35423>

Santos, Michelle Aguilar Dias e BELO, Fábio Roberto Rodrigues. **Entre o corpo e o outro: uma leitura laplancheana da velhice.** Psicol. estud., v. 26, e 44497, 2021.

Santos, M. A. D. (2016). **Corpo feminino, sexualidade e envelhecimento: considerações psicanalíticas.** In Anais do V Congresso Nacional de Psicanálise, Direito e Literatura: leituras interdisciplinares sobre violência de gênero – o remorso de Baltazar Serapião (169-176). Belo Horizonte, MG.

Silva, E. L. da; Menezes, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação.** 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2005. 138 p. Disponível em: <www.posarq.ufsc.br/download/metPesq.pdf>. Acesso em: 24 de junho de 2022.

Silva, J. M de. A clínica psicanalítica com idosos: uma construção. **Revista: Estudos de Psicanálise.** n, 49. Belo Horizonte: 2018.

Teixeira, Selena Mesquita de Oliveira. **Preconceito e discriminação na velhice: uma análise sobre a relação com a crise suicida.** 2019. Tese de Doutorado. Doutorado em Psicologia. Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2019.

Toquinho e Vinícius de Moraes. Sei lá... a vida tem sempre razão. 1971.

Turato, E. R. (2003). **Tratado de metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: Construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas de saúde e humanas** (1ª ed.). Petrópolis: Vozes.

Zanotti, Susane Vasconcelos. **O adolescente e seus enlaces: considerações sobre o tempo.** Opção Lacaniana. Ano 7. Número 20, julho de 2016. ISSN 2177.

APRESENTAÇÃO DOS AUTORES

Renata Wirthmann é psicanalista e professora associada do curso de Psicologia da Universidade Federal de Catalão (UFCAT). Escreve livros infantojuvenis e foi contemplada com a bolsa FUNARTE de criação literária em 2009 e uma menção honrosa no I Concurso Nacional de Literatura Infantil e Juvenil promovido pela Companhia Editora de Pernambuco em 2010. Suas principais linhas de pesquisa são os estudos psicanalíticos da psicose, autismo e a clínica na contemporaneidade. Possui pós-doutorado em Teoria Psicanalítica na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), doutorado em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (UnB) e mestrado em Psicologia pela UnB.
contato: renatawirthmann@gmail.com

Marcelo Honório é psicólogo formado pela Universidade Federal de Catalão (UFCAT). Contribuiu com um conto literário na coletânea de textos e trabalhos visuais produzidos por minorias sexuais e de gênero, inserido no livro "Nossas Cores: (Re)configurando afetos e existências", promovido pelo coletivo LGBTQIA+ Retrato Colorido em 2019. Além disso, tem se dedicado aos estudos de gênero, sexualidade e psicanálise, e é graduado em Letras - Português pela mesma instituição.
contato: cerlo.psi@gmail.com

Carmem Lúcia Costa é bacharel em Psicologia pela Universidade Federal de Catalão (UFCAT). É licenciada em Geografia (UFG) e possui mestrado, doutorado e pós-doutorado em Geografia Humana. É professora Associada do Instituto de Geografia da UFCAT, do Programa de Pós-Graduação em Geografia (IGEO/UFCAT) e do Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos (UFG). Atua nas linhas de pesquisa em Geografia humana; Geografia urbana; Gênero e diversidades; Direitos Humanos; Clínica psicanalítica na contemporaneidade.
contato - clcgeo@gmail.com

Maria Eduarda Leão é psicóloga pela Universidade Federal de Catalão (UFCAT), pós graduanda em Transtornos Alimentares, Psicanálise e Cultura pelo Instituto ESPE. Como também, se dedica a estudos da clínica psicanalítica contemporânea.
contato: mariaeduardaleao.psi@gmail.com

Luami Venâncio é psicanalista e psicóloga pela Universidade Federal de Catalão (UFCat). Atua e investiga acerca da clínica psicanalítica contemporânea, bem como gênero e sexualidade; feminino e devastação.
contato: luami.venancio12@gmail.com

Nadilah Bueno da Cunha é licenciada e bacharela em Psicologia pela Universidade Federal de Catalão (UFCAT) e pós-graduanda em Psicopatologia, psicanálise e clínica contemporânea pelo Instituto de Ensino Superior em Psicologia e Educação (ESPE). Se dedica aos estudos da psicanálise para crianças e idosos, bem como à temática do autismo.
contato: nadilahbuenopsi@gmail.com